

J A N A H S I L V A



MEU AMIGO



Cookie





MEU AMIGO
Cookie



Janah Silva

Copyright © 2018 Janaína Silva

Título: Meu amigo Cookie

Autora: Janah Silva

Revisão: Clys Oliveira

Capa: Noemi Nicoletti

Diagramação: April Kroes

Todos os direitos reservados.

Sumário



<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografía](#)

Àquela que com seu cão levado me inspirou a escrever essa história, e aos
amores da minha vida e a você.

*“Eu veria as formas dos sons
e sentiria as palavras e a música com minhas mãos”
Autor Desconhecido*



CECÍLIA

EU JÁ NÃO SEI MAIS o que fazer. Nunca, em mil anos, eu me imaginaria numa situação como essa.

Cookie ultrapassou todos os limites possíveis de um cão e esgotou toda a minha paciência para uma manhã de domingo.

Ele pesa quase a metade do meu peso, e eu, com muita dificuldade, mas graças a uma grande quantidade de adrenalina que circula pelo meu corpo, atravesso o parque com ele no colo, exigindo de cada músculo do meu corpo um esforço imensurável. Estou praticamente me arrastando pela grama, tentando visualizar o caminho por cima da gama de pelo de Cookie.

Ele sabia o que aconteceria quando chegássemos em casa, por isso, na

tentativa de me impedir em dar-lhe uma bronca, usou de sua única arma disponível para me calar: passear a língua por cada canto do meu rosto, deixando nele rastros de baba. Esperto como ele é, está tentando me ganhar na lábia, literalmente.

Mas não conseguirá. Não desta vez.

Cookie é meu melhor amigo de quatro patas e, como todo melhor amigo, adora me meter em encrencas. Meus joelhos ardem, minha blusa rosa bebê ganhou um novo tom em degradê marrom e meus cabelos eu nem faço ideia da situação na qual se encontram. Imagino não estarem mais comportados em um rabo de cavalo, dada a maneira cautelosa que Sr. Cézar me aborda quando chegamos em casa, tirando alguns fiapos de grama presos em meus cachos, segundos antes de Cookie saltar de meu colo e dar com as patas direto em seu peito. Se meu pai não fosse um homem robusto, a essa altura estaria dando direto com o traseiro no chão.

— O que aconteceu, Lia, está tudo bem com vocês? — ele pergunta tentando conter o riso, enquanto alisa as costas de Cookie.

— Com ele... — aponto com a cabeça enquanto inclino o corpo para frente, na tentativa de recuperar o fôlego — tudo bem, já comigo! — respondo ainda buscando ar com força. — Não sei se sobrevivo a uma próxima.

Cézar Augusto abre um sorriso, que eu considero um exagero dada a situação em que me encontro.

— Quer me contar qual foi a da vez? — diz, se abaixando para ficar na altura de Cookie e fazer-lhe um afago na cabeça, enquanto a nova determinação do nosso cão parece ser desvendar o gosto das novas botas de borracha que meu pai calça.

Suspiro fundo antes de contar: — Cookie roubou a mamadeira de um bebê no parque. — Simplifico e aproveito para descansar meu traseiro sobre a calçada convidativa.

Não basta estar destruída, física e emocionalmente, pela travessura do meu cão, meu pai resolve apoiar seus *miseros* noventa e oito quilos em meu ombro miúdo, para se acomodar ao meu lado.

Torço o pescoço a procura de Cookie que já não está mais sob a supervisão de meu pai, e quando meus olhos o encontram ele está se refrescando em uma poça d'água formada pela mangueira que meu velho usava, minutos antes, para aguar as mudas recém-plantadas — destruídas também por Cookie — do nosso pequeno jardim. Ele rola por todo lado, bebe da água da poça até congelar em uma posição inominável por mim, de barriga para cima com as quatro patas arriadas para absorver tranquilamente os raios de sol. Uma baita sacanagem depois de tudo que me fez passar.

— Hãn? — murmuro por não entender a pergunta, e o motivo dos lábios de meu pai estarem curvados em um sorriso zombeteiro.

— E a mamadeira?

— Pai!? — sufoco um grito, mas meu tom é alto o suficiente para repreendê-lo pela brincadeira de mau gosto.

Ele simplesmente solta uma sonora gargalhada.

— Não faz ideia dos “elogios” que recebi da mãe daquela criança quando ele saiu em disparada com a mamadeira. Quando enfim consegui alcançá-lo e estava prestes a tirar o objeto da boca dele, Cookie me driblou enroscando a guia em minha perna direita e acabou me arrastando alguns metros pela grama. Foi quando eu ganhei isto. — Aponto meus joelhos ralados. — Ah, e se quer mesmo saber, a mamadeira está sem condições de reaproveitamento — informo sem nenhum humor.

— Você sabe o que tem que fazer, não é? — Meu pai ressalta me aconchegando em seu corpo forte e fofo em um meio abraço, as sobranças arqueadas de forma sugestiva.

Confirmo com um meneio de cabeça, convicta de que não me resta outra alternativa. Cookie vem até mim com seu pote de ração preso entre os dentes. A verdade é uma só: ele necessita de um pouco de disciplina e, embora eu seja totalmente contra a minha própria decisão, acredito ser melhor sacrificá-lo a isso antes que a próxima vítima não sobreviva para contar as peripécias de meu amigo.



São sete da manhã de segunda-feira e eu aguardo minha vez para preencher a ficha de cadastro de Cookie.

Seria um gasto, visto por muitos, como supérfluo, inclusive eu mesma compartilhava dessa opinião até me ver em absoluto desespero; mas ele precisa gastar toda a energia que tem acumulada.

A casa onde moramos com meu pai é uma construção geminada e a única área livre para Cookie fazer suas atividades físicas tem pouco mais de três metros quadrados. Para um Golden Retriever, é quase impossível se exercitar em um espaço tão pequeno.

Com meu trabalho em expediente integral numa empresa especializada em cobranças, durante a semana não me sobra muito tempo disponível para um passeio ao ar livre com meu amigo. Por isso, sempre que possível, aproveitamos

o período da tarde de alguns sábados, outras vezes, os domingos, para ambos nos exercitarmos no parque de área gramada que fica bem em frente a nossa casa.

Quando Cookie era filhote, eu não tinha dificuldades em mantê-lo na linha, mas agora que entrou na fase adulta, ele passou do queridinho bola de pelo para o animal mais odiado de todo o Parque Bacacheri. Cookie é capaz de espantar famílias inteiras em um piquenique, amedrontar outras espécies de cães, roubar mamadeira de bebês e ainda me arrastar feito uma marionete por todo lado.

Minha última esperança, é a “Amo Patas”.

Quase tive um enfarte quando calculei os números que seriam subtraídos do meu salário todo mês.

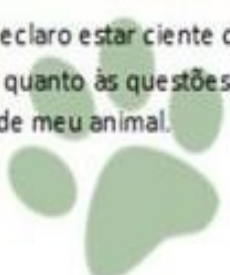
— Isso é praticamente a metade do que ganho! — exclamo num tom alto o suficiente para que a mulher do outro lado do balcão ouça; sem pretensão alguma de que minha reação possa, milagrosamente, tocá-la a ponto de me dar um desconto. Mas a verdade é que, nunca em minha vida, cinco por cento me pareceu tão significativo como agora.

A funcionária, de pele tão branca quanto um copo de leite, arqueou uma de suas sobrancelhas bem delineadas e negras em minha direção, como quem diz: “E aí, vai assinar ou não esse contrato, querida?”

Termo de Responsabilidade

Eu, _____ declaro estar ciente de todas as normas estabelecidas pela empresa, e me responsabilizo quanto às questões financeiras impostas para o adestramento e/ou reabilitação de meu animal.

Assinatura



Hesito apenas por um momento.

Assinar aquele termo de responsabilidade me custaria um sacrifício financeiro enorme, mas ao olhar para Cookie, que me encarava com um olhar que beirava à súplica, mais do que depressa desenhei minha melhor assinatura naquele papel. Eu realmente esperava obter bons resultados com os treinamentos.

Feito.

Cookie está matriculado na creche.



Depois de deixar Cookie em seu primeiro dia de treinamento, entro em um ônibus que me levará o mais próximo de onde ficava meu trabalho, na zona sul. Sentada em um dos bancos duro feito pedra do veículo, eu gemo a cada solavanco que ele dá.

Estou toda dolorida pela tarefa árdua do dia anterior em tentar salvar, sem sucesso, o pule[1] dos dentes de Cookie. Suspiro resignada ao lembrar dele. Deve ser assim que as mães se sentem quando deixam seus filhos em seu primeiro dia de aula: impotentes.

Durante o trajeto, apoio minha cabeça na janela do ônibus e descanso meus olhos por um tempo. Levo na bolsa um livro de romance para ler no tempo livre, mas desisto da ideia ao recordar que ler em movimento me causa náuseas. O melhor que tenho a fazer é apreciar a paisagem durante o percurso ou descansar mais um pouco até meu ponto de descida. Opto pela segunda opção, já que a vista não me interessa muito.

— Ai! — grito ao sentir que alguém havia tocado meus joelhos ralados, me despertando do cochilo. Esfrego os olhos, me certificando de que não tinha caído em um sono profundo a ponto de sonhar.

Não, não era um sonho.

— Isso pode infeccionar. — Um rapaz sentado ao meu lado me alerta.

De onde foi que ele saiu? Agora a pouco não tinha ninguém sentado ali.

Eu o encaro receosa, não poderia ter cochilado tanto tempo assim.

Confiro em meu relógio de pulso os minutos que se passaram até aquele momento, constatando ter sido pouco mais de dez. Volto a encará-lo e noto que ele ainda mira meus joelhos e, por instinto, puxo a barra do vestido até seu limite. Aquilo era estranho a ponto de me sentir desconfortável.

— O que pensa que está fazendo? — pergunto, segurando sua mão esquerda no ar, prestes a tocar novamente a ferida.

— Parece que o tombo foi feio — ele comenta sem se importar com meu tom repreensivo.

Um sorriso se forma no canto de seus lábios e pela primeira vez ele me olha nos olhos. Os dele possuem um tom de verde que contrasta bem com sua pele morena e seus cabelos tão escuros quanto um céu noturno. Eu o consideraria um cara bonito, pelo conjunto de traços e feições, se a circunstância fosse outra.

— É, foi sim — limito-me a responder enquanto movo sua mão para o mais longe possível de mim.

Volto o rosto para a janela e passo a mirar a paisagem, embora não preste atenção nela, e sim, permito minha mente vagar em análise às atitudes incoerentes do sujeito sentado ao meu lado. Eu o sondo vez ou outra de canto de olho e quando sou pega em flagrante, disfarço abrindo a bolsa em busca de alguma notificação invisível em meu aparelho celular.

Na tela, uma foto minha e de Cookie, que meu pai havia capturado há algum tempo, num dos raros dias tranquilos que tivemos no parque. Seria um ótimo disfarce se essa minha ação não tivesse chamado mais uma vez a atenção do maluco do ônibus.

— É um belo cão — elogia o intrometido, com o pescoço esticado para espiar a imagem e um sorriso quase inocente pregado no rosto.

O encaro perplexa. Tenho a mais absoluta certeza de que ele é capaz de decifrar em meu rosto todas as interrogações que estava prestes a fazer sobre sua sanidade mental. Mas, por sorte — a dele —, me situo do local onde estamos e noto que estou a apenas duas paradas curtas da minha descida. Sem respondê-lo, me levanto e tento disfarçar a dor nos joelhos. Temo que qualquer mínima reação minha possa acabar despertando ainda mais o interesse do cara ao lado, que me dá passagem sem relutar.

Agarro a haste de apoio do ônibus e dou alguns passos me posicionando próxima à saída. Confiro, olhando por cima dos ombros, minhas suspeitas de que aquele belo par de olhos, emoldurados em uma armação de óculos, ainda está grudado em mim.

Antes que os freios sejam acionados, desço um degrau, quão grande é meu desespero em sair o mais depressa dali. Mas meu instinto me leva a dar uma última conferida no rapaz que se despede com um breve aceno e o mesmo sorriso torto de antes congelado nos lábios.

Quando as portas se abrem, dou um salto imaginário para fora, já que a crua realidade tem sido totalmente inversa.

Por ora, eu estava salva, e não veria o maluco do ônibus outra vez. Pelo menos, não por um tempo.



CECÍLIA

O RELÓGIO MARCA oito e cinco da manhã quando tomo meu lugar habitual na sala especializada em cálculos financeiros da empresa.

Meu expediente inicia às sete e quarenta e cinco, e os números fluorescentes sobre minha mesa parecem acusar-me pela falta de pontualidade, assim como as cabeças dos meus colegas de trabalho voltadas em minha direção.

Em quase quatro anos fazendo parte do quadro de funcionários, eu nunca atrasei um minuto sequer, muito pelo contrário, sempre cheguei antes do horário. No único dia em que isso acontece, todos me olham como se eu fosse a responsável pela chuva torrencial que acaba de despencar lá fora, e que

possivelmente irá afogar algumas lagartixas.

Argh! Porque fui lembrar logo delas? Odeio lagartixas!

— Lia! — Roberta arrasta sua cadeira de rodinhas para perto de mim. Ela está prestes a me segredar algo quando analisa melhor minha figura deplorável.

— Ah, minha nossa! — Ela pisca as longas pestanas por diversas vezes antes de me questionar: — O que aconteceu com você?

— Um pequeno acidente — respondo de forma automática enquanto ela inspeciona com as mãos um ponto dolorido em meu braço. — Obra do Cookie.

— Precisa cuidar disso. — Mira meus joelhos. — ou vai...

— Infeccionar? Eu sei! E acredite, você não é a primeira a me aconselhar sobre isso hoje — falo sentindo o frio gelar minha espinha pela lembrança embaraçosa da manhã.

— Minha avó sempre usou de suas receitas milagrosas em meus machucados quando garoto. — DVD se infiltra na conversa e a sombra de um sorriso zombeteiro dança em seus lábios.

Me preparo mentalmente para o que pode vir a seguir.

— E qual seria? — Roberta se adianta em questioná-lo enquanto procuro encontrar uma posição confortável em minha cadeira, o que está sendo uma tarefa ainda mais difícil do que conseguir contato com o advogado responsável por algumas perícias pendentes, e que estão sob minha jurisdição. Primeira nota dentre os meus afazeres mais urgentes da semana.

— Cecília? — Uma voz grave e firme ressoa entre nós, o que faz Roberta deslizar de volta para sua mesa e impede que DVD me passe o truque secreto de sua avó. — Na minha sala. Agora! — A última palavra atinge rudemente meus ouvidos, enquanto o dono dela trilha de volta o caminho por onde veio.

— Roger está impaciente à sua procura desde que chegou, e pela cara dele, hoje não é um dos seus melhores dias — alerta-me Roberta aos sussurros.

— Então estamos quites — respondo ao ficar de pé, sem conseguir impedir que uma careta de dor estampe meu rosto.

— Quer ajuda? Posso te levar no colo antes que ele grite por você de novo — oferece DVD. — Nas suas condições uma tartaruga chegaria mais rápido.

Lanço um olhar mordaz para o meu amigo de longa data, capaz de revelar todos os impropérios que me vem à cabeça e seu amplo sorriso morre. Não duvido que ele seja capaz de me carregar facilmente em seus braços, dado a grande quantidade de músculos que ele faz questão de malhar todos os dias. Mas eu não poderia deixar de repreendê-lo pela brincadeira, nem que fosse apenas com um olhar mortal, uma vez que a cada passo que dou, o movimentar das rótulas dos meus joelhos faz com que as feridas ardam e que eu tenha que me conter para não desatar a chorar como uma criancinha.

Quem já ralou qualquer parte do corpo que seja, sabe que a dor parece ser infinita. E dói! Dói muito!

Mas, então, durante a minha lenta caminhada e antes de seguir pelo corredor em direção a sala do meu chefe, olho de relance para Roberta e depois para DVD que, sob os olhos semicerrados da morena, formula um pedido de desculpas em modo mute.

Juro que naquele instante não entendi o que aquilo significava.

Entro na sala de Roger e sem olhar para mim, ele ordena com uma educação nada sociável para que eu tranque a porta. Obedeço e passo a observar a arrumação do cômodo, que tem três vezes o tamanho da sala da minha casa. O sofá em acabamento *Sued* em tom claro é o móvel que divide o espaço em dois ambientes.

À minha esquerda, o lado dos negócios com os empreendedores, é composto pela mesa de madeira escura e suas cadeiras de estofado em couro. Um pequeno acervo de livros de diversos títulos das áreas do direito, economia, administração e política, decora toda a parede ao fundo e se estende até próximo a passagem que dá acesso a um lavabo privativo.

Do outro lado são realizados nossos negócios pessoais, decorado pelo sofá, uma *chaise longue* branca, um tapete fofo onde meus dedos afundam prazerosamente em meio a pelagem, e uma tevê presa a um painel *mahogany* que nunca é ligada.

Roger, que está com o cóccix apoiado na beirada da mesa, se levanta e passa por mim numa velocidade invejável até a outra extremidade da sala. Levo cerca de cinco segundos para compreender o que ele quer e qual o motivo de tanta agitação.

— Não, não, não! — grito, impedindo que ele se acomode no divã improvisado para mais uma de nossas sessões.

— Mas eu preciso de você...

— Pense nisso da próxima vez que deixar sua educação repousando em casa.

— Por favor, Cecília!

Constrangido, ele esfrega a nuca e me encara com seus felinos olhos acinzentados, enquanto levo as mãos até a trava da porta e me permito demorar ali por meio minuto, tentando constatar se é genuína a doçura em sua voz.

Roger tem uma capacidade assustadora de alterar o humor, e levei um longo tempo para decifrar quando ele realmente carecia de ajuda. Se hoje for este o caso, todo meu teatro servirá para que ele se redima.

— Desculpa.

Bingo!

Não é a primeira vez que minha consciência me faz questionar se esse

momento íntimo entre mim e Roger é errado. Sinto uma leve pontada na cabeça todas as vezes em que me vejo nessa situação e é impossível não pensar em Laura, esposa do meu chefe. Mesmo que nossa amizade tenha esfriado ultimamente, ainda a considero minha melhor amiga desde os tempos de colégio.

Entretanto, afasto a nuvem de culpa e me convenço de que: mesmo que ela não faça ideia desses nossos lances terapêuticos, eu a estou ajudando também. Não seria possível que ela me considerasse uma traidora por tentar persuadir seu marido a não cair em tentação pela mulherada que o cerca.

Olhando a maneira relaxada como Roger se posiciona no estofado e desabotoa os primeiros botões da camisa social, preciso rogar mais uma vez aos céus que me livre do azar de um dia me apaixonar por um cara estupidamente bonito igual a ele.

— Quem foi que tentou te seduzir desta vez? — questiono ao me aproximar da janela, de costas para ele, e admirar o tempo turvo lá fora.

— Você não vai acreditar! Estou ferrado. Se Laura desconfiar...

Meu alarme interno berra. Se existe possibilidade de Laura desconfiar, quer dizer que a autora/vítima é conhecida, e com certeza isso não é bom sinal. Volto-me em sua direção e arqueio uma sobrancelha enquanto aguardo que ele me revele o nome. Em todas as vezes, ele me confessa sem hesitar, porém, desta vez faz uma pausa tão dramática que eu tenho de sufocar um grito quando vejo em seus olhos que essa revelação me chocará tanto quanto chocou a ele próprio.

— Não prefere se sentar primeiro?

— Estou bem de pé — afirmo, mesmo sem ter essa certeza.

— Catarina.

— O quê? — grito estupefata. — Achei que morenas não fizessem seu tipo.

— Mulheres atraentes sempre fizeram o meu tipo, Cecilia!

Eu queria gritar “Arrá! Te peguei”, ou, “Arrá! se entregou”, mas eu estava surpresa demais para curtir com a cara dele.

— Pois mulher nenhuma, além da sua esposa, deveria fazer seu tipo, Roger. Já cansei te pedir para fugir das tentações. Por que não me ouve?

— Eu fujo. Há dois anos. Inclusive foi o que fiz o fim de semana inteiro naquele maldito workshop no Rio de Janeiro que você me inscreveu — cospe as palavras acusatórias sem nem ao menos respirar. A essa altura ele está de frente para mim tentando me intimidar. Estufo o peito e levanto o queixo, e não pensaria duas vezes em subir na poltrona para encará-lo na mesma altura, se meus joelhos não estivessem latejando no mesmo ritmo que as batidas do meu coração.

— Faz ideia das beldades que me cercaram por lá?

Bufo.

— Ah, me economize, Roger!

— Pois se soubesse, sentiria orgulho de mim. Eu mesmo senti. Planejei até uma noite de comemoração com Laura, mas tudo foi por água abaixo quando chamei o elevador esta manhã e aquela maluca gostosa me agarrou.

Ele solta o ar preso nas bochechas.

— De todas as mulheres desta empresa, essa deveria ser a última a se deixar seduzir. E não ouse usar de adjetivos desse tipo para se referir a ela. Isso é inaceitável e nojento.

Ele engole em seco. Minha cara deve estar de matar.

— Só falta você me dizer que ela te agarrou, assim, do nada — falo, minhas mãos eufóricas e perdidas no ar, tanto quanto eu.

— Foi.

— Eu não acredito que seja cem por cento inocente. Alguma brecha você deu a ela. Vamos, me diga!

— Eu não fiz nada. Juro!

Balanço a cabeça negativamente e descarto sua inocência com um muxoxo.

— Aonde você está indo?

— Cumprir minha real função nesta empresa.

— Cecília?

— Não posso aceitar que vocês tenham feito isso.

— Eu não fiz nada. Talvez ela tenha roçado seus lábios nos meus, não tenho certeza. Mas não aconteceu nada além disso. Não acha que está sendo radical?

— E o que virá depois?

Ele nem pensa ao responder: — Não pretendo que isso se repita, quem dirá que tenha um depois. — Pelo tom de voz, Roger realmente parece sincero, mas eu estou desapontada demais para acreditar.

Estamos numa troca intensa de olhares enquanto uma pausa dramática paira entre nós. Faço um sinal de positivo com a cabeça e engulo as palavras que eu estava prestes a dizer, encerrando nossa conversa e me alertando de que ele ainda é o responsável pelo meu salário de todo mês, e que eu deveria um mínimo de respeito se quisesse manter meus compromissos financeiros.

Decidida a voltar ao trabalho, sangrando internamente em solidariedade por Laura, vou traçando na confusão dos meus pensamentos uma maneira de remediar esse feito assim que deixar essa sala, que se tornou impossível até mesmo respirar.

Meu sangue pulsa em meus ouvidos e sei que Roger está logo atrás de mim. E que em sua mente ele vasculha mais uma razão que me convença de sua inocência. Seguro com tanta força a maçaneta da porta que sou capaz de ouvi-la resmungar pelo estrangulamento.

Uma dor me corrói o peito, como se quisesse me lembrar que ainda está ali dentro, não permitindo nunca que eu me acostume com ela. A dor inflama, quando ao abrir a porta, dou de cara com Laura e sua destra cerrada em punho suspensa no ar, preparando-se para anunciar sua chegada.

— Lia! — ela não esconde a surpresa em me ver e me puxa para um abraço esmagador. — Saudades de você, pequena.

— Saudades de você também, avatar. — Devolvo a provocação à minha estatura sabendo que ela também não curte o apelido dos tempos de ensino médio, porém, minha voz soa desgostosa e não passa despercebido por ela.

— Espero que meu maridinho não esteja sendo muito duro com você. — Exibo um sorriso sem dentes enquanto ela caminha até Roger para depositar um beijo em seus lábios.

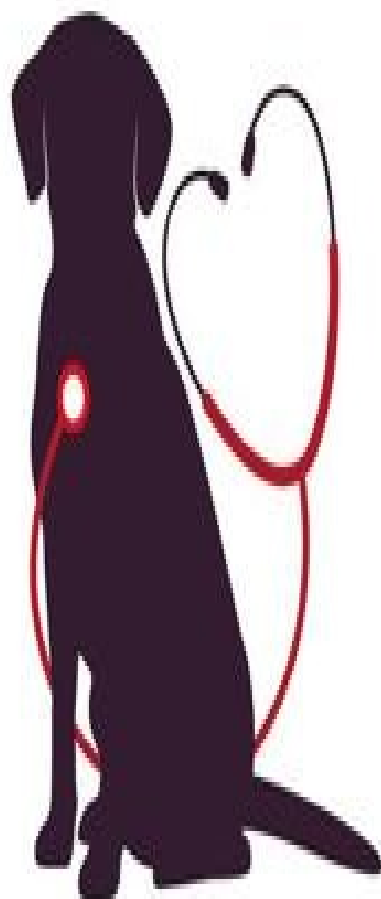
Ele me encara com um misto de súplica e desespero estampado no rosto.

Não a respondo.

Assistir a breve troca de carinhos que se desenrolou, me causa um enjoo súbito. Se minha amiga me desse ouvido teria fugido da roubada de se casar com um cara mulherengo, embora ele afirme, em praticamente todas as nossas sessões, que isso faz parte de um passado antes de conhecê-la. Sua tentativa em me fazer acreditar que se mantém fiel ao matrimônio mesmo após dois anos de casados se torna cada dia menos convincente. Diante do absurdo de se deixar seduzir pela prima e atual melhor amiga de sua esposa, eu diria que essa tarefa está cada vez mais impossível.

Sem ter mais o que fazer, eu me despeço de Laura e me apresso em sair dali antes que eu faça a besteira de dar com a língua nos dentes.

Capítulo 3



O_TÁVIO

AINDA É POSSÍVEL que eu sinta o sabor de sua voz em minha boca. Mesmo que o gosto amargo do analgésico que tomei logo pela manhã tenha tentado me confundir, para minha felicidade isso não aconteceu.

Minha cabeça continua pesada e o maxilar dolorido pela expressão congelada no rosto. O engraçado é que sei exatamente o motivo dos meus lábios estarem, exageradamente, curvados em um sorriso.

Essa sensibilidade em meu paladar nunca sucedeu de forma tão elevada e agradável, e, embora a presença desta sensação seja marcante, ainda assim me envolve de maneira sutil.

Ela tem um sabor composto e variado de frutas.

O que mais me encanta é que essa raridade nunca me ocorreu antes. Ser capaz de sentir o gosto de alguém sem que tenhamos um contato íntimo é novidade para mim. Essa é mais uma das variáveis de um fenômeno surpreendente, e que seria assustador se eu não tivesse conhecimento sobre minha condição neurológica.

Lanço meu corpo pesado sobre a cama de hóspedes onde passarei os próximos dias, até que eu encontre um novo lugar para me instalar, e agradeço aos céus pelo colchão macio que me envolve em um abraço reconfortante. Mal tive tempo de descansar de uma longa viagem e parti para minha primeira entrevista de emprego na cidade, onde considero residir, caso encontre uma oportunidade de expandir meus conhecimentos de forma prática.

Talvez Curitiba, com seu outono já adiantado, tenha mexido com meu relógio biológico, pois sinto uma necessidade quase desesperadora de afundar em meio aos travesseiros e me permitir um descanso. E é exatamente o que pretendo fazer. A cama que me acomoda é silenciosa, e mesmo que eu esteja inquieto na tentativa de encontrar uma posição confortável, o sabor que vivencio em meu paladar me impede de mergulhar na quietude do quarto.

Isso me faz voltar alguns bons anos. Eu ainda era um menino de oito anos, assustado, que corria para a cama macia de minha mãe assim que o despertador soava, tentando compreender o porquê de ver rastros coloridos flutuando em meu quarto assim que o dia amanhecia.

Quando contei isso pela primeira vez à minha mãe, seus grandes olhos verdes se arregalaram, mas não de forma aterrorizada. Ela abriu um largo sorriso, me aninhou em seu colo quente, e me contou que apenas pessoas com um dom especial tinham o poder de ver os rastros coloridos deixados pelos anjos quando o dia nascia. Disse que era uma herança genética, que eu havia herdado dela, e nós dois tínhamos essa condição diferenciada. A explicação para tudo veio gradativamente, conforme os anos passavam, em incontáveis buscas por estudos específicos pela *web* e a cada novo dom que me era revelado através do meu próprio corpo.

Não sei por quanto tempo ainda me mantenho preso a essas lembranças até que ouço meu nome sendo chamado ao longe.

— Otávio? — Sou trazido de volta à consciência por sussurros. — Otávio! — A voz desta vez é mais alta. — Otávio. — Meu nome soa estridente ao pé do meu ouvido e me traz bruscamente a realidade.

— Hum? — Ouço-me perguntar, mas em meu subconsciente tenho a certeza de que formulei uma questão bem mais elaborada com direito a ameaçar dar o troco em Laura.

— Ei! Não vá ficar de preguiça o dia inteiro, rapaz!

Murmuro algo incompreensível. Minha língua parece dormente e as palavras, sem sentido. O que raios está acontecendo comigo? Forço-me a sentar na cama e massajeio as têmporas tentando me recuperar da confusão na qual se encontra minha cabeça. Tudo, de repente, está fora de foco.

— Sua cabeça ainda dói? — minha irmã questiona e eu nem preciso concordar para que ela abra a gaveta da mesa de cabeceira e retire de lá uma cartela prateada repleta de comprimidos brancos, muito semelhante aos que ela me deu mais cedo.

Laura analisa a cartela, e mesmo diante da visão ainda turva, vejo seu semblante tomar uma forma engraçada. Uma mistura de acanhamento com outra coisa. Ela comprime os lábios, segurando o que eu diria. Não, não pode ser... Laura está reprimindo um riso?

— O que foi? — formulo a questão quase perfeitamente. Minha voz vacila no processo.

— Então... Sabe... — Ela agita a cartela no ar.

— O que há de errado? — Me arrasto para mais perto dela e posso sentir minhas sobrancelhas unidas em protesto pelo que ela irá me dizer. É como se meu corpo reagisse com antecedência em minha defesa, antes que eu tivesse consciência dessa necessidade.

Deus! Ela não fez o que eu desconfio que tenha feito.

— Não são analgésicos. É meu remédio para o tratamento de insônia — confessa entredentes. Sem ter o que dizer, me jogo de costas na cama. — Eles são muito parecidos, me perdoa. — Viro o rosto e fixo o olhar em seus olhos tão azuis como um céu sem nuvens. — Acho que devo te alertar sobre os possíveis efeitos colaterais.

Confirmo com um meneio de cabeça e cubro os olhos com o antebraço enquanto aguardo encontrar em suas palavras alguma coisa que faça sentido para o que venho sentindo nas últimas horas.

— *Okay* — ela diz após limpar a garganta. — Sono, muito sono. — Com certeza eu estou sentindo muito sono agora. — Cabeça pesada. — É óbvio se eu estou com muito, muito sono. — E... — Ela pausa, e nesse exato momento percebo que tem alguma coisa muito errada.

Laura retira meus sapatos, estende o edredom por toda a extensão do meu corpo, afofa o meu travesseiro e afasta meu braço do meu rosto para recolher meus óculos. Tudo isso para me enrolar e deixar de me revelar as demais consequências.

— E o quê, Laura? O que tem de pior nisso tudo? — pergunto enquanto seguro seu rosto para que ela não fuja mais.

— Eu sinto muito. Te dei duas doses.

— E o que isso quer dizer?

— Digamos que você possa vir a se imaginar numa outra realidade. Do tipo que existam unicórnios ou uma coisa irreal que te faça sorrir sem saber o motivo. Te deixa meio loucão, atrevido, sabe como é? — diz com certo remorso e assinto. Pois sei exatamente o que ela quer dizer.

— Vivo em meu próprio e colorido mundo irreal, esqueceu? — digo esboçando o que acredito ser um sorriso para que ela entenda que sei que estava tentando apenas me ajudar.

— Eu só espero que no seu mundo particular não tenha ninguém te perseguindo — fala em meio a um sorriso afetado antes de me dar um beijo na testa e escorregar para fora da cama. — Vai se sentir bem melhor depois de dormir um pouco. — Laura se despede e deixa o quarto levando o restante dos comprimidos.

Agora as coisas finalmente parecem ter um significado lógico. Meu único ressentimento seria descobrir que o gosto autêntico e doce que sinto seja efeito das drogas que minha irmã toma para dormir.

Incerto quanto a essa perspectiva, deixo-me ser levado pelos braços de Morfeu até o profundo mundo dos sonhos, e, para minha alegria, volto exatamente para onde senti o gosto daquela voz pela primeira vez.



CECÍLIA

É SEXTA-FEIRA. Quando o despertador toca, acordo com o corpo bem menos dolorido.

Cookie pula em cima de mim, deitada sobre a cama e começa a morder a manta com a qual eu cubro o rosto na tentativa — sem sucesso — de fingir que ainda estava em estágio de sono profundo.

Essa estratégia nunca funciona, mas eu nunca desisto de tentar.

Suas pesadas patas tentam afastar o tecido que eu forço contra mim e por um segundo ele parece desistir, mas sei que não. Meus minutos de soneca acabaram e ambos sabemos que não temos muito tempo para brincadeiras, mas eu adoro

provocar sua insistência em me tirar da cama.

Como se fosse uma regra diária, Cookie abocanha um dos meus sapatos e o carrega até mim, depositando-o ao meu lado enquanto busca uma passagem até meu rosto para esfregar seu focinho úmido e gelado. Nesse momento o agarro e o arrasto para debaixo do cobertor. Deposito todo o peso das minhas pernas e braços sobre a gama de pelos amarelo-dourado que me aquece involuntariamente enquanto ele se contorce para se libertar.

Mais uma batalha que perco.

Como era fácil controlá-lo quando ainda era um simples filhote.

Apenas algumas folhas de jornal espalhadas pelo canto do meu quarto e uma cama pet acolchoada eram suficientes. Ainda contava com a pelúcia que eu carinhosamente o cedi para fazer-lhe companhia, mesmo que interiormente eu estivesse contente por me livrar daquela esponja gigante cheia de espumas. Espumas essas que não demoraram muitos dias para estarem espalhadas pela casa.

Às vezes, questiono quando foi que tudo se tornou insuficiente para ele.

Cookie é espirituoso e eu, sinceramente, acredito que a creche poderá moldá-lo ou apenas o tornar, quem sabe, um pouco menos destrutivo.

— Não, Cookie — grito tentando conter o riso enquanto ele lambe o peito do meu pé. — Pare com isso, já! — ordeno afastando a manta.

Expulso a respiração com força e soa tão alto que isso o alarma. Cookie pendente a cabeça de lado e me observa sentar na beirada da cama. Com chorosos olhos cor de chocolate ele me inspeciona, sua quase infalível tática para amolecer meu duro coração.

Afago suas orelhas e quase não consigo impedi-lo de lambe minhas feridas. A verdade é que o único desconforto que ainda sinto são os dos meus joelhos. Uma dolorida borda fina e vermelha ainda contorna a ferida encascada, enquanto, outras poucas partes raladas já adquiriram o tom rosado da cicatrização.

A julgar por sua insistência em me desobedecer, percebo que Cookie ainda não aprendeu a respeitar nenhum simples comando de educação básica.

Segundos após ter essa constatação, faço-me uma repreensão interna.

Calma, Cecília! Não seja exigente! Menos de uma semana ainda é muito pouco!

Minha rotina havia sofrido algumas mudanças. Antes de matricular Cookie na creche eu pegava um ônibus para o trabalho na esquina de casa, agora meu pai deixava a mim e meu amigo na Amo Patas e seguia para seu trabalho a quinze minutos dali, numa repartição pública da cidade. Após Cookie estar bem instalado, embarco na nova linha de ônibus que me leva até minha parada na

zona sul.

Ônibus diferente, pessoas diferentes e o quarto dia sem um maluco no pedaço.



Pela terceira vez encontro Laura na empresa na mesma semana. Trocamos conversa no elevador enquanto subimos até o oitavo andar do prédio onde se concentra o escritório. Por um momento me pergunto qual seria o motivo que a levaria às constantes visitas ao marido durante aquela semana. Eram raras as visitas dela a ele, uma vez que, antes de segunda-feira, nem ao menos me recordo quando foi que ela ocasionalmente deu o ar de sua presença.

Percebo que o silêncio se instalou entre nós quando eu permiti que minha atenção fosse assistir ao espetáculo exibido por minhas questões internas. E o pior é que elas nem me dizem respeito. São atrevidas assim como a vizinha que insiste em gritar de um canto do meu cérebro que Laura está com um olhar diferente dos outros dias.

— Cecília, tem compromisso após o expediente? — Laura me questiona pouco antes da luz indicando nosso andar se acender no painel.

— Tenho horário para pegar Cookie na creche — digo e logo complemento a informação, me lembrando que ela não deve fazer ideia de quem ele seja. — Cookie é meu cão.

— Podemos pegá-lo juntas e assim ganhamos um pouco mais de tempo, o que acha?

— Acho uma ótima ideia — concordo, meio hesitante.

Não imagino qual será a reação de Laura tendo um cão de porte médio ocupando quase todo o banco de trás de seu carro. Ela nunca foi muito fã de animais. Porém, matar a saudade ocasionada pelas circunstâncias sem dúvidas será muito bom e nada melhor do que descobrir o real sentido de seu convite. Antigamente, colocávamos nosso papo em dia regularmente, hoje em dia, não mais. Laura não me convida para um *happy hour* há... sei lá... talvez há um ano?

É uma coincidência absurda que ela o faça justamente quando Roger me revela sobre seu quase deslize com Catarina. E bem quando, por isso, eu e ele estamos travando uma guerra muda sobre sua fidelidade. Evitei estar diante dele nos últimos dias, e ele facilitou, não requisitou minha presença e cobrou meus afazeres apenas através do sistema corporativo de mensagens da empresa.

Quando as portas do elevador se abrem, Laura e eu caminhamos lado a lado

até nos depararmos com a figura de Catarina, que exibe um sorriso ainda mais gracioso que seu coque na altura da nuca. Ela me cumprimenta sem grande afeto, atenção completamente contrária da qual dedica à prima, se atirando em seus braços como uma aracnídea da mais perigosa espécie.

Espanto a nuvem disléxica que me envolveu enquanto tentava compreender o que aquele ser deslumbrante em uma justa saia vinho fazia desfilando pelos corredores um andar acima de onde ficava seu departamento.

Minhas bochechas aquecem e meus olhos faíscam de raiva quando olho para além das duas, que ainda não tinham se desconectado do abraço, e noto Roger inerte e pálido a alguns metros adiante.

Algo cresce em mim nesse momento, uma coisa muito próxima de ressentimento.

Sem coragem de encarar qualquer integrante do trio, recolho minha vergonha alheia e ordeno minhas pernas a corresponderem a simples tarefa de caminhar, quase correr, para o mais longe possível. Infelizmente, as pernas do meu chefe são mais rápidas e me alcançam antes que eu dobre a esquina do corredor que me levaria até minha mesa.

— Não é nada disso do que você está pensando — sussurra de frente para mim. Levanto os olhos e o encaro. Meu único gesto decente perante tudo é o mover discreto que faço com a cabeça.

As palavras eu guardaria para uma outra oportunidade, quando não houvesse plateia.



Roberta nem se deu ao trabalho de reprimir a gargalhada. A revelação foi tão estúpida que nem mesma eu fui capaz de conter o riso diante da comicidade da declaração.

— Eu deveria me sentir ofendido por isso — diz DVD esboçando uma seriedade bizarra. — Poxa, Cecília! Minha avó cedeu alguns miligramas de sua receita milagrosa com tanto carinho, você poderia ao menos tentar disfarçar a graça disso e ser mais grata. — Ele me exorta tentando me afetar com seu descontentamento fingido.

— Fala sério, amigo! Se me contasse a familiaridade dessa receita milagrosa eu a compraria na loja de departamentos do próximo quarteirão — retruco e ele escancara a boca ofendido. — Ovídeo, isso é óleo de máquina! Por um acaso sou um robô? — ralho quando ele cerra os olhos para mim.

— Outro dia parecia um — replica do outro lado da sala, cruzando seus braços sobre o peito musculoso. — Aliás, na embalagem tradicional diz que o óleo é multiuso. — Agora ele é quem se deixa esvair numa gargalhada.

— Bom — digo arremessando nele uma bola de papel, destino de mais um dos meus documentos rasurados —, sua avó pode ser meio maluca, mas não podemos negar que o produto até que funciona — falo contornando a mesa e me preparando para encontrar com Laura no saguão do prédio. — Agradeça a ela por mim. — Encerro a conversa lançando aos meus amigos um beijo estalado.

Coincidentemente, Laura precisava fazer uma visita à clínica veterinária da Amo Patas, o que nos faria ganhar ainda mais tempo juntas. Eu pegaria Cookie na creche enquanto ela resolveria suas questões no comércio ao lado. Deixaríamos meu amigo em casa e seguiríamos até um famoso *pub* do centro da cidade, o mesmo onde, numa outra época, costumávamos passar várias horas. Época em que minha amiga ainda não era comprometida e tínhamos a liberdade de degustar nossas bebidas exóticas e libertar nossas risadas estridentes ao vento.

Esse era nosso plano inicial.

Era.

A primeira parte ocorreu sem intervenção alguma. Conectei a guia na coleira de Cookie e segui até a clínica na intenção de aguardar Laura na calçada. Grande foi meu esforço em impedir meu amigo de invadir o cômodo e destruir as prateleiras bem organizadas do *pet shop* acoplado à clínica.

Não sei por quanto tempo a cena diante de mim congelou. A esposa do meu chefe trocando uma conversa amigável com um funcionário sem identificação em um dos cantos do balcão de atendimento. Meu olhar se cruza com o dele e um sorriso discreto desenha os lábios do rapaz. Familiares olhos plácidos e verdes como grama me observam com atenção e minúcia e o incômodo que isso me causa toma proporções gigantescas.

Mal posso acreditar no que meus olhos veem.

É ele... o cara do ônibus.



OTÁVIO

A TARDE ESTÁ DOURADA. O sol está baixando no céu com uma luz vívida, macia e, olhando na direção dele, os feixes de luz me cegam por um segundo e me impedem de enxergar a dona do rosto em meio às partículas de poeira que se movem pelo ar.

Quando minha visão se ajusta noto um olhar tão surpreso quanto o meu. Imediatamente a reconheço. É Ela.

Mas a garota não retribui o sorriso que lhe dou. Se mantém imóvel por um longo tempo enquanto o cão preso à sua guia parece agitado e sedento.

Incentivada pelo meu mutismo repentino, Laura percebe onde minha atenção se prende e faz as devidas apresentações.

— Ah, Otávio, essa é minha amiga Cecília. Ela trabalha com Roger na Eliteconfi. — Se a voz daquela garota mexera com todo o meu sistema sensorial, seu nome me soava como música, de uma forma fascinante que eu sentia ser capaz de tocar. — E esse é seu cão. Lia, qual é mesmo o nome dele? — Meu coração salta no peito pela possibilidade de ouvi-la outra vez. — Claro, impossível esquecer. Tem nome de biscoito. Esse é o Cookie — recorda Laura para minha infelicidade.

Em seguida, minha irmã faz o inverso e quando me apresenta como membro da família Cecília parece chocada. Ela engole seco e apenas acena com a cabeça, de forma que me detenho quando estou prestes a caminhar até ela e oferecer minha mão em um cumprimento.

Ligeiramente recorro ao bebedouro da clínica. Como uma forma pretensiosa de não me sentir totalmente deslocado, encho um copo plástico com água e me dirijo em direção a Cookie e sua tutora na calçada.

Há muito tempo me desliguei da conversa que trocava com minha meia-irmã.

Tento não transparecer meu incômodo quando Cecília, discretamente, recua um passo no momento em que me ajoelho diante de seu cão, que aceita sem nenhuma resistência o que eu lhe ofereço: água e também um carinho em sua cabeça.

Pelo jeito Cookie é bem mais receptivo que a dona.

— Olá, amigão! — saúdo o cão que desiste de ingerir o líquido em pequenas porções e abocanha o copo, derramando o que restava do líquido sobre meus pés. — Parece que alguém lá dentro esqueceu que você também precisa se hidratar. — Faço questão de destacar os possíveis culpados antes que sua dona resolva me desprezar ainda mais.

Ergo os olhos e contemplo o belo rosto acima de mim, buscando descobrir como reage a mais nova amizade de Cookie. Cecília me olha fixamente por um segundo antes de desviar os olhos para Laura. Tempo suficiente para que eu note o quanto sua expressão se tornou impassível, sem demonstração nenhuma de emoção ou até mesmo perturbação.

Tudo o que eu mais queria naquele momento, o que eu precisava, era das palavras certas que a encorajassem a reagir e falar. Mas antes que eu tivesse tempo de raciocinar, pela gola da camisa Laura me puxa para cima a fim de se despedir. Sem demora, enlaça seu braço ao da moça. Só tenho tempo de ver o cão me avaliar com seus olhos amigáveis uma última vez antes de partirem.

Solto um muxoxo, tentando conter minha frustração e, por mais bizarro que

essa afirmativa possa parecer, sei que os verei novamente em breve.

Mal tive tempo de virar as costas e processar o pensamento quando ele se concretizou: Cookie adentrou o espaço como um furacão e seguiu direto até as prateleiras que sustentavam objetos que, na sua boca, se limitariam a... bem... acho que não ia restar muita história sobre eles para contar.

Por sorte, com um assovio — que eu adoraria se fosse ultrassônico e não atingisse tão ruidosamente meus ouvidos — capturo a atenção do cão que corre entusiasmado em minha direção agitando sua cauda para todo lado. Dou duas batidinhas de leve em meu tórax e ele entende o recado. Cookie se apoia sobre as patas traseiras enquanto as dianteiras estão sobre meu peito e ele inspira meu cheiro buscando se familiarizar.

— Bom garoto! — o elogio pela obediência com um afago em suas costas e então a doce explosão de ondas sinuosas numa paleta de cores e um sabor em específico acontece.

— Cookie? — Cecília o chama meio ofegante e eu giro para encará-la, ainda sustentando o peso dele sobre mim. — Ah, meu Deus! Me desculpe pela bagunça — diz quando pousa os olhos sobre alguns objetos espalhados pelo chão e se adianta em pegá-los.

— Não se preocupe com isso — declaro quando ela se levanta e aguarda, envergonhada, eu lhe entregar a guia que, inconscientemente, enrosquei na mão.

— Algum prejuízo? — pergunta e franze os lábios, acredito que torcendo para que minha resposta seja negativa.

Entrego-lhe Cookie.

— Nenhum — respondo com um sorriso, admirado em poder ouvi-la e confirmar minhas suspeitas. Uma breve curva se forma em um dos cantos de seus lábios.

— Mais uma vez me desculpe! — lamenta, levemente ruborizada, já do lado de fora da loja, tentando se libertar da corda azul enroscada entre suas pernas — Ah, e... bem... obrigada.

Assinto, ainda portando um sorriso, maravilhado.

Parado na porta da clínica os observo atravessar a rua. Cecília trava uma batalha com Cookie que força a coleira na direção oposta até quase sufocar e é nesse exato momento que tenho o primeiro vislumbre de uma grande oportunidade.

As faixas coloridas que minha mente havia projetado se dissiparam e, sem compreender, tremo.

Não sei descrever do que é feita essa ausência que sinto assim que Cecília e Cookie seguem caminho junto de Laura. Sou capaz apenas de dizer que é um sentimento louco e intimamente visceral, a falta que essa dupla,

inesperadamente, me causa.



CECÍLIA

A TARDE ESTEVE FRESCA, mas o anoitecer promete ventos capazes de fazer um esquimó tremer de frio. Na segunda hora da noite, já estou debaixo das cobertas. Não fui capaz de seguir com os planos de Laura para o crepúsculo. Definitivamente, perdi a paciência com Cookie e confesso ter ficado meio apatetada com as revelações da tarde.

É claro que eu sabia que Laura tinha um meio-irmão. Lembro-me muito bem da época em que tudo veio à tona.

Passávamos nossas férias de verão em Capitólio, um município do estado de Minas Gerais; uma terra fascinante cercada de cânions e água por todo lado.

Durante os dias em que nos instalamos por lá, Lorena, mãe de Laura, oscilava entre estar alienada e irritada. A insistência da filha em querer saber os motivos da mãe parecer estar em outro mundo desencadeou uma briga entre elas e, consequentemente, nosso retorno antecipado da viagem.

De volta à sua casa, Lorena nos contou sua descoberta sobre a infidelidade do marido e o escândalo, quase maior de idade, abalou toda a sua família.

O pai de Laura era um franco-brasileiro que sempre fez jus ao sangue forte. Fazia questão de sustentar as discussões que ocorriam frequentemente com a esposa, devido os rumores sobre sua relação extraconjugal que veio a ser confessada naquele dia. Ao que parecia, Lorena buscava provas há um bom tempo e, dentre todas as possibilidades, uma mulher desconhecida tinha dado ao seu marido um herdeiro apenas onze meses mais novo que sua primogênita.

Passei quase uma noite inteira avaliando a reação da minha amiga, que não derramara uma única lágrima diante da grande revelação. E quando enfim resolveu falar sobre o assunto, sentou-se de súbito na cama, sobre as pernas dobradas, e olhando fundo nos meus olhos disse: — Sabe o que é maravilhoso nessa loucura toda? Eu ter um irmão. — Pela primeira vez seus olhos estavam rasos. E com uma certeza quase absoluta, declarou: — Nunca vou estar sozinha nesse mundo imenso. E qualquer que seja a decisão dos meus pais, não vou permitir que o impeçam de fazer parte da minha vida.

E então desabou em lágrimas.

Em um momento egoísta suas palavras me atingiram como uma bofetada. Queria dizer-lhe que nunca estaria sozinha, que ela tinha a mim, sua irmã de coração dentro da nossa amizade perfeita. Mas, sendo filha única, eu compreendia. Era deprimente saber que a história da minha infância se encerrava em mim, e que as boas e más lembranças da minha família habitariam para sempre apenas em um único coração.

Laura teve mais sorte do que eu nessa questão e me sinto orgulhosa por ela ter conseguido cumprir sua promessa.

Mas o gozado é eu desconhecer o grau de afinidade que ela manteve com o irmão durante todo esse tempo. Pior ainda: nem sequer imaginar que ele morava em nossa cidade natal. Triste mesmo é não perceber como alguém tão importante em minha vida se afastara de forma tão natural. Então me pergunto o motivo da distância e a resposta surge de forma direta e simples: por não cultivar nossas boas amizades acabamos nos tornando pessoas inconstantes... relapsas.

Vi uma única foto dos irmãos juntos, capturada na primeira vez em que se encontraram. E o rapaz que vi hoje no *pet shop* não se parece em nada com o garoto magricela que minha mente limitada se recorda. Ele se transformou em um homem muito bonito e, literalmente, barbado.

Jamais desconfiaria do grau de parentesco. Laura e Otávio não possuem nenhum traço semelhante além do nariz curto e arrebitado que, para um homem, ao meu ver, é lindo e ridiculamente perfeito.

O quê? Bonito... perfeito... por que estou pensando nele assim? O cara é pirado. Até parece que já se esqueceu do episódio no ônibus, Cecília!

— E você deu muita corda para ele, Cookie. — Levanto a cabeça e o inspeciono em seu cantinho habitual no meu quarto. — Nem ao menos sabemos se ele é um cara legal — resmungo as palavras, mas ele nem se move.

Seu ronco gutural ressoa como resposta e sou obrigada a me forçar a dormir junto da sensação inquietante que tomou conta de mim desde aquela tarde.



Quem pensaria que durante as primeiras horas da manhã eu preferiria que fosse mais um dia de trabalho ao invés de um dia de folga? Justamente porque a cansativa caça ao advogado irresponsável da Eliteconfi me parece menos deprimente do que faxinar o banheiro, aspirar aos pelos de Cookie dos cômodos da casa, recolher seus dejetos espalhados pelo quintal e cumprir todos os itens de uma interminável lista de tarefas domésticas.

Mentalmente revejo as tarefas que ainda tenho de cumprir e meu sorriso vitorioso surge naturalmente quando lacre o último saco de lixo e o deposito em um lugar seguro, longe do terror de quatro patas que reside aqui em casa.

— Acabamos! — Comemoro batendo as mãos no *jeans*, animada.

Cookie esfrega seu focinho em mim e sei que está ansioso por um passeio.

— Vamos almoçar primeiro, garoto? — Encho seu pote de ração e o observo se atirar na comida com vontade.

Instigada pelo cheiro delicioso que vem da cozinha, descubro que estou com mais fome do que imaginava. Minha boca saliva de desejo e quase não chego a tempo de impedir que o molho à bolonhesa queime. Sr. Cézar não é descuidado quando se trata de suas artes na cozinha e essa é a primeira impressão que tenho de algo estar errado.

Caminho em direção a sua voz que soa forte e mal-humorada vindo de um dos quartos. Meu pai está de costas para mim, o punho cerrado encarando o telefone entre os dedos. A ligação terminou, ou melhor, meu velho a interrompeu, e em um primeiro momento não faço ideia do que o levaria a manter uma postura tão rígida.

— Pai — o chamo e ele de imediato se vira para mim. — Está tudo bem? —

pergunto diante de um olhar pesaroso que ele disfarça ao se lembrar de algo mais importante.

— Droga! Esqueci de desligar o fogo, o molho...

— Eu o salvei — o interrompo com um meio sorriso quando ele tenta passar por mim. Com minhas mãos ainda espalmadas em seu peito, não hesito em questioná-lo. — Quer me contar o que está acontecendo?

— Está tudo bem, nada com o que tenha que se preocupar, querida. — Ele se inclina para beijar minha testa e mais uma vez insisto, mas ele ignora minha oferta de agente terapêutica e me arrasta até a cozinha para saborear nosso almoço.

Durante o tempo em que passamos juntos à mesa ele é cauteloso. De uma hora para outra, parece exausto e mal prestou atenção na dúzia de vezes em que precisei afastar Cookie da nossa comida.

Seu comportamento, nada convencional me arranha o juízo e uma dor latente desperta em meu peito. Meu instinto protetor fala mais alto e eu juro que arrancaria os olhos de quem ameaçou acabar com o fim de semana da pessoa que mais amo na vida.



CECÍLIA

ERGO O ROSTO PARA O CALOR e silêncio do sol e, de olhos fechados, o sinto me revigorar de todas as formas possíveis. Eu abria os braços pelo prazer de poder contemplar meu momento solitário, que é acolhido pela natureza que me cerca e pela satisfação de poder fazê-lo sem temer um novo ferimento — ou rastros de baba no cabelo —, se as centenas de pessoas que ladeiam o parque não pudessem me rotular como uma maluca.

Que se dane! Rotulem e sejam felizes.

Dou alguns giros lentos completando minha felicidade. Embevecida com a

sensação de liberdade e ofegante pela brincadeira ao ar livre, olho a minha volta e busco uma árvore resistente ao outono e quando a encontro caminho até ela, sentando-me aos seus pés, sob a sombra fresca.

A caminhada de meu pai e Cookie pela pista asfaltada que cerca todo o terreno, relativamente extenso, deve demorar um pouco e com isso tenho tempo de admirar, sem pressa, os transeuntes e o lago, que recepciona suas fiéis aves aquáticas — uma variedade de patos.

Há pessoas de um lado a outro do parque, andando, conversando, brincando com as crianças; ora muito animadas em uma corrida, ora fatigadas beirando a súplica por um pouco de oxigênio.

Uma pessoa em especial me captura a atenção. Contornando a passadas largas uma curva, fixo o olhar no dono das panturrilhas e coxas levemente definidas e torneadas. Sua pele morena, bronzeada pelo sol, destaca-se na regata térmica branca que ele usa, deixando seus longos braços completamente a mostra.

Esses braços me engoliriam facilmente em um simples abraço.

O grasnar de alguns patos e os gritos de um garotinho me distraem por alguns segundos e, quando busco meu objeto de admiração, felizmente o encontro a poucos metros de mim, numa área gramada alongando os músculos e se preparando para uma nova atividade.

Mordo os lábios em expectativa.

O rapaz estende os braços no chão, em posição de prancha, e eu quase bato palmas para parabenizá-lo pelo talento em baixar seu corpo de forma uniforme, quase rente ao solo, e regressar à posição inicial com uma habilidade graciosa em cada movimento.

Quando ele termina, se levanta, reforça o laço frouxo do cordão da bermuda azul-marinho e mais uma vez se alonga. Quando dou por mim, estou limpando uma trilha de baba invisível que escorre da minha boca.

Sobre os ombros do rapaz vejo meu pai gritar por Cookie, que à sua frente corre livre em minha direção. Alarmada, me ponho em pé e recosto na árvore buscando sustentar meu peso, que certamente dobrará quando Cookie se atirar em cima de mim.

Surpreendentemente, não sou eu a vítima desta vez, mas o cara a quem, agora de boca aberta e olhos arregalados, tento zelar pela segurança me preparando para gritar.

Detenho-me quando o vejo retirar os óculos escuros, segundos antes de girar e evitar ser surpreendido por meu amigo de quatro patas.

Não! Não! Não! Droga!

Respiro fundo.

Ele não pode me ver!

Escondo o corpo atrás do largo tronco da árvore e de longe os observo, como uma estagiária da agente Gracie Hart, de Miss simpatia. Adiciono uma carga extra, fazendo uma oração e torcendo para que Otávio não tenha me reconhecido.

Ele gira a cabeça para os lados a procura do responsável por Cookie, que se apoia nas patas traseiras para ganhar sua atenção mais de perto. Otávio sustenta seu peso em um antebraço e com a mão livre afaga suas costas, ainda em busca de um rosto conhecido que presumo ser o meu. Quando estreita os olhos na minha direção, cubro a boca com as mãos e recuo de sondá-los para minha própria segurança.

Sinto minha garganta secar e o pânico arder dentro de mim. Minha única solução é correr para casa enquanto ainda tenho chance. Mas meus olhos curiosos me traem, e eu analiso uma última vez a silhueta do irmão da minha amiga, tentando convencer a mim mesma de que faço isso apenas para me certificar de que posso partir sem ser vista.

Viro-me para seguir andando e pulo assustada quando trombo contra uma rocha.

Ah, que maravilha! Justamente quando pretendo ser discreta. Mereço um prêmio!

— Desculpa — murmuro de cabeça baixa, meu último fio de esperança em não ser reconhecida.

— Lia! — uma voz familiar exclama meu nome de forma surpresa. Ergo primeiro os olhos, mas não é suficiente, então levanto toda a cabeça para encarar DVD que esboça um sorriso, digamos, perturbado ao me ver.

Como se eu fosse uma marionete, ele me muda de posição, expondo-me a área livre atrás de mim, apoia suas mãos grandes em meus ombros e eu agarro seus pulsos desesperada, sem compreender o que raios ele está fazendo.

— O que foi? — pergunto sem entender seu embaraço.

— Ahn... nada — ele responde, seus olhos perdidos vagando pelo parque.

— Okay, então... Foi bom te ver, preciso sair logo daqui — digo dando leves batidinhas em seu braço para que ele me solte de seu aperto firme.

— Filha?

Céus!

— Ainda dá tempo de correr? — sussurro ao meu amigo que, antes perdido, parece relaxar um pouquinho diante do meu pavor.

— Não mesmo — diz sorrindo e, sem mais alternativas, eu me viro para encarar meu pai que elimina a distância até nós, com Cookie preso novamente à guia e seu mais novo salvador logo atrás.

— Olá, sr. Cézar — cumprimenta o rapaz ao meu lado que, estranhamente constrangido, massageia a nuca.

— Ei, oi, DVD. — Sorridente meu velho troca um aperto de mão firme com meu colega de trabalho, que não aguarda que alguém lhe apresente Otávio e com ele repete o gesto em um cumprimento típico masculino. Em seguida, DVD arruma uma desculpa para sair de fininho, me deixando confusa e mais uma vez exposta.

O que está acontecendo com ele?

— Lia, parece que Cookie reconheceu um de seus treinadores da creche — diz meu pai, enquanto com os olhos eu acompanho um DVD apressado sumir de vista.

— Treinador? — sem ainda encará-lo, me refiro a Otávio. — Achei que você trabalhasse na clínica veterinária ao lado.

— Vocês já se conhecem? — pergunta meu pai, o que impede o atleta de responder ao meu questionamento.

— Fomos apresentados ontem pela minha irmã.

— Otávio é irmão da Laura — complemento, ajustando a coleira peitoral de Cookie que, a cada dia que passa, insinua estar ficando pequena para o seu tamanho.

— Aquele irmão? — enfatiza meu velho e sinto minhas bochechas esquentarem.

Cookie late. O peso da insinuação grosseira de meu pai parece incomodar até mesmo ele.

— Creio que eu seja esse aí mesmo — diz Otávio com convicção e eu fico sem jeito, desejando ter o poder de me transformar em um tatu e cavar um buraco no chão, entretanto, ele não aparenta estar ofendido.

Ainda assim, nunca senti tanta vontade de esganar o meu pai.

— Precisamos ir — digo, consciente do quanto meu tom de voz é pouco sociável.

Meu genitor hesita por um momento, mesmo diante dos meus olhos que o encaram repreensivos e suplicantes, enquanto continuo agarrada à esperança de que ele não fale mais besteiras.

— Sim, precisamos. — Suspiro em alívio por ele finalmente ter compreendido minhas meias palavras. — A gente se vê, Otávio. — Certo disso, meu pai se despede enquanto sou arrastada por um cão hiperativo.

Meu velho toma a guia da minha mão e se propõe em acompanhar Cookie em sua mais nova exploração. Agradecida, reúno meus fios rebeldes em um coque improvisado e não evito buscar, uma última vez, o motivo que me constrange pelos meus pensamentos inapropriados. Talvez, ninguém além de

mim mesma me rotule hoje. Sou uma idiota assanhada por praticamente devorar o cara com os olhos.

A possibilidade de ele ser um dos treinadores de Cookie na creche me causa um frio na espinha.

Otávio acena em despedida e eu retribuo da mesma forma, mas meu movimento é um *mix* de acanhamento, letargia e retração bem fora do normal para os padrões Cecília, pois, desde o dia em que cruzou a minha vida, esse cara tem desafiado minha estabilidade emocional e eu não gosto desse fato, tampouco me sinto confortável com isso.



OTÁVIO

UM CARA GENETICAMENTE ABENÇOADO pelos céus ou um amante do halterofilismo?

Embora a resposta seja óbvia, essa é uma das questões que persiste em povoar meus pensamentos durante todo o fim de semana e alguns dias mais, até que eu admitisse o que realmente está acontecendo comigo.

Mas, verdade seja dita, o tal DVD é boa pinta. Seus quase dois metros de altura num corpo dotado de músculos crescidos e bem desenvolvidos faria qualquer homem dez centímetros mais baixo se sentir ainda menor. Algo muito normal a se pensar vindo de qualquer pessoa que tenha plena consciência de que, aquele tipo de perfil, não se vê todos os dias perambulando pelas ruas. A não ser

próximo a uma academia especializada, mas nunca durante a tarde em parques públicos.

A atenção exclusiva de Cecília ao rapaz somado ao fato dela se esquivar totalmente de um mínimo contato visual comigo, não apenas me fere o ego, como me induz a várias indagações que me seguem por onde quer que eu vá.

Pela primeira vez sinto minha autoconfiança ameaçada e isso é ridículo.

Cheguei a essa conclusão em um dos meus intervalos para o almoço, após ler a matéria que me chamou atenção pelo título “Homem sexo frágil”, do Doutor Gabriel Whithmore*, um conceituado psicanalista da cidade, segundo o Jornal La Fontaine.*

A matéria é extensa e embora eu não concorde cem por cento com seus conceitos, o primeiro trecho que me levou a encarar de frente o que estou sentindo foi o seguinte:

“É evidente que ninguém quer ser o responsável principal pela determinação de seus pensamentos, pelo menos no que diz respeito a demonstrar sua vulnerabilidade emocional. A princípio, sempre buscaremos um culpado, e ao traçarmos uma possível lista deles, nenhum será convincente o bastante, porque nenhum deles é você.

Somos nós quem nos comparamos uns com os outros”

E para completar...

“É comum crer que isso ocorra apenas entre as mulheres, mas acredite, é também uma fragilidade masculina”

Diante disso, só me resta admitir, porém, ninguém precisa saber.

Quando, enfim, meu horário de trabalho termina, me deparo com sr. Cézar, pela terceira vez na semana, buscando Cookie na creche. Como nos outros dias, o cumprimento e afago o pescoço do cão, mas ao invés de seguir caminho para casa, desta vez resolvo trocar conversa com o sujeito de sorriso fácil que ele tem demonstrado ser o tempo todo.

— Pelo que me parece, o senhor foi promovido a tarefa de resgatar das aulas esse garoto levado — digo como quem não quer nada.

— Pois é. Cecília está fazendo hora extra no trabalho esses dias e acabou sobrando para mim. — Sua expressão zombeteira denuncia que ele não se incomoda nem um pouco com isso, e mais, me revela que o motivo de Cecília não aparecer pelas redondezas durante esses dias é simples, afinal.

Nesse momento me pergunto: quanto poder tem uma indireta?

— O senhor deve ficar tranquilo por saber que ela vai chegar segura em casa,

já que tem como escolta o armário que é o namorado dela.

Por um breve momento, o homem de barriga saliente parece confuso, mas assim que compreende a quem me refiro descarta a confusão com um meneio de cabeça.

— Ah, não! Infelizmente DVD não é namorado da minha filha. Eles são apenas amigos... e colegas de trabalho.

Não consigo esconder um sorriso aliviado ao registrar a última parte da informação, entretanto, não me passa despercebido que ele aprovaria um relacionamento entre eles.

— Acho que a carona dela será mais uma vez o biarticulado da linha 203 — Cézar completa e juntos partilhamos uma risada.

— Não tem medo de que algum maluco possa raptá-la? Eu não deixaria uma filha tão bonita andando por aí sozinha à noite. — Mantenho o sorriso amistoso congelado no rosto enquanto o do pai de Cecília de desfaz de imediato.

Seu olhar duro me espeta com severidade.

— Ela sabe se virar. Instruí muito bem minha garotinha sobre como decifrar as intenções de um homem.

Posso sentir o aperto em minha garganta enquanto ele me encara ao entregar a mensagem. Suas palavras velam uma ameaça protetora que me pega desprevenido e, antes que pudesse raciocinar que eu praticamente o acusei de ser um pai negligente, com a palma da mão livre e ainda me olhando fundo nos olhos, sr. Cézar aperta meu ombro direito me concedendo um novo aviso de forma visual, que eu decifrei como sendo: “Mantenha distância”.

Eu não sei por quanto tempo fico ali, parado na calçada, dividindo o sorriso nervoso com um preocupado, até que um estrondoso trovão me tira do transe e me dou conta de que o pai de Cecília e Cookie já se foram.

Corro até a estação de ônibus para me proteger dos pingos gelados da chuva que ameaça desabar a qualquer momento sobre minha cabeça. Estou sem casaco e sem um guarda-chuva, carrego comigo apenas a necessidade que insiste em consumir a minha consciência e que, afetada pelo meu inesperado ciúme, me deixa como recordação apenas rastros em tons suaves e transparentes como o de uma aquarela sobre papel de arroz.



Ao que parece, não sou o único a habitar essa casa gigantesca carregado de sentimentos e pensamentos confusos.

Laura tem agido de forma estranha desde o início da semana, pelo menos durante os poucos minutos que passamos juntos ela tem estado calada, distraída e arrisco até mesmo dizer que um pouco mal-humorada. Visivelmente não está em seus melhores dias.

Roger acaba de regressar de uma viagem de negócios. Quando eu penso que sua presença na casa a estabilizaria, me vejo desesperado em dar-lhes privacidade. Ouço eles engatarem uma conversa séria na sala de visitas, no andar de baixo, que faz com que os soluços de minha irmã ecoem por entre os cômodos até meu quarto.

Em um primeiro momento, meu instinto de irmão se aflora e eu desço alguns degraus da escada na intenção de cobrar do meu cunhado explicações por cada lágrima que Laura derrama. No entanto, não o faço. Simplesmente porque a cena que vejo não condiz com os exageros que ouço. Roger está de costas para mim, com Laura envolvida em seus braços. Sua voz soa aveludada enquanto ele tenta acalmá-la acariciando seus cabelos loiros desgrehados e ela, alterada, se contorce e insiste para que ele se afaste e a deixe sozinha.

Respiro fundo e me censuro mentalmente por estar prestes a cometer o erro, pela segunda vez no dia, de me intrometer onde não me diz respeito.

Pé ante pé, eu volto para o meu quarto sem que eles me vejam, questionando-me se já não passou da hora de buscar um canto só meu, mas sem meu carro, tudo se torna ainda mais difícil.

Neste instante contabilizo que há duas semanas sou dependente de um transporte público ou de um veículo de aluguel e me encontro no direito de ligar para Murilo, meu amigo influente e desavergonhado, que se comprometeu em enviar meu automóvel através de um dos caminhões cegonha da empresa de seu pai.

Procuro seu número entre os contatos da agenda do meu celular e assim que o localizo, realizo a chamada. Um toque personalizado me recepciona enquanto aguardo que ele atenda, e os acordes estridentes da música me causa um gosto ácido na boca, que em reflexo faz meu rosto se contorcer em uma careta.

Sei que aquele pilantra fez isso de propósito.

Estou amaldiçoando até sua quarta geração, quando, para meu alívio, ouço sua risada do outro lado da linha.

— Ei, calma aí, cara! Ninguém tem culpa pelas peças que seu cérebro superespecial lhe prega.



CECÍLIA

OS OLHOS DE ROBERTA MIRAM FIXAMENTE OS MEUS. Parecem ainda mais escuros do que o normal. Como se estivessem se escondendo atrás do véu negro da mentira.

Quando finalmente percebo que é isso o que está acontecendo, ouço os sinos dentro da minha cabeça tocando aleluia... Aleluia.

Embora ela nunca tenha sido clara sobre os motivos que a levaram a desistir de cursar a oficina preparatória no Rio de Janeiro, ter abandonado o sonho de ser

atriz foi, sem dúvidas, sua melhor decisão. Minha amiga não atuava nada bem. E eu jamais a alfinetaria dizendo isso em voz alta.

— Você é uma péssima atriz, Rô.

Não resisto a uma provocação. Sou má. Eu sei.

— Obrigada por me lembrar amiga. — Ignoro seu ressentimento fingido, aguardando que ela tome um gole de seu suco de couve com abacaxi e responda sinceramente minha pergunta — Eu... bem... é...

— Tudo bem! Tudo bem! Não precisa mais mentir para mim.

— Eu não estou mentindo para você, Cecília.

— Não? — uso um tom mais debochado do que acusatório.

Ela descansa o copo com a bebida na mesa e enfim confessa: — Talvez, omitindo seja a palavra correta.

— Ah, eu sabia!

Estamos em horário de almoço, a uma quadra da Eliteconfi, sentadas em uma das mesas quadradas cor de tabaco e estrutura de ferro do agradável shopping que leva o nome da cidade.

A cadeira de Roberta range conforme ela se remexe sobre ela buscando alguns minutos confortáveis antes de se abrir. Fico calada, degustando nesse meio tempo meu último rolinho primavera dos deuses, enquanto ela nem sequer tocou em seu prato recheado de salada verde e tomates secos.

Minhas suspeitas me corroem há dias e apenas quando presencio as trocas de farpas entre Roberta e DVD — durante a semana intensa de carga horária extra — é que me dou conta do quanto tenho sido ingênua em não perceber o que vem acontecendo bem debaixo do meu nariz.

— Lia, não quero que pense que é algo pessoal — com a voz doce e preocupada, Roberta quebra o silêncio. — Sim, estamos saindo — confessa diante da minha expressão interrogativa. — DVD queria te contar e eu não permiti. Ainda é recente e eu nem sei se isso vai muito longe.

O pessimismo em suas palavras é tão presente que sinto vontade de socá-la. Era Roberta quem DVD procurava no parque outro dia. Seu embaraço e nervosismo agora fazem todo o sentido para mim.

— E por que você não consegue imaginar um futuro junto dele quando não há nada que os impede?

— Além do óbvio?

Ergo minhas sobrancelhas sem entender o que ela quer dizer com “óbvio”.

— Pelo amor de Deus, Cecília! Você é cega?

Ofendida pela minha burrice, a garota franze a testa e aguarda que eu diga algo. Como não faço ideia do que ela quer ouvir, continuo tentando interpretar suas feições e isso a faz expirar o ar pela boca de forma zangada.

— Achei que você fosse mais esperta.

Dito isso, Roberta pega a bolsa pink com chaveiro de gorila e sai marchando apressada.

— Espera! — grito, mas não insisto em uma corrida para alcançá-la, ciente de que minhas pernas curtas não são páreo para as dela e que quando está zangada, Roberta prefere a companhia do silêncio.

Enquanto tento assimilar a recente confusão, vejo dois biscoitos da sorte sobre minha bandeja e pego um. Abro-o sobre a minha barriga, e enfio um pedaço crocante na boca enquanto desenrolo o papel em busca das minhas palavras de sabedoria.

“Não existem gatos comuns”

— Quê?

Miro o segundo pacotinho branco com logomarca verde e o pego. Ele deveria ser de Roberta, mas posso afirmar com a mais absoluta certeza de que ela nem deve estar se lembrando dele. Sem ressentimento ou culpa abro a embalagem e quebro o biscoito bem ao meio.

Qual foi minha surpresa ao constatar que o biscoito não viera recheado pela porcaria do papelzinho?

Bufo inconformada.

Analiso minha única tira fina de papel por um segundo e noto que o Sr. Oráculo Chinês não deve estar muito a fim de usar de suas profecias mágicas a meu favor, dado que, no verso do papel, nem ao menos estão impressos os números que, de acordo com a tradição, eu deveria apostar nos jogos de loteria.

Guardo a palhaçada *Xing ling* na bolsa e resolvo voltar ao trabalho, torcendo para que o restante do dia transcorra sem novas e desagradáveis surpresas.



— Quanto tempo até você perdoar meu surto do almoço? — pergunta Roberta em pé às minhas costas.

Ainda estamos sozinhas, sem o terceiro integrante do nosso trio de inconvenientes fiscais de cobrança.

— Humm... — resmungo pensativa e sorrio, buscando visualizar seu rosto atrás de mim. Ela se inclina e me envolve os ombros, cola sua bochecha na minha e num aperto firme me embala. Seu íntimo pedido de desculpas.

— Sinto muito mesmo por aquilo.

— Quer me explicar o que é tão evidente que só eu não percebo? —

pergunto, brincando com uma mecha negra de seus cabelos.

Ela assente.

— Sim. Mas tudo bem ser em um outro almoço? Num dia em que eu esteja menos paranoica? — diz voltando a ocupar seu lugar à mesa ao lado da minha.

— Claro! — assinto. — Quando quiser. A propósito, por acaso viu se Roger já chegou do almoço?

— Acabei de chegar. Do que precisa? — Meu chefe aparece casualmente no corredor, desabotoando o botão do paletó e afrouxando a gravata terracota.

Sei muito bem o que vem depois disso.

— Nada urgente — respondo visivelmente incomodada.

— Tem certeza que não precisa de mim agora? — As entonações das palavras me irritam ainda mais. Não suportaria respirar o mesmo ar que ele. Não quero e não vou entrar naquela sala nunca mais. Roger daria um excelente ator exercendo o papel de um deus grego safado e mentiroso.

— Absoluta — afirmo tentando controlar a raiva que ameaça me consumir. — Posso te enviar tudo pelo sistema de mensagens mais tarde.

— Okay — ele diz unindo as sobrancelhas numa expressão aborrecida. — O quanto antes me enviar, melhor.

Vejo escorrer pelo ralo a tarde tranquila que eu pretendia ter.

— O que foi isso? — Por um momento esqueci que minha parceira de equipe assistia a tudo.

— Nada demais. Tivemos uma discussão boba outro dia.

— Boba ou não, precisam resolver isso logo. Deu para sentir as faíscas de tensão respingando em mim. — Ela encolhe os ombros.

Reviro os olhos.

— Quem sabe num dia em que eu esteja menos subversiva.

— Deus, socorro!

Gargalhamos.

Mal tive tempo de me recompor do riso e uma mensagem em vermelho pisca silenciosamente na tela à minha frente. Nem preciso me dar ao trabalho de abri-la para saber quem é o remetente.

Roger: Você pode, por favor, vir até minha sala.

Respondo de forma simples e direta:

Cecília: Sinto muito, não posso. Estou ocupada.

Roger: Cecília, isso já passou do ridículo. Me evitar não vai resolver a maioria dos seus problemas nesta empresa.

Cecília: Eu não o evito. Quando necessário trocamos mensagens, que fazem parte do trabalho para o qual você paga meu salário. Nada além disso!

Encaro o espaço em branco aguardando que algo novo apareça. Reticências flutuam na tela enquanto ele digita uma nova mensagem que, pela demora, parece ser gigantesca.

Roger: Como você é teimosa!

Só isso?

Nada de reticências. Ele parece ter desistido. Foi mais fácil do que pensei.

Respiro aliviada.

Não por muito tempo. Um novo recado surge e quase posso ouvi-lo soletrar as palavras com autoridade.

Roger: Se não vier em dois minutos, considere dar um passeio até o Recursos Humanos.

Sei que ele está me testando.

Cecília: Você não teria coragem.

Roger: Vai pagar pra ver?

Chantagista de uma figa.

Se Roger aprendeu alguma coisa sobre mim nos últimos anos foi que, depois de meu pai e Cookie, mexer no meu bolso é o mesmo que cutucar meu tendão de Aquiles inflamado.

Dou três batidas na porta, giro a maçaneta e entro sem esperar autorização.

— Quem você pensa que é para me ameaçar?

Com os olhos vermelhos, Roger imediatamente levanta de sua cadeira estofada de rodinhas e avança em minha direção. Antes que eu consiga assimilar o que ele está fazendo, sinto seu corpo chocar com urgência contra o meu.

Congelo. Paraliso. Minha audição é a única dos meus cinco sentidos que parece trabalhar em perfeito estado e, em meu peito, dois sentimentos brigam entre si: raiva e compaixão.

Não estava preparada para isso.

Como uma criança, quase vinte centímetros mais alta, o homem firme que

sempre me provoca com sua autoridade apoia o queixo em minha cabeça e desmorona. Incapaz de compreender seu gesto eu sustento a respiração e mal sinto meus braços envolverem a cintura de Roger enquanto ele me esmaga em seu abraço.



Uma nuvem de melancolia me acompanha durante todo o percurso até a Amo Patas. Sinto-me um pouco culpada pela carga de adversidades que Roger vem carregando nas costas. Diferente de algumas horas atrás, sinto que em alguns momentos eu deveria ter sido mais prestativa e menos condenatória.

Todos nós precisamos de um ombro amigo, e embora eu não entenda o motivo de Roger me considerar um, isso deveria servir como garantia para a minha estabilidade no emprego, não é?

Quanto egoísmo. Quanta falta de empatia. Devo ter uma ameixa seca no lugar do coração.

Talvez um dos meus maiores defeitos seja tirar conclusões sem antes analisar com prudência os fatos. A verdade é que lidar todos os dias com desculpas esfarrapadas tem me tornado uma pessoa imparcial. Seria compreensível que, às vezes, eu venha a falhar nas minhas conclusões.

Catarina, no entanto, é um aditivo desnecessário a todos os problemas pessoais que Laura e Roger vêm enfrentando. Meu chefe insistiu em dizer que não houve novos episódios além do que ocorreu no elevador e que também ficou surpreso por encontrá-la pelos corredores do nosso andar alguns dias mais tarde.

Mas quer saber, a essa altura do campeonato, isso pouco importa.

Roger está arrasado porque Laura estava grávida e perdeu o bebê. Eu nem imaginava que ela enfim tinha tomado a decisão de ser mãe, e que estava disposta a realizar um desejo oculto nas insinuações do marido. Da última vez que trocamos confissões, esse era um assunto proibido entre eles.

Quando foi que tudo mudou?

Não faço ideia porque sou uma péssima melhor amiga de colegial. Erro que precisa o quanto antes ser reparado.

Sem falar que não sou boa em esconder quando alguma coisa não está legal. É uma tarefa um tanto dolorosa guardar segredos que não são nossos. Driblar DVD e Roberta das questões pela minha repentina aparência desolada foi algo que esgotou toda a minha energia. Duvido muito que eles tenham acreditado na mentira que contei. Cólica os convenceria melhor do que uma insuportável dor

de estômago?

Nunca vou saber.

Assim que entro no pátio de cimento queimado da creche, chacoalho a cabeça tentando expulsar os pensamentos melodramáticos. Chega a ser desanimador não saber o que esperar do restante de um dia tão conturbado.



CECÍLIA

VEJO OS MESMOS ROSTOS DE SEMPRE com seus animais de estimação deixando o lugar.

Com um aceno discreto, cumprimento Alice, uma garota com quem fiz amizade na creche. Ela caminha até mim com olhos azuis brilhantes e sua sociável buldogue francês, que hoje, pende a cabeça de lado de forma preguiçosa.

— Olá, Pippa! — Afago as orelhas da cadela e, de repente, sinto uma pontinha de inveja dela. Especialmente hoje gostaria que alguém fosse capaz de me transportar em uma mochila canguru de oncinhas.

Após uma dúzia de conversa, a simpática ruiva e sua cachorrinha roliça deixam o extenso quintal.

Minha atenção é fisgada pela última pessoa, além de mim, a resgatar seu animal. Um jovem senhor conversa com Ionara, uma das administradoras da Amo Patas. Ele gesticula com as mãos enquanto fala e, ao seu lado, um garotinho loiro com idade para ser seu neto, aconchega nos braços um pequeno poodle.

De onde estou não consigo compreender o que o deixa tão exaltado, mas à medida que avanço – curiosa – as palavras se tornam mais claras.

A bolinha de pelos semelhante a algodão está com a pata direita engessada e, ao que parece, não foi assim que ela amanheceu o dia.

Alguém deve estar muito encrencado.

Estico o pescoço para todos os lados, buscando avistar Cookie por entre alguns possíveis esconderijos, mas não o vejo. Eu me aproximo um pouco mais da discussão e ouço o homem desprovido de oitenta por cento dos cabelos alegando ter uma medida preventiva para futuros acidentes.

Miro um ponto qualquer do imenso céu azul, hoje sem nuvens, com os ouvidos prontamente apurados para a solução brilhante que ele parece ter.

— Expulsão! A senhora não pode arriscar que aquele capeta mal-educado faça isso com outro animal! — ele brada.

Achei um pouco pesado o palavreado, mas, pensando bem, de cachorro capetinha eu até que entendo um pouco.

— Meu senhor, aqui as coisas não funcionam assim — Ionara mantém a postura firme ao dizer. Ela entrelaça os dedos a frente do corpo e quando nossos olhares se cruzam, ela parece ter dificuldade de engolir algo preso na garganta antes de continuar: — Alguns dos nossos cães estão em processo de reeducação comportamental e...

— Está querendo me dizer que o cãozinho do meu filho está servindo de cobaia para que esses belzebus aprendam seus limites?

Não sei o que me espanta mais em minha ingênua esperança de que ele realmente estava querendo ajudar: o menino de pele branquinha ser filho desse cara velho e amargo ou os sinônimos que ele usa para ofender um animal abençoado.

— Ahn, oi, com licença — interrompo educadamente a discussão. — Vim buscar meu Golden Retriever. O nome dele é Cookie — me dirijo a mulher com perfeitas luzes platinadas nos cabelos.

Meu corpo todo aquece em desconforto quando, de soslaio, percebo estar sendo explorada, e não com bons olhos. O olhar do sujeito ao meu lado percorre toda a extensão do meu 1,68 metro antes de se fixar em meu rosto.

— Ele está lá dentro. Vou buscá-lo — a mulher responde e demora alguns segundos nos analisando antes de se afastar, como se ponderasse ser seguro nos deixar sozinhos.

Ainda constrangida, me concentro no garotinho e seu cão. Apoio-me em meus joelhos e me curvo para frente, esticando os dedos para acariciar a delicada cabecinha do animal, quando sou brutalmente interrompida.

— Você não tem vergonha? — o homem grita, quase arrancando minha mão ao me puxar para cima.

— Está me machucando! — espantada, o censuro. Ele mantém o agarre ao meu pulso e, com minhas palavras, seu aperto se torna mais firme.

Não evito um gemido de dor.

O menino, com medo, chama insistentemente pelo pai, mas a atenção do homem é exclusiva a mim. Era como se a culpa de tudo de ruim que estava acontecendo com eles naquele momento fosse minha.

Minha voz está presa na garganta, forço-a, porém, as palavras morrem antes mesmo de me chegarem à boca.

Eu desejava gritar com ele. Queria exigir que me dissesse a razão pela qual eu deveria me envergonhar. Intencionava lhe dizer que o meu intuito era agradecer seu filho, que agora soluçava, e por sua culpa. Ele cresceria uma criança traumatizada por presenciar aquele episódio agressivo e jamais se esqueceria dele. Mesmo quando fosse adulto, ele se lembraria daquela cena, com sorte, talvez apenas fragmentos dela, e as piores, infelizmente.

Mas eu simplesmente não consigo reagir ao que está acontecendo.

O homem cospe todo tipo de insulto para cima de mim e eu me desligo completamente. Engulo meu orgulho para preservar a memória daquela criança ao ponto de algumas lágrimas impertinentes rolaem pelo meu rosto.

O choro do garotinho se mistura aos gritos de Ionara que implora para que o homem solte meu braço, e aos latidos graves de Cookie, que assume uma postura agressiva em minha defesa, preso em uma das colunas de concreto da área coberta do pátio.

Nem sei bem como ele foi parar ali.

Toda a balbúrdia serviu para chamar a atenção de outros funcionários que apareceram para espiar o alvoroço, mas entre todos, apenas uma pessoa se importou em disparar em meu socorro.

Aperto os olhos como uma criança que não quer ver os minutos finais de um filme de horror. Quando sou liberta da pressão em meu punho, crio coragem para abri-los novamente e ouço os protestos do homem que, gentilmente, é instruído a se acalmar, e com um aperto firme em seus ombros, acompanhado até a saída.

Respiro aliviada, porém, o andar seguro e confiante do rapaz que o conduz

me provoca um arrepio na nuca.

Levanto o braço na altura do peito e massajeio a região dolorida. As pontas dos meus dedos da mão direita estão dormentes e tenho a impressão de que não sou capaz de segurar um simples objeto sem deixá-lo cair.

— Ah, meu Deus! Eu sinto muito — Ionara se desculpa. Ela alisa meu rosto secando os rastros das lágrimas, depois meus cabelos e de novo meu rosto.

Seu gesto protetor de mãe nubla minha visão e, involuntariamente, seco o canto dos olhos com a mão boa.

Patife. Estou me tornando uma patife.

— Você não tem culpa de nada — minha voz sai rouca. — Aquele homem é louco!

— Ainda assim, eu não deveria ter deixado você sozinha com ele. Deveria ter ouvido minha intuição.

— Eu apenas quero saber o que eu fiz para ele agir daquele jeito.

— Oh, minha querida! Não foi você. — Cerro os olhos. — Foi ele. — Ela aponta Cookie que chora lutando para escapar e vir até mim.

Organizo os pensamentos e então tudo se encaixa. Cookie é o culpado pela fratura do cachorrinho e aquele homem sabe que a responsável por ele sou eu. De certo modo, me sinto aliviada por ele descontar em mim sua fúria e não em meu cachorro. Nem consigo imaginar o que ele seria capaz de fazer.

— Achei que separassem os animais de grande porte dos pequenos — digo um pouco envergonhada.

— Foi um descuido nosso. Cookie não tinha a intenção de machucá-lo. Ele ainda não tem noção do quanto é pesado — diz com um sorriso sem graça. — Mas não se preocupe, vamos tentar solucionar tudo da forma mais pacífica possível. A não ser que você queira resolver isso à sua própria maneira, quero dizer, judicialmente.

O rosto desesperado do garotinho me vem à mente.

— Não, de jeito nenhum!

— Tem certeza? Apesar de você ser a responsável por Cookie, nada justifica ele tê-la agredido. — Afirmo meneando a cabeça. — Eu realmente sinto muito! — Ela afaga meu braço, finalmente convencida.

Enrosco no pulso a guia de um Cookie que, agora deitado sobre meus pés, encenava sua posição mais inocente: o focinho enfiado entre as patas. Sorrio com a cara deslavada dele.

Então uma voz masculina soa ao meu lado e eu enrijeço.

— Acho que deveria ir dar uma olhada nisso.

— Está tudo bem — asseguro, mesmo não tendo tanta certeza.

— Deixe-me ver a sua mão — pede o rapaz.

Sem me dar outra alternativa diante de Ionara, ele estende um braço com a palma voltada para cima e aguarda que eu repouse a minha mão machucada sobre a dele. Hesito enquanto tento me convencer de que ele não é o mesmo cara com excesso de excentricidade do ônibus. Decidida a não causar novos constrangimentos, de modo letárgico, atendo o pedido.

Esqueço-me de respirar por um momento quando ele, com cuidado, envolve minha mão na sua. Seu toque é surpreendentemente caloroso e sutil. Até mesmo o polegar que está a desenhar movimentos circulares no dorso da minha destra é semelhante a uma pluma a acariciar minha pele.

Levanto os olhos para encará-lo pela primeira vez e, incapaz de sustentar seu olhar por muito tempo, desvio-me dele.

— Consegue abrir e fechar a mão? — Otávio pergunta e eu replico o movimento, lamentando por minha mão escorregar para o vazio outra vez. — E girar o pulso, dói?

— Um pouquinho — é tudo o que digo ao fazer o teste.

Satisfeito, ele me oferece um sorriso aberto e verdadeiro.

— Você vai ficar bem. Talvez um pouco de gelo seja uma boa para evitar o inchaço. Logo nem vai mais se lembrar deste dia.

Como se fosse possível esquecer de uma hora para outra as pessoas desequilibradas que cruzam meu caminho.

Baseada nesse pensamento apenas assinto, minha forma mais segura de agradecer e não permitir que tais palavras me escapem.

Decidida a partir, dou uma puxadinha na corda para que Cookie se levante do chão. Os dedos do rapaz roçam os meus uma última vez, quando, ao mesmo tempo, afagamos as costas do meu cão, que parte para cima de mim sem cerimônia após entender que a avaliação de seu amigo havia acabado.

Esse simples gesto, de repente, me faz estremecer.

Seu olhar encontra o meu e outra vez não digo nada, mas sinto meus lábios me traírem ao se moldarem em um meio sorriso.

É controverso que eu aja assim mediante a tudo o que passei hoje. Tenho consciência disto. Mas ao me despedir de Ionara e Otávio, deixo a creche ostentando um entusiasmo bobo que não me abandona tão cedo.

O irmão da minha amiga está enganado. Talvez eu não queira esquecer tudo o que vivi neste dia.



OTÁVIO

— **MARAVILHA!** — digo conferindo a marcação dos ponteiros em meu relógio de pulso. — Mais meia hora e isso finalmente termina.

A frustração me abate e as dificuldades da profissão me deixam desmotivado. Manter-me e ser um bom profissional com baixa remuneração e reconhecimento é um desafio que abala meu estado emocional, principalmente quando minha tarefa do dia passa a ser tirar a poeira das prateleiras.

Por Deus! Eu sou um veterinário.

Sem falar nos seis meses de curso intensivo, estudando a filosofia e as terminologias de um sistema de adestramento de cães, focado durante horas de

prática em um centro de treinamento, tudo isso quase que ininterruptamente.

Eu poderia estar exercendo múltiplas funções nessa empresa, mas onde estou? Bem aqui, com uma flanela e um limpador multiuso em mãos e, para completar, meu mau-humor faz com que meu dia pareça ainda mais desgostoso e sem propósito.

Preparo-me para enfrentar a outra dúzia de prateleiras repleta de roupas e acessórios para cães do outro lado do cômodo, quando sinto os olhos de alguém sobre mim. A princípio me espanto quando viro o rosto para encará-la, mas logo a surpresa se transforma em fascínio pela forma como ela morde o canto da boca. Posso jurar que há em seus lábios vestígios de um sorriso.

A garota continua a me fitar descaradamente e eu faço o mesmo, foco em seu perfil e avalio sua beleza.

Ela veste um *jeans* de cintura alta e uma camisa preta com finas listras na vertical, e os pequenos saltos que usa a faz ganhar um pouco mais de altura. Seu cabelo está preso por uma fivela no alto da cabeça, e alguns cachos soltos emolduram suas orelhas. A combinação não é nada sofisticada ou muito elegante, é casual, perfeita para um dia de trabalho em um escritório, mas ainda assim, Cecília está muito bonita.

Limpo minhas mãos na flanela e dispenso o material de limpeza sobre o balcão ao meu lado, ao mesmo tempo em que colo um sorriso no rosto enquanto analiso sua forma passiva que parece aguardar que eu tome a direção.

Para minha surpresa, ambos temos a mesma iniciativa.

— Oi — dizemos um ao outro e Cecília se permite um sorriso sem dentes.

Elimino o espaço entre nós e, quando me aproximo, noto a bandagem elástica de compressão em seu pulso.

— Ainda dói? — pergunto mirando sua mão que aperta firme a longa alça da bolsa que carrega no ombro.

— Não muito. O tensor é mais para aliviar o inchaço.

Concordo com um meneio de cabeça.

— Na verdade, foi por causa disso que eu vim até aqui falar com você. — Sem entender o porquê, franzo o cenho e cruzo os braços. — Acabei esquecendo de te agradecer por ter me ajudado ontem... com aquele homem... com o pulso...

— Não precisa me agradecer, não fiz nada que alguém sensato não faria.

— Bem, então acho que além de você, não havia muitas pessoas com essa qualidade disposta a ajudar.

Sorrimos. Em um momento egoísta sou obrigado a concordar, mesmo que eu faça isso internamente, orgulhoso e feliz por ela estar aqui agradecendo a mim e não a outra pessoa.

— Otávio. — Cecília toca meu braço com delicadeza e levanto os olhos para

ela. — Muito obrigada, mesmo.

Inexplicavelmente o ponto em que ela toca aquece minha pele e o calor se estende até meu peito. Fico imóvel, irracional, e o momento de silêncio que se faz entre nós parece ser a deixa de que Cecília precisava para se distanciar e ir embora.

Mas a impeço.

Não vou ficar o resto do dia me lamentando por agir como um idiota ao permitir que ela partisse. Não vou deixar que isso aconteça. Não sem antes tentar a sorte.

— Cecília — a chamo e faço a única coisa que está a meu alcance para impedir que ela se vá. — Quer mesmo me agradecer? Que tal me acompanhar em um *shot* de café assim que meu expediente acabar?

Ela me olha de rabo de olho, desconfiada das minhas boas intenções.

— Está me chamando para sair?

— É apenas um *shot*. — Não evito o riso diante da sua suposição.

Minhas palavras a deixam sem graça e posso ver uma faísca de algo, que não sei bem explicar de quê, atravessar seus olhos. Seria muita pretensão da minha parte decifrar aquilo como sendo decepção? Sim, eu sei, é claro que seria, porém, é algo que não consigo evitar.

Sinto-me na obrigação de fazê-la se sentir ao menos confortável.

— Quem sabe com uma bebida quente eu consiga eliminar de vez aquela sua primeira má impressão sobre mim. Você sabe. Sobre aquele dia no ônibus.

Seu semblante relaxa e ela concorda.

— Isso não vai ser muito difícil. — Cecília caminha em minha direção, estende os dois braços na altura do meu rosto e retira meus óculos. — Isso por si só subtrai cinquenta por cento.

Minha confusão deve estar estampada em minhas feições. Cecília simplesmente dá de ombros e sorri, como se não fosse assim grande coisa o fato de as lentes corretivas que uso a perturbem por fazê-la se lembrar de um momento no qual eu não parecia ser eu mesmo.

Gosto da forma que as coisas se desenvolvem rápido com essa garota.

— Achei que meu ato heroico já havia se encarregado dessa parte — digo ainda surpreso com sua proximidade.

Ela guarda o objeto no bolso do meu jaleco empoeirado e, ainda sorridente, completa: — Acho que você acaba de descobrir quanto vale o X dessa nossa equação.



Cecília e eu nos acomodamos em uma mesa na área externa da Stories Café. Em um pequeno espaço cercado por grades de ferro onde enroscamos a guia de nosso companheiro e amigo cão. Bem, a verdade é que esse lugar não pertence exatamente a cafeteria, mas a um pequeno restaurante ao lado, especializado em saladas, que contém os únicos lugares disponíveis em que podemos manter Cookie por perto.

— Não sei quanto tempo ele vai aguentar sem chamar atenção — diz Cecília admirando a montanha de pelos dourados que descansa sobre a calçada de paralelepípedos. — Quem olha para ele assim, acha que é um santo. — Sorrio enquanto posiciono à sua frente a bandeja contendo o expresso de baunilha com gotas de chocolate, e um *cheese bomb* sabor pizza.

— Ele é um bom cachorro. Só precisa de um pouco de disciplina para entrar na linha — digo me sentando na cadeira ao seu lado.

— Sonho com esse dia até quando estou acordada. Às vezes, tenho a impressão de que há algo não canino nele — diz levando o *shot* à boca. Logo após provar da bebida e fazer uma careta, alerta-me: — cuidado, está muito quente!

Sopro meu pequeno copinho feito de biscoito e o aroma recende em meu olfato. Quase posso sentir o gosto do chocolate com pimenta na língua contrastar com o adocicado e peculiar sabor que Cecília me provoca. Quando a fumaça se dissipa por completo, tomo todo o conteúdo num gole só.

— Isso é uma delícia — elogio sentindo imediatamente todo o corpo esquentar. — O sabor é picante. Ahhhh, muuuuito picante — falo escancarando a boca e Cecília solta uma risadinha.

— Nunca veio aqui antes, não é? — a garota questiona, me passando a garrafa de água mineral que, no mesmo instante, viro goela abaixo, desesperado.

— Como você sabe? — pergunto assim que recupero um pouco da minha dignidade.

— Age como um turista.

— Porque sou praticamente um — rebato. — Moro nessa cidade a pouco mais de vinte dias e todo meu tempo vago tenho usado para procurar um lugar para morar. — Apoio os cotovelos sobre a mesa e cruzo os dedos. — Por isso ainda não tive oportunidade de conhecer muita coisa por aqui.

— Também não é um cara muito difícil de se decifrar — diz como se estivesse completando um pensamento em voz alta.

Suas últimas palavras me deixam apreensivo. Cecília ignora minha justificativa e, de repente, estou sendo analisado. Tenho um breve *insight* recordando as palavras de um Cézar intimidante, dizendo: “Instruí muito bem minha garotinha sobre como decifrar as intenções de um homem”.

Sustento o olhar sério a ler minha alma, sem deixar de perceber todo o resto. Cecília torce um dos cantos da boca e sua covinha do lado direito fica funda devido o pequeno esforço. Ela pousa o polegar sobre os lábios e o leve vinco entre suas sobrancelhas confirma que está tentando me desvendar.

É quase irresistível ver a herança familiar que ela carrega em seus olhos escuros e brilhantes: uma intensidade hipnotizante. Nesse instante, enquanto ainda estou preso em seu olhar, me pergunto se ela realmente acredita que minhas intenções, hoje, são nobres.

Cookie é quem quebra nosso contato visual com seus latidos, quando o silêncio se torna ensurdecedor até mesmo para ele.

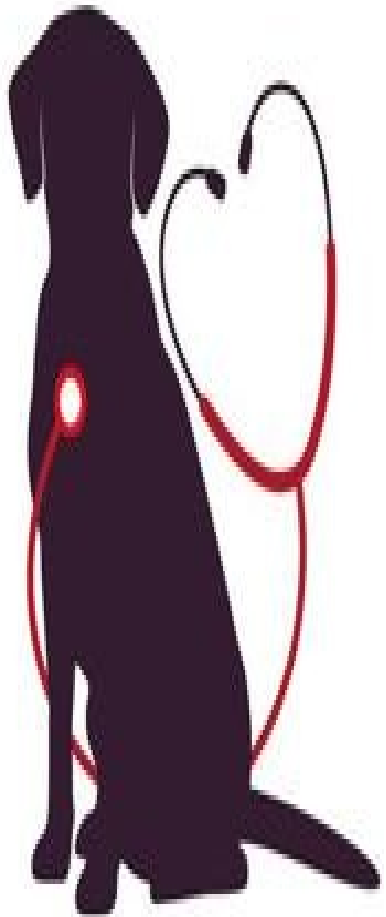
— É. Acho que não sou uma pessoa muito interessante — digo desconcertado. —Sou menos ainda misterioso.

Cecília parece não ouvir a baboseira que acabo de dizer, muda de assunto tão rápido quanto pisca.

— Sabe qual a melhor coisa desses *shots* feitos de biscoito? É que podemos, literalmente, comer os copos.

Uma coisa é certa, o gosto e as peculiaridades dessa garota ainda vão me meter em encrenca com o pai dela.

Capítulo 12



OTÁVIO

UMA AURA TRICOLOR me envolve numa mescla de preto, marrom e cinza, e traz com ela o gosto de terra molhada, típica de um outono chuvoso. É nesses momentos em que tudo o que eu queria era apenas ouvir ao invés de ter o reflexo do interior do meu cérebro traduzindo cores e sabores de uma forma extremamente desagradável.

O celular de última geração do cara mau encarado que apoia o corpo na grade baixa que nos cerca, sem dúvidas, tem um alto falante potente. E é só quando ele gira o tronco em direção aos protestos de Cookie que percebo que o

sem noção tem um *soundboost* acoplado ao aparelho.

Nesse meu instante de distração, quase não percebo a dificuldade que Cecília tem em acalmar o cão que late sem parar para o indivíduo. E este nem lhe dá bola. Faz questão de testar a saúde auditiva de todos à sua volta sem se importar o quanto a potência da caixa de som barulhenta tende a nos fazer gritar para sermos ouvidos.

Levanto-me da cadeira ciente de que nosso momento de interação acabou, ou melhor, foi interrompido. Dou a volta até o outro lado da grade e me aproximo com cautela de Cookie, que assume uma postura agressiva inclinando-se para frente com o rabo rígido e as orelhas levantadas.

Meu objetivo é acalmá-lo, por isso, me abaixo e aliso a pelagem macia de suas costas. Estou prestes a lhe impor um dos comandos básicos que sei que ele é capaz de obedecer e intimamente torço para que ele me ouça.

— Shhhh, calma garoto! — peço com a voz baixa e tranquila. — Cookie? Cookie... Senta.

Leva quase meio minuto para ele se calar, inclinar a cabeça para me avaliar e, por fim, atender meu pedido.

— É isso aí, amigão! — elogio enquanto ele lambe minha mão que acaricia sua cabeça. — Muito bem, Cookie.

O rapaz amante de *heavy metal* vai embora gingando, mostrando indiferença às minhas habilidades. Cookie gani e tenta alcançar meu rosto com a língua, e sei exatamente o que seu resmungo quer me dizer.

— Eu sei que é barulho demais para você, garotão! — sussurro. — Se quer saber, também não faz muito bem para mim.

— Como? — pergunta Cecília. Quando levanto o rosto para encará-la, dou de cara com uma expressão incrédula estampada em suas feições. — Como você conseguiu fazer isso?

Esboço um sorriso presunçoso.

— Acho que contei com a sorte.

— Sorte?

— A saída é nunca brigar ou gritar com o animal quando coisas desse tipo acontece — a instruo. — Precisa educá-lo a aprender a te ouvir.

Pela primeira vez enquanto mantemos contato visual, posso sentir um sorriso genuíno iluminar o rosto de Cecília.

— E como ele te ouve se vocês mal se conhecem? — diz como se tudo o que aconteceu fizesse parte de um misterioso plano de conspiração contra ela.

— Talvez Cookie tenha um sexto sentido que lhe permita distinguir um cara bacana de um mau-caráter.

— Sei! — Ela cerra os olhos para mim. — Com isso você quer dizer que faz

parte do time dos bacanas? — Cecília morde o canto da boca, pensativa, e nesse momento sei que ela põe em dúvida mais uma vez minha sanidade.

— Okay. Tenho licença de adestrador. Esse é meu segredo — revelo após sua pausa perscrutadora.

E enquanto ela ainda me encara com uma expressão inocentemente atraente estampada no rosto, busco me distrair afagando a nuca.



Estamos os três caminhando em direção ao ponto de ônibus onde devo pegar a condução de volta para casa. Cookie segue trotando feliz da vida pela calçada, enquanto Cecília me pede mais algumas dicas básicas para lidar com ele. Faço uma pequena explanação da melhor forma que consigo, embora eu, sinceramente, seja muito melhor na prática.

— Por que não fazemos isso juntos? — proponho. — Eu posso treinar Cookie nos fins de semana sob sua supervisão.

Os olhos dela brilham, mas logo um incômodo a traz de volta do que parece ser um sonho prestes a se realizar e seus ombros sobem e descem em uma respiração profunda.

— Eu agradeço, Otávio, mas não disponho de recursos para pagar seus serviços.

Estalo a língua.

— Alguém aqui falou em valores?

Uma sombra de expectativa desenha seus lábios, no entanto, suas feições me revelam que ela não acha justo que eu não receba nada em troca do trabalho duro que sabemos que terei com Cookie.

— Tudo bem. Se for te deixar mais confortável, podemos fazer um teste e revemos esse assunto se houver progresso — insisto. — E então, o que me diz?

Cecília ergue os olhos e me inspeciona ainda com o rosto abaixado, ainda reticente quanto a aceitar minha oferta. Talvez, eu não ter algum benefício não seja apenas o motivo que a faz cogitar a possibilidade de negar, afinal.

— O que tem a perder? — persisto, apoiando os polegares nos bolsos da calça *jeans*, odiando-me por não possuir mais nenhum argumento que a convença. Pelo menos não um que eu saiba explicar os motivos.

Ela fecha os olhos, pensa um pouco e então concorda. Seu sorriso torto de incerteza soando uma resposta melhor do que qualquer palavra.



— Otto, é você?

Ouçó minha irmã gritar do segundo piso assim que fecho a porta da sala atrás de mim.

— Sim, sou eu, mana — respondo assim que chego ao hall central da casa e a visualizo apoiada sobre o guarda-corpo da escada.

— Caramba! Você me deixou preocupada! — exclama com uma das mãos sobre o peito. — Tentei falar com você pelo celular umas cem vezes.

Retiro o aparelho do bolso de trás da calça para conferir e, ao deslizar o polegar sobre a tela, me lembro: — Eu o desliguei.

Exibo minha melhor cara deslavada.

— Desligou, é? — ela murmura como quem diz: “aí tem coisa.”

Subo, de dois em dois, os poucos degraus e sigo Laura até seu quarto. Ela se acomoda em um banquinho estofado em frente a penteadeira hollywoodiana, forrada de todo tipo de quinquilharia para se maquiar e eu me sento na cama macia e confortável atrás dela.

Laura me espia através do espelho e uma ruga de interrogação surge entre suas sobrancelhas claras. É nítido em suas feições intrigadas que ela não esperava o irmão em seu encalço.

— Vai sair com Roger? — pergunto.

— Não, com algumas amigas — responde pincelando a pele com uma generosa camada do que presumo ser base.

Não que ela precise de toda a massa corrida que aplica no rosto. Laura é uma mulher naturalmente bonita, encantadora até mesmo quando acaba de sair do banho, sem vestígio algum de vaidade e com os cabelos úmidos que, hoje em especial, derramam-se como uma cascata dourada por suas costas nua.

— Aquela sua amiga... do outro dia... a do cachorro. Vai com você?

Pergunto como quem não quer nada.

— Quem? — Em um primeiro momento ela parece confusa, mas logo compreende. — Ah, Cecília? Não, não. São outros tipos de amigas.

Tipos? Não fazia ideia de que minha irmã praticasse o hábito de estereotipar as pessoas.

Viajo no tempo em pensamento. Não muito longe, apenas uma hora atrás. Passeio pelo momento descontraído que partilhei com Cecília, recordando sua risada curta e engraçada, seu jeito seguro e cauteloso, sua delicadeza, que é, ao mesmo tempo, intimidadora e intrigante.

Em qual nível de amizade Cecília se enquadra nessa ideia classificatória criada por Laura? Qual seria seu tipo?

Talvez eu esteja exagerando na minha avaliação.

— Não entendi o que você disse. — Levanto os olhos para encarar o reflexo de Laura quando a ouço de longe mencionar o nome da amiga.

— Eu disse que Cecília provavelmente deve estar presa no escritório com Roger. Ela é o braço direito dele. Ele não consegue resolver nada naquele lugar sem ela.

Campainhas de alarme soam em minha cabeça.

— Roger não se importa que eu saia quando tem que ficar até mais tarde no trabalho — continua enquanto pincela o rosto com um pó muito claro. — E como isso tem se tornado algo constante, então, azar o dele. — Ela sorri, mas não é um sorriso alegre.

— Ele te disse isso? Que Cecília ficaria com ele até mais tarde no trabalho?

Pergunto me sentindo péssimo porque, considerando os últimos acontecimentos, o que ela diz, de alguma forma, não faz sentido para mim.

— Uhum — resmunga enquanto aplica o batom vermelho.

Massageio as têmporas buscando segurança para lhe contar. Quero lhe dizer que Roger está mentindo, que ele a está enganando. Contar a Laura que Cecília e eu estávamos juntos até pouco tempo atrás. Dar a ela o benefício da dúvida sobre as razões infundadas do marido.

Esfrego as mãos no *jeans* e respiro fundo. Então me levanto e caminho até Laura apoiando minhas mãos em seus ombros. Sem saber por onde começar, aliso o tecido fino do vestido preto que ela veste e, usando minha voz mais corajosa, capturo sua atenção.

— Laura.

Sua imagem projeta um afetuoso sorriso que censura toda a minha determinação. Meu coração grita, mas mantenho minha boca fechada. Não sei se por covardia ou por preservação. Talvez seja apenas a verdade de que o relacionamento alheio não me diz respeito, mesmo sendo o da minha meia-irmã.

— Só quero dizer que você está muito bonita esta noite.

Ela sorri.

Descanso um beijo em seus cabelos e saio pelo corredor, diretamente para o cômodo que me abriga todas as noites, desejando que minha estadia por aqui não dure muito mais tempo.



CECÍLIA

A LUZ BRILHANTE DO SOL ROÇA meu rosto como um beijo suave, mas não impede que uma rajada de vento me atinja e me faça estremecer.

Mas não é essa sensação incômoda que me deixa inquieta. É outra. A que Otávio desperta mim.

Esse cara me confunde e me desestabiliza, e a atenção e simpatia que tem dedicado a mim e Cookie deveriam ser suficientes para me alertar do perigo iminente. Ao invés disso, me aproximo cada vez mais. Minha repentina curiosidade em saber mais sobre ele me lança feito flecha que não desvia o curso

até que atinja seu alvo.

Estou convencida em afirmar a mim mesma que Otávio estava enganado sobre o que disse quando tomamos *shots* pela primeira vez. A maneira como às vezes ele se demonstra vulnerável sem um motivo aparente, alheio a algo que eu não consigo entender — muito menos explicar —, e seu “quê” de mistério que não é tão fácil quanto pensei descobrir.

Com certeza tudo isso o torna alguém muito interessante.

E é só por isso que me sinto assim. Acho.

Recostada no tronco de uma árvore desfolhada, observo no parque a interação de Otávio e Cookie, que está sentado sobre a grama e alterna a atenção entre seu instrutor e o objeto que ele possui em mãos, parecendo absorver as informações que o rapaz lhe dá.

Mesmo com ajuda profissional, não obtive nenhum tipo de avanço surreal com meu cão até agora. Ele aprendeu apenas a corresponder meu pedido para se sentar e, felizmente, sem emitir o som agudo de um apito como forma de protesto.

O treinador se prepara para fazer uma nova tentativa com um *frisbee* de cor vibrante e, segundo ele, mais resistente e flexível do que os últimos. Perfeito para treinar a velocidade e testar as reações impulsivas do nosso amigo.

Suas habilidades são, fascinantemente, controversas às minhas — se é que eu tenho alguma — e em poucas semanas já temos uma ligação em comum.

Cookie hesita e avança. Otávio, paciente, o instrui e o posiciona de volta. Cookie hesita e avança. Otávio o instrui. Hesita e avança. Otávio o posiciona. Hesita... Avança... E eu bufo.

JESUS AMADO! Abençoado seja esse homem pela paciência.

Como que por um milagre, Cookie estaciona em seu lugar, apenas a cauda balança na expectativa de poder se mover. Otávio se afasta e eu prendo a respiração. Temo que não dure muito tempo a obediência de um cão tão hiperativo quanto é o meu.

Uma pata dianteira se estende e eu quase grito, mas, diante da mão espalmada em sua direção, ele a retrai. A uma distância considerável o condutor cessa os passos, leva o disco na altura do tronco, estica o braço esquerdo, e por fim, o arremessa.

Cookie mira o objeto, corre atrás dele e o apanha ainda no ar. Sua performance é tão perfeita que eu vibro. Berro. Corro maravilhada até eles.

— Você conseguiu! — digo estendendo as palmas das mãos para o alto, oferecendo a Otávio um cumprimento triunfante.

Por um breve momento nossos dedos se entrelaçam e se seguram no ar. Ele não diz nada, mas seu sorriso se estende aos olhos e eu derreto igual açúcar na

boca.

Desvio o foco de seu rosto e admiro meu parceiro de educação canina, dono de ombros largos e cintura estreita. Ainda que desorientada com nossa proximidade, observo os torneados músculos do seu braço, firmes e bem presentes, mesmo sob a malha de manga longa que ele usa. Não que eu não tenha apreciado a vista antes, mas hoje me permito fazer isso sem culpa.

Mediante essa simples comemoração meu coração salta e percebo que, mais do que a Cookie, preciso reeducá-lo ou vou perder a cabeça.

— Admiro muito seu trabalho — digo e torço para que o elogio pareça espontâneo.

Então eu o solto e me concentro no peludo que cutuca as costelas de Otávio com o disco. O rapaz apanha o objeto de sua boca e, juntos, parabenizamos Cookie por atingir com sucesso mais uma etapa. Não sem antes nos certificarmos de que ele é capaz de fazer isso mais uma, e outra meia dúzia de vezes.



Caminhamos lado a lado e, em silêncio, observamos Cookie mais adiante, sem a guia, trotando até a esquina que nos levará a um destino oposto ao de seu instrutor.

Otávio ainda está ofegante, com os cabelos úmidos, se recuperando da maratona de lançamentos de disco para Cookie que vacilou uma ou duas vezes apenas. Seu estado de exaustão me arranha a consciência quando penso que ele está fazendo tudo isso sem obter nada em troca, por livre e espontânea bondade ou sei lá o quê.

Gostaria de perguntar o que se passa em sua cabeça, mas não sei se nossa amizade já atingiu o nível de questionar o que o outro matuta.

— O que você tanto pensa? — Otávio pergunta e eu caio na gargalhada. Suas espessas sobrancelhas se unem, dando-lhe ao rosto um ar interrogativo.

Talvez tenhamos burlado alguns níveis e eu nem percebi.

— Eu me perguntava exatamente isso sobre você.

Seu olhar é terno, profundo, e ele sorri quando estende os nós dos dedos para afastar dos meus lábios uma mecha do meu cabelo bagunçado pela brisa gelada que nos envolve. Em reflexo, faço o mesmo com alguns fios colados em sua testa, e é engraçado o quanto não existe estranheza entre nós por isso.

Algo novo está acontecendo aqui e eu não sou a única a ter consciência da

intimidade que representa esses mínimos toques. Eu não sei se por debaixo dessa gentileza toda há ou não segundas intenções pela parte de Otávio, mas seja o que for, não colaboram em nada em fazer meu coração bater em um ritmo considerado normal.

— Acho que chegamos no ponto em que deveríamos discutir sobre como eu deveria compensá-lo por todo o trabalho — digo a fim de desviar meus pensamentos, e porque já estou sem graça que ele exerça um trabalho tão intenso com Cookie sem nenhum retorno financeiro.

Otávio passa os dedos no cabelo, pensativo, depois esfrega a barba rala no queixo.

— Eu vou visitar alguns apartamentos mais tarde. Das imobiliárias que você me indicou... — ele pausa e suspira fundo enquanto ao mesmo tempo parece vasculhar a mente em busca das melhores palavras para dizer.

Balanço a cabeça e tento não tirar conclusões precipitadas sobre o que ele acaba de dizer parecer um convite para acompanhá-lo.

— Achei que...

— Tudo bem. Eu topo — o interrompo. Rápido demais. Comprimo os lábios e torço para estar certa, ou não sei onde vou enfiar a cara.

— Ótimo. O único problema — sinto o tom hesitante em sua voz —, é que ainda estou sem condução própria. — fala e força um dos cantos da boca.

Permito-me provocá-lo.

— Não vejo problema nenhum em dividir um Uber com você, se... — seu rosto se ilumina — você me prometer que não vai tomar nenhum comprimido que sua irmã possa vir a lhe oferecer.

Otávio joga a cabeça para trás e ri.

— E eu lá sou doido. Posso não ter a mesma sorte que da última vez.

Retribuo seu sorriso e então vejo perplexidade atravessar seus olhos e tomar suas feições à medida que ele foca em algo atrás de mim.

Tenho um mau pressentimento sobre isso.

Giro o corpo para acompanhar seu olhar e, como em câmera lenta, assisto a cena se desenrolar. Cookie levantando a pata para urinar na perna de um cidadão que aguarda na calçada o sinal fechar para atravessar a faixa de pedestres.

De novo não. Estou ferrada!

— Desde quando isso vem acontecendo?

— Eu acho que... desde... sempre?

— Isso não é bom. Isso não é nada bom.



CECÍLIA

ROBERTA ACORDOU DECIDIDA a extinguir meus vinte e quatro anos de sedentarismo em um único dia.

Estamos firmes num revezamento entre corrida e caminhada há mais de uma hora e meia e mal sinto minhas canelas. Sinto-me como uma devota religiosa em peregrinação a um santuário, sedenta pela misericórdia que ainda parece estar longe de chegar.

Mas nem meu estado ofegante e deplorável parece sensibilizar a determinação da minha amiga em atingir a meta de 8 km. E eu me pergunto onde estava com a cabeça quando resolvi levantar em plena madrugada para

acompanhá-la nessa aventura nada prazerosa.

Leva cinco segundos para que o lado entorpecido do meu cérebro se estabilize e lance ondas de eletrochoque em resposta, que se espalham por todas as minhas terminações nervosas e me paralisa.

Inclino-me para frente e me apoio sobre os meus joelhos, enquanto tento respirar melhor, recuperar meus sentidos e recompor-me do esforço de negar a mim mesma o motivo que me fez chegar a esse ponto. Odeio ter que admitir a atração que senti, e me odeio mais ainda por não conseguir tirar o rapaz de pele dourada da cabeça.

Passos decididos se aproximam de mim e encaro a dona dos tênis rosa-choque sem mudar minha posição. Enquanto ainda sinto as ondas de calor, o suor escorre do meu rosto, e antes que ela pergunte, já estou balançando a cabeça em negação.

— Você está bem?

Puxo meu rabo de cavalo, jogo-o para trás e ele cola no meu pescoço suado. Minha respiração ofegante e acelerada falha, porque até mesmo esse simples gesto me recorda a manhã anterior no parque.

— Odeio isso — murmuro.

Embora não saiba a que me refiro, o rosto de Roberta se abre num sorriso. Ela envolve um dos meus braços e me dá suporte até um banco de praça que nos cerca, uma vez que minhas pernas parecem se recusar a me sustentar.

— Ainda não acredito que troquei meu travesseiro e cobertor quentinho por uma *legging* e calçados esportivos — digo após tomar um generoso gole de água da garrafinha de Roberta, já que a minha não continha nem mais uma gota.

— Não esqueça que a ideia de praticar a “hashtag geração saúde” foi sua.

— Eu sei. Mas se me lembro bem, combinamos de traçar planos e metas que aumentariam gradativamente. Não me recordo de concordar em decretar minha própria sentença de morte.

— Você não está nada bem hoje — diz risonha. Com o canto do olho a vejo secar o suor do rosto com uma toalhinha. — Está mais dramática que o normal. O que está acontecendo?

— Acho que vou partir para a yoga — comento evasiva —, praticar o domínio das atividades no campo da mente parece ser muito mais relaxante.

— Com certeza aprender a acalmar a mente seria uma ótima opção para quem está prestes a desenvolver transtorno de ansiedade — caço. — Olha só para essas unhas roídas!

— Rá. Rá.

Minha amiga, ainda com o riso solto, reforça o elástico dos longos cabelos negros e em seguida abana o rosto para afastar o calor. A pele morena de suas

bochechas ganhou um novo tom rosado pelo esforço físico e eu faço questão de acentuar o quanto isso a deixa bonita. Ela descarta meu elogio com a mesma aversão de sempre quando nosso assunto envolve sua aparência, e sei que ambas estamos apenas trazendo a conversa para um terreno neutro, onde somos capazes de dominá-la sem muito sentimentalismo.

Em nossos anos de amizade aprendemos quando estamos dando tempo uma a outra até que seja confortável se abrir. Embora eu ainda esteja receosa e envergonhada pelo que pretendo lhe contar, nem todo o tempo do mundo será suficiente para mudar o que sinto.

— Levei um bolo de Otávio ontem.

Ela se volta para mim com uma expressão curiosa e ao mesmo tempo solidária.

— Não era uma espécie de encontro nem nada. Ele apenas me convidou para visitar um imóvel da lista que dei a ele e, simplesmente, não apareceu.

Quando digo isso em voz alta, pela primeira vez me ocorre que talvez Otávio não tenha me convidado, mas que eu o impus a solicitar minha companhia.

Eu o interrompi. Foi isso. Não era um convite. E nem faço ideia do que poderia ser já que impedi que ele completasse a frase, e quando Otávio hesitou, e tentou gentilmente retirar o convite com aquele papo de condução própria, mais uma vez forneci a solução.

Roberta tem razão, devo estar sofrendo de algum tipo de transtorno psicológico compulsivo.

— Como eu sou ridícula. Devo ter feito um belo e humilhante papel! Praticamente esfreguei na cara dele uma placa escrachada dizendo: Socorro! Solteirona desesperada.

Minha amiga ri e eu a acompanho.

— Já parou para pensar que talvez tenha acontecido algum imprevisto?

Balanço a cabeça.

— Pensei em todos os possíveis.

— Tudo tem uma explicação, não encuca e aproveita esse momento. Você fica radiante quando está interessada em alguém.

— Que besteira. Não estou interessada nele — falo pondo-me em pé para verificar a estabilidade do meu corpo. — Pelo menos, não de um jeito romântico.

— Ah, qual é, Lia? Nunca a vi assim antes. Não negue que ele mexe com você.

Não nego, tampouco refuto. Mentir não vai adiantar nada, sendo assim, apenas me calo.

— Deus sabe o quanto precisamos de alguém que nos faça bem e que nos leve para longe de todo o estresse e monotonia que é nosso trabalho. Beijar na

boca não faz mal nenhum, faz?

— Gostaria que, às vezes, você ouvisse seus próprios conselhos, Rô. Devo lembrá-la que você já encontrou uma pessoa capaz de fazer tudo isso por você?

Meu comentário a faz sobressaltar.

— Melhor irmos andando, o jardim botânico não está muito longe daqui.

Roberta levanta, me dá as costas e, desconcertada, se prepara para cumprir seu propósito. A seguro pelo braço e a puxo para mim.

— Eu juro que não entendo o que a faz acreditar que não é boa o suficiente para ele. E nem tente me enrolar desta vez, tudo o que lhe peço é que me diga o que te impede. Diz a verdade!

Sei que meu tom soa grosseiro e quase suplicante. Encorajo Roberta com um aperto firme nos ombros, lembrando-lhe que estou ali como uma amiga e não como uma autoridade pública a julgar suas razões.

Ela sustenta a respiração, seca as pálpebras molhadas e pisca os olhos perdidamente pelo ar, como se o verdadeiro responsável por suas lágrimas fossem as lufadas de vento frio que açoita nosso rosto. Escorrego minhas mãos até as suas e ela repele um soluço antes de me encarar.

— Calorias aniquilam carreiras e minam relacionamentos — diz num fiapo de voz.

Mal posso acreditar no absurdo que acabo de ouvir.

— Você é ainda mais estúpida do que eu — digo. — Não faça isso com você, não é justo!

— Eu sei que não... Eu sei!

Eu poderia expor toda a minha vasta opinião sobre o quanto é ridículo a incompatibilidade física definir um relacionamento, e o quanto é inaceitável que Roberta inclua DVD em um molde de expectativas irrealistas impulsionadas por uma sociedade preconceituosa, mas me detenho.

Nem imagino o quanto ela deve sofrer por se sentir inferior, por não se encaixar a um padrão fútil de beleza, e acreditar que o excesso de peso não lhe dá o direito de ser feliz com alguém que não possua as mesmas medidas. O que me deixa triste é ver a luta que ela trava consigo mesma, quando toda essa cultura taxativa a cega, fere e rouba toda a sua autoestima.

Na intenção de não quebrar a promessa e acabar por julgá-la, faço a única coisa que está a meu alcance para impedi-la de cometer o maior erro de sua vida. Saco o celular do bolso do meu casaco de um moletom fino e busco o rosto conhecido entre as fotos dos contatos. Mesmo sob os protestos da minha amiga realizo a chamada, e só quando ouço a voz sonolenta de DVD é que me dou conta que ainda não são nem nove da manhã de um domingo.

— Oi, desculpa te acordar. É por uma boa causa. Pode me dar só um minuto?

— Estendo o aparelho a Roberta. Ela resiste por alguns segundos, mas, mesmo trêmula, resolve se dar uma chance. Sussurro, usando meu lado mais persuasivo:
— Faça o que tenha que fazer e, sobretudo, seja honesta com ele.

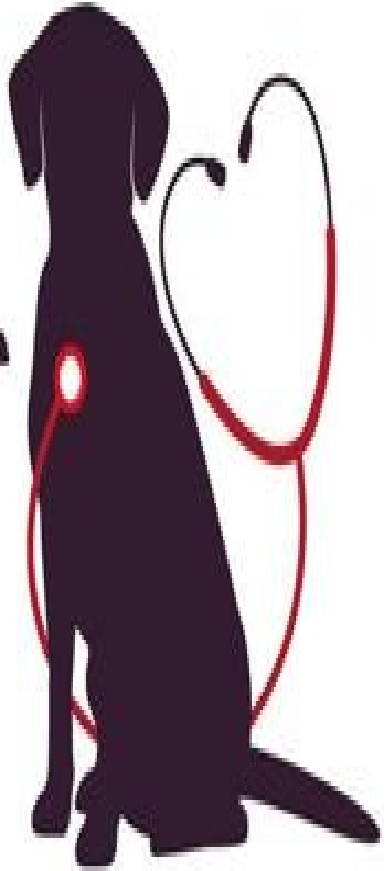
Quando Roberta se afasta para falar ao telefone, volto a me sentar no banco. Depois que toda a adrenalina da corrida pareceu se dissipar e eu descobrir que minha roupa não é suficiente para me aquecer, esfrego as mãos uma na outra e depois nos braços, à medida que o frio me envolve.

Quando volto a observar Roberta, o metal rosado do aparelho cintila entre seus dedos conforme os raios tímidos do sol incidem sobre ele. Quando ela se movimenta, um fecho de luz me atinge os olhos e é quando ouço o clique das peças se encaixando na minha cabeça.

“Já parou para pensar que talvez tenha acontecido algum imprevisto?”

Recordo as palavras ditas pela pessoa que me encara de longe com um largo sorriso no rosto e constato que pensei em todos os imprevistos possíveis, menos naquele que seria o óbvio.

Capítulo 15



O_{TAVIO}

AS PORTAS DO AUTOMÓVEL SE ABREM E, repassando o pedido de desculpas na cabeça, caminho até Cecília.

Ela se despede rapidamente de uma amiga, que passa a ocupar o espaço vago ao lado do motorista que, sem demora, manobra o veículo e se mistura a tantos outros que passeiam pela avenida movimentada.

Os olhos de Cecília passam por mim, mas, a princípio, ela não me vê. Sua fisionomia toma uma forma engraçada enquanto ela sustenta entre os dedos um molho de chaves.

Está pensativa, como se duvidasse de algo.

E então ela torce o pescoço em minha direção. Mantém seus olhos fixos nos

meus enquanto corro para eliminar o que resta da distância entre nós.

Não posso negar o quanto me sinto ridículo.

Pareço um adolescente de doze anos apaixonado ao perceber o início de um sorriso se formar nos lábios da garota por quem está interessado, e isso é suficiente para fazer com que toda a minha determinação vacile.

Uma tensão palpável começa a crescer dentro de mim.

Sei o quanto essa garota é esperta e por si só deve ter deduzido nossa falha de comunicação. Ainda assim, me sinto culpado e no dever de desfazer a imagem de um canalha insensível que ela possa ter feito de mim até que descobrisse a verdade.

Em plena era de avanços significativos nos meios de comunicação, passamos quase um dia inteiro com a cabeça cheia de dúvidas e questionamentos por simplesmente não trocarmos nossos números de contato.

— Oi — ela diz me encarando.

Percebo que já estamos a um bom tempo assim, sem dizer nada um ao outro, apenas nos olhando como se fosse a primeira vez que nos víssemos de verdade.

— Oi... Eu... Ahn...

Sinto a testa franzir e todo meu discurso ensaiado se dissolve como fumaça. Estendo a mão para alcançar a sua, que repousa firme ao lado do corpo, e a envolvo com as minhas. As pontas de seus dedos estão frias, mas, mesmo assim, me aquecem por dentro como brasa.

Um lampejo de surpresa e confusão atravessa seus olhos e sei que eu deveria explicar o que está acontecendo, mas não consigo encontrar as palavras certas, elas simplesmente se perderam em algum lugar dentro de mim.

— Quem nos dias de hoje não troca o número de telefone com um amigo?

Por sua reação, Cecília me estapearia se não fosse educada. Estou num estado profundo de letargia e realmente deveria manter a boca fechada. Minha pergunta soa mais como uma acusação do que uma afirmativa, e por mais que não seja essa a minha intenção, a má entonação afeta Cecília de uma maneira que eu não esperava. Ela parece ressentida, controla certo grau de fúria até. Talvez ela não considere o que temos como amizade, ou esperava que eu dissesse algo mais elaborado — era o que eu pretendia —, ou ainda me desculpasse por não agir como um cara normalmente agiria.

Sei lá.

Mal posso nomear o que sinto, e seja lá o que for o gatilho que despertou esse desejo repentino, luto contra o que me impulsiona a fazer algo ainda mais estúpido. Não posso correr o risco de perder o que temos. Pouco a conheço, mas sua marra me revela que com Cecília é tudo ou nada. E a nada se resumiria nossos flertes dos últimos dias, porque, tenho a impressão de que beijá-la agora

não seria o melhor momento.

— Fico lisonjeada que você tenha se dado ao trabalho de vir até aqui me lembrar o quanto sou tapada.

Suas palavras são como o estalar de dedos exigindo que eu regresse de um momento de hipnose.

— Não é nada disso — contesto.

Sorrio e isso a irrita um pouco mais.

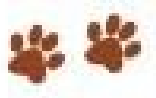
— Sério? Cara, então me ensina a receptar telepatia porque eu não faço ideia do que esteja pensando.

Cecília respira fundo e afrouxa o aperto de nossas mãos, mas antes que ela se solte, entrelaço nossos dedos, reforçando nosso contato. Levo nossas mãos até a altura de meus lábios e ela é obrigada a chegar mais perto.

Nossos corpos não se tocam, mas mesmo assim trocam ondas de calor.

— Ei, nervosinha, espera! — murmuro entre nossas mãos ligadas. — Quero te mostrar uma coisa.

Cecília suspira alto e cerra os olhos, me estuda por alguns segundos controlando os lábios que tremem e imploram para libertar o sorriso que ela insiste em aprisionar. Antes que eu a leve a qualquer lugar, me faz uma única exigência, e desta vez sou eu quem não contengo o riso — nem os tapas que levo no braço — ao descobrir que toda a sua interpretação de mulher ofendida, se refere a uma única expressão minha, e a que sou intimado a desfazer se quiser sua companhia para o quer que seja; a cara de maníaco.



Meia hora mais tarde, estamos admirando a figura sinistra pintada em forma de arte na parede escura como um quadro negro no meu futuro quarto. Os contornos bem desenhados de um Octopus horripilante com seus tentáculos e anéis prontos para atacar quem estiver repousando na cama que deverá — o pequeno espaço não deixa dúvidas — ser posta bem abaixo dele.

Cookie late e pende a cabeça de lado, emite um som que nos alerta o quanto aquilo é intimidante até mesmo para ele e deixa o quarto.

— Medonho! — exclama Cecília voltando a analisar a figura assim que perdemos Cookie de vista. — Mas poderia ser pior.

— Existe coisa pior do que ser devorado por esse troço nojento?

— Lagartixas — responde sem me olhar e também se retira do quarto.

— Está falando sério? — pergunto enquanto a sigo para avaliar o único

espaço do vazio apartamento que ainda não inspecionamos. — Você tem medo de um bichinho tão indefeso?

— Tem algum problema nisso?

Sem entender porque ela ficou tão na defensiva de repente, apenas arqueio as sobrancelhas de forma interrogativa e miro o ponto que ela está prestes a ferir se não parar com essa mania de morder os lábios, mesmo que de forma inconsciente, quando está chateada ou nervosa.

Minha súbita mudança de foco parece desarmá-la e, envergonhada, Cecília abaixa a cabeça e massageia as têmporas.

Sinto como se um arco elástico de tensão nos ligasse, ora sou eu quem o domina, ora Cecília quem o conduz até o limite, e nesse revezamento não obtemos as respostas que faça sentido para o que pensamos ou sentimos.

— Eu fiz alguma coisa errada? — questiono quando ela passa um considerável e insuportável tempo na mesma posição.

Ela balança a cabeça em negação e encolhe os ombros, retrai tanto o queixo que parece querer se esconder dentro de si mesma. Finalmente responde: — Não. Na verdade... eu não sei. Não sei porque você me trouxe aqui. Caso tenha se sentido na obrigação por causa do que aconteceu ontem, quero que saiba que está tudo bem. — Suas palavras ganham velocidade assim como suas mãos se perdem em gestos pelo ar, porém, ela não me olha nos olhos. — Não precisava se preocupar com isso. Você tem razão, parte da culpa é minha. Não sou acostumada a novos laços e ando em falta até com os mais antigos, então, eu sinto muito, mas não sou a melhor no que diz respeito a amizade sólida e perfeita.

Ela exala um longo suspiro, como se estivesse se desfazendo de um fardo incômodo.

— Está rompendo comigo?

— Quê?

Cecília rapidamente vira o rosto e olha para mim. Cruzo os braços a frente do corpo para acentuar minha encenação dramática.

— Está desfazendo nossa amizade, parceria ou seja lá como for que você chama o que a gente tem?

— Não. Acho que não?! — responde com um meio sorriso, confusa.

— Ótimo!

Segurando seu olhar caminho até ela, inclino-me em sua direção e liberto a trava da porta que dá acesso a sacada, para a qual ela está de costas. Seus lábios se partem e ouço um suave som escapar deles, devido a nossa proximidade. Nesse momento sei que não estou errado em afirmar que a atração entre nós é mútua.

Afasto as portas de vidro e antes de apreciarmos a vista, viro-me de volta para ela: — Eu não te trouxe aqui por me sentir na obrigação de nada. Eu te trouxe aqui porque quero partilhar essa maravilha com você, antes do que com qualquer outra pessoa.

— Você é louco, Otto!

Hipnotizado ou não, sei que a emoção repentina em seus olhos, hoje mais escuros e cintilantes que o normal, consumiram todo o mundo estável que eu conheço e prenderam-me como jaulas. Com a razão em frangalhos, não reluto em sucumbir a um desejo quando Cecília, ao sussurrar meu nome, faz tudo ao meu redor girar como um carrossel de cores e formas.

Estendo a mão, sentindo a necessidade de tocá-la, e percebo que ela prende a respiração enquanto meus dedos acariciam a linha de seu maxilar. Levo a mão livre até sua cintura e a trago para mais perto de mim, sentindo seu coração acelerar em contato com o meu quando se dá conta do que estou prestes a fazer.

— Achei que já soubesse disso.

Lentamente ela expira, e a fascinante permissão oculta em sua reação denuncia que deseja isso a tanto tempo quanto eu. Com o polegar e o indicador entre seu queixo guio sua boca até a minha e, quando nossos lábios se tocam, sou incapaz de ignorar o sentimento que começa a arder dentro de mim.

Perdido em seus lábios, meu coração salta com a perspectiva de Cecília interromper nosso beijo quando pressiona ambas as palmas contra meu peito. Por sorte, não me afasta, apenas explora lentamente cada curva até que suas mãos envolvam meu pescoço e ela relaxe em meus braços.

Sinto seu corpo tremer contra o meu, e sei que não é pela corrente de ar frio que nos envolve, mas pela descoberta de algo que nos inebria a ponto de todos os nossos sentidos falharem.

E nesse momento não tenho dúvidas do quanto estou perdidamente apaixonado.



CECÍLIA

AO ABRIR OS OLHOS, eu cogitei a hipótese de que todo aquele episódio não tivesse passado de uma realidade fantasiada. De puro fruto delicioso da minha imaginação. Com certeza a falta de ar em meus pulmões e as chamas que vejo nos olhos do homem a minha frente descartam qualquer sombra de dúvida que eu possa vir a ter.

Inesperadamente, um súbito pânico toma conta de mim. O desejo de estar cheirando a shampoo e sabonete — e não a inhaca salobre de suor — dança em minha mente como desagradáveis moscas volantes deslizando de um lado a

outro sobre a retina.

Nunca fui uma garota cheia de melindres e frescuras, mas, ultimamente, tenho dado importância a tanta coisa insignificante que sinto como se a linha do tempo tivesse feito uma curva e eu acabei perdendo parte de mim no processo enquanto ela se restabelecia.

Na tentativa de afastar esses pensamentos caóticos, transtornada com a direção que eles tinham tomado, pisco várias vezes e agito a cabeça tantas outras, que me desperto de todo o frenesi do momento.

— O que foi? — intrigado Otávio pergunta quando me afasto.

Novamente balanço a cabeça e sigo em direção a varanda. Uma vez ali, busco registrar o que aconteceu ao ar livre, onde eu possa refletir sem ser influenciada pelo cheiro de seu perfume camuflado ao de couro que exala da jaqueta que ele veste. E o mais importante, não permitir que ele note o quanto mentalmente afetada estou com tudo.

Sorrio da melhor e mais natural forma que consigo quando digo: — Quer dizer que vamos ser praticamente vizinhos.

Claramente não é uma pergunta, é apenas uma fuga do silêncio incômodo que eu causei entre nós. Uma mensagem nas entrelinhas que diz: está tudo bem você ter me beijado. Só estava tentando organizar minha mente hiperativa.

Parecendo captar o recado, minhas palavras o leva a se apoiar, a uns dois passos de mim, sobre a grade de aço. Quando responde, sinto que seus olhos estão vagando junto dos meus pela vista privilegiada que o apartamento proporciona. Cookie também está apoiado sobre a grade, a boca aberta e a língua para fora, conhecendo o novo ambiente.

— Leva apenas quinze minutos de uma caminhada tranquila da sua casa até aqui. E a política do prédio permite animais, então, pode trazer Cookie com você sempre que quiser me fazer uma visita.

Forço minha mente a acreditar que aquilo não é outra espécie de convite.

— Por que tenho a impressão de que está tentando tirar meu cão de mim? — falo séria. — Às vezes, me parece que toda a sua empatia conosco é apenas uma desculpa de bom moço para você sequestrá-lo.

— Está com ciúmes — Otávio vira todo o corpo de lado para me encarar — ou tem medo de que ele possa vir a me amar mais do que ama você? — questiona com um riso inconveniente pregado nos lábios bem desenhados.

— Não existe essa possibilidade — digo sem pestanejar.

Cookie late, reforçando minhas palavras, mas Otávio claramente o ignora.

— Para o quê? Para o ciúme ou para a probabilidade de ele me amar?

Rio. Ele realmente acredita que eu não iria perceber que acaba de mudar o que disse?

— Não vou cair nessa velha armadilha de omissão de palavras.

— Não é uma armadilha, Cecília — afirma com um ar inocente e me estuda por mais um segundo ou dois antes de prosseguir: — Seu sorriso quer dizer que me caracterizar de bom moço não é assim tão ruim?

Novamente ele pega um gancho para suas palavras, desta vez, em um sorriso que nem percebi estar estampado em meu rosto.

Sabemos que o clima descontraído entre nós nada mais é do que uma máscara que vestimos para disfarçar todo o embaraço que estamos sentindo. Minha tentativa de me mostrar despreocupada foi arruinada pelo rubor quente que tomou conta do meu rosto quando as palavras “nada” e “ruim” saltaram da minha boca com ousada determinação.

Distraída, nem percebi o quanto Otávio havia se aproximado e acabo por perder um pouco da estabilidade quando sinto seus dedos roçarem os meus. Ele toma meus pulsos e conduz meus braços a envolverem seu pescoço. Nesse instante levanto os olhos, antes preso em seus lábios sedutores, e vejo sua cabeça inclinada a mim, nossos rostos mais uma vez tão perturbadoramente próximos.

— Almoça comigo?

A resposta surge rápida, como um reflexo dos batimentos acelerados do meu coração.

— Eu adoraria.



É a mais pura verdade quando dizem que nada substitui a composição de uma ótima companhia: um ambiente agradável e descontraído que, juntos, te façam esquecer de todas as preocupações exageradas e ainda tenha como arremate uma culinária oriental perfeita.

E cheiro de banho tomado.

Observo Otávio degustar o contraste de sabores e texturas presentes na receita com tanta vontade, que sorrio como uma criança feliz a cada onomatopeia que ele usa para expressar sua satisfação pela comida.

— Este lugar é ótimo! — elogia empertigando-se na cadeira. — E a comida? Huuumm! Uma combinação inusitada de temperos.

— Bem se nota que você gostou. — Indico seu prato vazio com a cabeça.

— Doce, amargo, azedo, cítrico e salgado. Todos os sabores presentes em um único prato — diz analisando profundamente, como se fosse um crítico gastronômico. — Ora te confundem, ora relaxam sua mente...

Otávio encara-me com uma expressão estranha no rosto.

— Fico feliz que tenha apreciado minha sugestão — digo. — O melhor de tudo é saber que esse lugar fica praticamente no seu futuro “quintal”, não é? — friso a curta distância entre a cantina e o prédio onde ele pretende residir.

— Essa combinação me lembra alguém — diz com um tom jocoso na voz.

E continua a ignorar meus comentários. Certamente esse é seu modo educado de me mandar calar a boca.

— Ah, mas é claro! Cecília Spezzi. Conhece?

Respondo à sua provocação com um sorriso forçado e sem dentes. Tento fazer a ligação de seu comentário anterior a mim — alguma coisa sobre confundir e relaxar a mente —, quando na verdade ele é quem faz isso comigo.

— Seu único defeito é que adora surrupiar metade da comida alheia — esqueço a questão anterior quando o ouço dizer isso com um desgosto tão genuíno, que quase acredito.

— Culpada — confesso levantando uma palma. — Às vezes abuso da gentileza das pessoas. Desculpe minha falta de modos — digo pronta para ser ignorada pela terceira vez.

Para minha surpresa não chego a contabilizar esse número.

— Não me importo que abuse de mim.

Fito-o por um longo segundo.

— Depois não reclama — sobreaviso e esboço um sorriso dotado de certa sagacidade.

Isso antes de me engasgar com um gole de vinho e ser impedida de continuar com a brincadeira.

Tudo está acontecendo rápido demais para eu processar, ou talvez minha mente tenha sido afetada pelo teor alcóolico da bebida. Embora a percentagem seja bem pequena — e eu não tenha bebido mais que uma taça —, talvez seja o suficiente para fazer com que a parte maliciosa sobreponha qualquer raciocínio decente que eu possa ter.

De repente, sinto-me meio lenta e completamente quente de vergonha.

E nenhum dos dois é comum acontecer.

Ao notar minha dificuldade em recuperar o controle, um sorriso escancara os lábios de Otávio e se estende até seus olhos.

— Isso não tem graça.

Praticamente cuspo as palavras em meio aos soluços.

— Há algumas semanas era eu no seu lugar. — Estende o copo com água em minha direção e enrubesço ainda mais diante de sua acusação.

Eu me lembro bem de ter rido dele todo atrapalhado com o *shot* contendo pimenta. Mas isso é completamente diferente. Mesmo ele tendo contornado todo

o assunto para me deixar confortável, é diferente de quando não havia toques pretensiosos e orações de duplo sentido em nossas conversas.

E eu engasguei de verdade. Numa péssima hora. Mas juro que nada tem a ver com o teor sexual que rondou a conversa. Eu apenas estava dando corda para ver até onde ele levaria aquela zombaria toda fofa.



Estamos caminhando pela calçada até minha casa. Meu braço enlaçado ao de Otávio enquanto seguimos tomados por uma onda de felicidade, rindo de qualquer piada ou coisa sem sentido que o outro diga.

O curioso é que Otávio é ainda mais divertido quando está confortável. Nem de longe se parece com o cara que me abordou hoje pela manhã. Está mais confiante, em certos momentos. Ousado, até. Embora eu saiba que tudo não passa de pura provocação inocente.

Tento disfarçar um bocejo quando já estamos parados em frente à casa de tijolinhos claros, o que inunda meus olhos d'água a ponto de uma lágrima escorrer ligeira pela minha bochecha. Na verdade, estou me sentindo realmente sonolenta depois de despertar para uma corrida na madrugada e beber vinho branco no almoço.

— Um cochilo antes de levar Cookie para seu passeio de domingo à tarde não seria nada mau — sugere Otávio.

Sorrio, mas logo mordo os lábios evitando que minha boca se escancare mais uma vez. Otávio levanta a mão e gentilmente acaricia meu rosto, com o polegar enxuga uma nova lágrima que se forma no canto do meu olho e o desliza até meu lábio inferior.

— Essa sua mania... — exorta-me com carinho.

Já estou na expectativa de ser novamente beijada por ele quando ouço uma voz familiar me chamar de um ponto do outro lado da avenida.

Meu coração gela.

Otávio se posiciona ao meu lado e desliza sua mão pelas minhas costas quando nota quem é. Ele não parece se intimidar, pelo contrário, firma o aperto de sua mão pouco acima da minha cintura.

Estamos tão próximos que, para a vista de qualquer um, pareceríamos ser uma única pessoa.

Meu pai dirige-se até nós com um longo olhar avaliador, conduzindo um Cookie todo entusiasmado em nos ver. Minhas chances de parecer uma mulher

independente, de repente, caíram estateladas no chão. Calor tomou conta do meu rosto e o rubor traiçoeiro me faz sentir uma garotinha de treze anos que burlara as regras da família no que diz respeito a “namoro precoce”.

Mas isso não é nada prematuro. Muitos menos um namoro.

— Que bom que chegou — diz meu velho com os olhos cravados no rapaz ao meu lado.

Mal deu para ouvir a troca de cumprimentos entre meu pai e Otávio, com os latidos graves e intimidadores de Cookie exigindo ser solto da guia.

Embaraçada e ainda levemente constrangida, me desenroscosco de Otto e trato de libertar meu amigo da prisão da corda contida por meu pai. Cookie lambe meu rosto enquanto seu rabo chicoteia o ar, depois salta com suas patas enormes para cima de Otávio que se desequilibra e só não vai ao chão porque tem força suficiente para equilibrar seu peso ao de seu aluno levado.

Neste ínterim, meu velho já tinha deixado Cookie sob nossa responsabilidade e entrado em casa.

— Preciso falar com ele — informo sem ter dimensão do quanto isso deve parecer infantil da minha parte.

Eu sou uma mulher adulta, afinal. Mas é engraçado como me sinto, de repente, duplamente culpada.

— Faça isso — concorda com um semblante compreensivo. — Nos falamos durante a semana.

Assinto após beijarmo-nos no rosto.

— Venha garoto! — chamo por Cookie, um pouco desapontada por não me despedir como queria.

E esperando não ter arruinado todas as horas prazerosas que passamos juntos, até agora.

Quando eu entro em casa, meu pai está andando de um lado para o outro da sala. Quando percebe minha presença, me olha daquela maneira própria de pais.

E embora eu saiba que parte disso se deve ao seu instinto protetor, sei também que uma parte ainda maior corresponde ao fato de ele ter que lidar com esse tipo de coisa pela primeira vez. Tudo é novo e assustadoramente assustador para nós dois.

— Desculpe por você ter sido surpreendido assim, pai. Queria ter tido tempo para preparar seu psicológico antes — digo tentando soar engraçada —, embora eu não tenha tido tempo de preparar nem mesmo o meu — acrescento num sussurro, recordando os acontecimentos durante a visita ao apartamento não muito distante.

Ele concorda com um meneio de cabeça, mas não diz nada. Com gestos impacientes e uma carranca ele me dispensa, mas quando estou pronta para

fechar a porta do meu quarto nossos olhares se cruzam e ele quebra o silêncio.

— Cecília, eu só espero que vocês sejam inteligentes.

Eu sabia o que ele ia dizer antes mesmo que as palavras atravessassem seus lábios. Não sei exatamente o que meu pai pensa que está acontecendo, mas seja o que for, pela sua cara, vai muito além do que de fato está.

— Não há com o que se preocupar!

Garanto-lhe, me sentindo mais do que ridícula por corar tantas vezes em um único dia.



CECÍLIA

JUNHO CHEGOU ESPALHANDO UMA friagem úmida que nos cerca por todos os cantos. Havia dias chuvosos e outros secos, mas nunca uma semana inteira estável em um único clima. O que me obrigava a sempre andar precavida, com um casaco extra e um guarda-chuva na bolsa.

Era muito mais difícil pegar ônibus após deixar Cookie na creche, devido a superlotação. E eu nunca entendi o motivo do número de passageiros dobrar nessa época.

Mais complicado ainda era não conseguir embarcar a tempo de resgatá-lo das aulas, por causa da auditoria ferrada que a Eliteconfi vinha enfrentando há

dias. Essa tarefa se limitou a Cézar, meu pai, e mesmo eu fazendo das tripas coração para exercer minha função de tutora responsável, isso se tornou impossível desde que minha mais nova obsessão — e a dos meus companheiros de equipe — passou a ser caçar um advogado, que não conseguimos encontrar nem na porta do inferno.

O sujeito simplesmente sumiu. De-sa-pa-re-ceu. Virou fumaça. Poof!

Ah, Deus! Estou com todo o meu trabalho atrasado por conta desse cara. E tudo o que preciso dele são meros rabiscos.

— Por acaso vocês sabem me dizer quantos anos de detenção se pega por falsidade ideológica? — pergunto avaliando os riscos da minha mais recente alternativa.

Nenhum dos meus colegas responde.

Minha infelicidade se resume assim: quase duas semanas de tortura sem ver Otávio por conta da carga horária estendida e do final de semana chuvoso, que o impediu de treinar Cookie. A troca de mensagens instantâneas já não é contato suficiente para mim. E outra: a demora na transação de locação do apartamento de Otto não colabora em nada com a minha ansiosa expectativa de tê-lo morando mais próximo a mim.

Com esse pensamento desviando-me totalmente do foco, bufo e jogo a caneta sobre a montanha de papeis espalhados por minha mesa e enterro o rosto nas mãos, massageando as têmporas doloridas. Acredito que as pressões recentes vêm me deixando oprimida. Preciso restabelecer o meu equilíbrio emocional.

— Preciso de um café — digo arrastando-me para longe de toda aquela pilha de trabalho.

Roberta e DVD trocam um sorriso sacana de satisfação por saber que vou deixá-los sozinhos e meu estômago embrulha.

— E de ar puro — acrescento quando esse me pareceu rançoso demais para respirar.

Um pouco por imaginar que trinta minutos são suficientes para eles pintarem e bordarem durante minha ausência no escritório, se quiserem. Mas, muito mais por estar morrendo de inveja deles.

— Quero o meu duplo e sem açúcar — grita DVD enquanto me dirijo até o elevador.

— E eu prefiro um...

Ouço as palavras da minha amiga morrerem antes mesmo de as portas de aço se fecharem. Já deve estar muito ocupada para sequer raciocinar.

Quando chego ao saguão do prédio, tento pensar em qualquer coisa além do meu estressante trabalho, o que é impossível. Já passa muito das dezoito horas, momento em que eu deveria estar confortável em casa e não em busca de uma

bebida que me mantivesse concentrada por mais algumas horas.

Varro os olhos na confusão ao redor. Ainda há uns poucos funcionários perambulando pelo amplo espaço. Alguns em uma conversa firme ao telefone, outros sorridentes, sem parecer nem um pouco afetados pela chuva mansa que cai lá fora, ou com pressa de ir embora. Há ainda, em um canto mais reservado, uma dupla que captura minha atenção.

Laura gesticula quando fala, sempre muito expressiva, enquanto Catarina a encara parecendo não muito satisfeita com o que ela diz. Uma nítida discussão se faz ali. O motivo, eu bem poderia imaginar, caso não fosse a moça tão segura de si descansar as mãos sobre a cintura fina, ou eu ser surpreendida com minha capacidade de ler seus lábios que diz: não vou fazer isso.

E o que se desenrola a seguir não faz nenhum sentido para mim.

A esposa do meu chefe insiste, chega a unir as mãos por um segundo como se implorasse por algo, no entanto, a assistente administrativa não diz uma única palavra e se mantém firme na decisão diante da prima, enquanto nega, determinada, seja lá qual for o pedido, com a cabeça.

De repente, aquela cena parece não se encaixar, como uma peça do quebra-cabeças que é a ordinária relação familiar da morena com o diretor executivo da empresa e sua esposa.

Desvio os olhos enquanto pego na bolsa meu guarda-chuva escuro com estampa de poá, decidida a instruir meus pés a encontrarem novamente seu ritmo e me conduzirem para fora dali. Eu preciso muito de uma bebida quente e não de adicionar mais drama ao meu dia.

— Cecília? — ouço a voz de Laura vindo em minha direção.

Ergo a cabeça a tempo de ver Catarina passar por mim e seus olhos negros cruzarem com os meus. Não há sequer uma centelha de simpatia neles, mas toda a determinação que eu vira presente ali minutos antes, tinha se transformado em algo completamente diferente, estranhamente eles cintilavam certo desespero.

— Desculpa, o que disse? — pergunto quando percebo que estou divagando em questionamentos sobre a prima voluptuosa e não faço ideia do que Laura acabou de me perguntar.

— Está indo para casa?

— Não — respondo de forma automática.

É como se meu cérebro tivesse gravado a resposta para essa pergunta. Ela vinha sendo feita por meu pai durante vários dias consecutivos, pelo telefone.

Ainda encarando Laura, me ocorre que trinta minutos de intervalo pode ser a oportunidade de resolver alguns assuntos entre nós que ando negligenciando há muito tempo.



Quinze minutos mais tarde do que programado, estou de volta ao saguão da empresa segurando um café duplo sem açúcar em um latte.

A dor por trás dos meus olhos chega a ser lancinante, tão intensa que não sou capaz de rejeitar. A enxaqueca é apenas um sinal de alerta de que estou prestes a exceder meus limites.

Ao invés de subir até minha sala, permito-me sentar em uma das poltronas de couro ali dispostas e dispenso os copos sobre uma mesa de centro.

Inclino-me para frente e finco os cotovelos nos joelhos.

Fecho os olhos enquanto continuo a reprimir o som empolgado da minha própria voz replicando em minha cabeça. O entusiasmo a qual me dediquei em um momento que deveria ser descontraído, mas que, de repente, pareceu ser o encontro de duas pessoas completamente estranhas.

Quando Laura havia se tornado tão fria? O que eu fizera a ela para justificar sua falta de sensibilidade comigo?

Minhas mãos torcidas num nó nervoso sustentam minha cabeça pesada, enquanto minha razão teima em padecer e encher minha mente com explicações lógicas.

Fora fácil manter contatos nos tempos de estudante e durante todo o processo excitante da preparação de um casamento memorável, porém, não é tão simples agora que carreiras, relacionamentos e outras obrigações nos limitam.

Ainda assim, os pensamentos friamente racionais não impedem que eu me sinta tola e ainda mais deprimida do que antes. Principalmente quando minha mente recita sua voz forte carregada de tanto desdém e que minara toda a minha determinação em aliviar o peso da culpa que o desleixo me causa.

“Ah, isso foi a tanto tempo” ou “Oh, minha nossa! Eu era uma criança”.

Laura usara todos os verbos no passado. Era como se tudo o que havíamos vivenciado não passasse de história da carochinha. Como se todo o vínculo forte da adolescência tivesse se fragmentado e agora fosse tarde demais para atar as pontas soltas da nossa amizade.

Não preciso acrescentar que essa entrou para a lista das vezes em que me senti tão emocionalmente vulnerável.

Aliso um vinco inexistente em meu casaco e resolvo levar as bebidas aos meus amigos antes que elas esfriem por completo. Apanho a bolsa no estofado ao meu lado e a ajeito sobre o ombro.

Após um suspiro fundo, sigo a passadas rápidas até as portas de aço. Diante

delas estaco, hesitante em chamar pelo elevador, porque, honestamente, sinto-me sem condições de voltar ao trabalho.

Enquanto tento decidir entre acionar o botão no painel ou dar por encerrado meu expediente, sinto o som de um sorriso em minha orelha e uma voz suave no meu ouvido que diz: — Acho que alguém aqui precisa de uma mão extra.

Virei-me e antes que eu pudesse registrar o que estava acontecendo, os lábios de Otávio cumprimentaram os meus com um beijo.

Radiante com minha maravilhosa surpresa, deixei que a ansiedade fosse embora e me libertasse da obrigação de dar conta de tudo. Pelo menos por hoje.



CECÍLIA

O APARTAMENTO NÃO MUDOU quase nada desde a última vez que estive aqui.

Com a cozinha integrada à sala, a única decoração além do tapete onde estamos sentados, eram algumas almofadas cor pinho espalhadas à nossa volta, a mesinha de centro e dois bancos de madeira paralelos à bancada que divide o espaço em dois ambientes.

Às vésperas da mudança, Otávio transformou o lugar em uma espécie de refúgio do tempo chuvoso, um lugar tranquilo onde podemos conversar por um tempo enquanto petiscamos nossa comida em embalagens de isopor, com garfos

plásticos. Enquanto caço um último cubo de bacon, o vejo observar meu apetite desordenado que parece nunca ter fim.

— Quando foi a última vez que você fez uma refeição decente?

— Faz um bom tempo — respondo ignorando inconscientemente o humor presente em sua voz.

Recolho minha bandeja vazia em silêncio e a deposito em um saco plástico sobre a pia. Só desperto da perturbação que se tornou meus pensamentos quando sinto as mãos firmes de Otávio pressionarem meus ombros. Gentilmente, Otto me vira para que eu fique de frente para ele, sonda minha reação embaraçada e me envolve num abraço, encaixando-me com firmeza nos contornos de seu corpo.

— Está tão objetiva — murmura em meus cabelos. — Ter te afastado do trabalho começa a me parecer ter sido uma péssima ideia.

— De jeito nenhum — sussurro contra seu peito, aborrecida por não conseguir controlar o que sinto e parecer tão fria. — Essa é a melhor coisa que me aconteceu em dias.

— Posso te levar para casa se quiser. Talvez você queira resolver algumas questões e eu a esteja impedindo...

— Não, por favor! — o interrompo. — Não faça com que eu me sinta ainda pior magoando você também.

Otávio me solta de seu abraço e me segura a uma pequena distância, apenas o suficiente para estudar minha fisionomia.

— Se a razão de estar assim é apenas Laura... — Ele ergue meu queixo, segurando meu rosto voltado para o seu. — Não deveria se sentir tão mal por isso. Ela provavelmente está com ciúmes. Minha irmã sempre teve toda a atenção das pessoas voltada para ela, e talvez esteja se sentindo um pouco abandonada.

Depois de esperar tanto tempo que ele me desse sua opinião sobre o que contei do meu encontro com Laura, agora eu desejava que ele não o tivesse feito. Meus olhos estão úmidos e sinto-me uma péssima companhia para uma noite acolhedora de quinta-feira.

— O abandono era exatamente o que eu tentava corrigir. E nem sequer cheguei a tocar em seu nome. — Minha voz soa mais como um resmungo. — Nossa conversa não durou tempo suficiente para isso!

— Mas eu posso ter comentado algo durante a semana... Sobre passarmos bastante tempo juntos treinando Cookie. — Repuxa um dos cantos dos lábios enquanto tenta tomar para si parte da culpa.

— Isso explica muita coisa. — Esboço o que penso ser um sorriso e ele aproxima seu rosto tão perto do meu que posso sentir sua respiração.

Otávio toma meu rosto nas mãos e meu corpo inteiro pinica de ansiedade. Não trocamos nem um beijo além daquele simplório no saguão da Eliteconfi, e não recorro de querer tanto uma coisa na vida.

Seus polegares acariciam minhas bochechas e estou a meio caminho de fechar completamente os olhos quando ele desestabiliza ainda mais meu emocional.

— Mas não é só isso, é?

Sinto meu corpo todo enrijecer. Seus olhos parecem ler minha alma e mesmo que eu tentasse, não seria capaz de mentir. Meus sensores me alertam de que estamos trilhando um caminho perigoso quando Otto faz o simples comentário: — Sei que essa é uma semana especialmente difícil para você.

Eu tento me afastar. Ele cogita a possibilidade de me impedir, mas meu olhar reprovador o repele. Sendo assim, ele apenas desliza seus dedos gentis pelos meus braços até se desconectar por completo de mim.

Com o chão parecendo instável sob meus pés, me encosto no balcão de mármore escuro, olhando para o nada, em busca de respostas.

Todas as partes da minha vida, que eu tinha enterrado tão fundo, pareciam estar emergindo. E Otávio, de alguma forma, estava ciente sobre elas.

— Você e Laura conversaram muito mais sobre mim, não foi?

Seu silêncio é a resposta que faz tudo dentro de mim revirar como um carnaval fora de época, que torna meus pulmões incapazes de tomar fôlego bem quando eu desejava que isso fosse por outro motivo.

Nossa noite tomou um rumo totalmente inesperado. Nos levou exatamente a uma época restrita da minha vida, na qual não permito que meus pensamentos invadam há anos.

Sentindo-me ridícula, percebo que meus olhos começavam a lacrimejar. Era sempre assim quando alguma coisa dentro de mim resistia ao assunto que, de várias maneiras, ultimamente parecia buscar um modo de atingir a superfície.

Estava começando a ficar nervosa e a perder a compostura. E embora esse processo tenha o costume de ser raro e lento, uma vez que ocorre, perco completamente a cabeça. Sabendo disso e com medo de explodir, fecho os olhos e me concentro em manter a calma.

— Cecília! — Otávio quebra o silêncio. — Eu só quero te conhecer um pouco mais.

Respiro fundo e levanto meu olhar para ele. Depois de meio minuto buscando a razão, balanço a cabeça. Acho justo que ele saiba mais sobre a garota que parece bipolar e que está quase desabando em lágrimas na frente dele.

— Tudo bem. — Faço uma única exigência. — Só não me peça para te contar coisas sobre a minha vida quando estou tão emotiva.

Minha voz falha e fico à espera de algum tipo de gozação. Mas, em vez disso, sou novamente pega de surpresa quando Otávio elimina a curta distância entre nós e me beija, demorada e apaixonadamente.



— Isso não está certo — digo em meio ao som irregular das nossas respirações. — Você não pode fazer isso.

Otávio encosta o rosto contra minha têmpora, e passo a sentir o calor e o cheiro de sua pele.

— Fazer o quê? — pergunta, alisando suavemente a curva do meu pescoço enquanto me mantêm presa em um abraço.

— Me beijar dessa maneira quando estou vulnerável. Isso é covardia.

Sinto seu sorriso se emoldurar dentro dos meus cabelos e isso causa um arrepio inevitável em cada minúsculo pelo da minha nuca.

— Não é nada disso — diz após uma longa pausa, parecendo não notar o efeito que acabou de causar em mim. — Estou aproveitando a oportunidade antes que você saia correndo.

Desta vez não havia sinal de risada ou deboche.

Afasto-me um pouco para encará-lo e noto suas sobrancelhas unidas numa expressão aflita.

— E por que eu sairia?

Antes de responder, Otávio apoia uma das mãos na base da minha coluna, me guia até o outro lado da bancada e me dá suporte enquanto segura um dos bancos altos de pinho para que eu me sente.

Ao se acomodar no banco livre de frente para mim, arrasta-me para mais perto dele através das pernas de madeira que me sustentam.

Sua agilidade é a única coisa que impede que eu me desequilibre e caia de uma altura considerável, agora que tenho meus pés distantes do chão. A pele da minha cintura formiga contra seus dedos durante os segundos de contato, enquanto ele me ampara até ter certeza de que eu esteja novamente estável sobre o assento. E é nesse momento que minha tensão muda o foco, o que quer que tenha sido todo o episódio dramático a pouco, acaba de se perder em meu subconsciente assim como a simples tarefa de respirar.

Quando Otávio prende meus joelhos entre os seus, me pergunto se essa é a maneira que ele escolheu para me torturar ou a única forma que o certifica não haver como eu fugir dali.

— Otto! — Penso em protestar, não de uma maneira repreensiva, mas sou impedida de seguir adiante com qualquer expressão verbal quando ele pressiona o indicador delicadamente sobre meus lábios.

Há um motivo obscuro por trás de todo seu desconforto repentino, e é mais do que evidente que aquilo que está prestes a me dizer o incomoda mais do que ele gostaria.

— Talvez, quando eu lhe revelar minha condição diferenciada, toda a minha fama de lunático finalmente se concretize — diz isso com tanta certeza, que a princípio me assusta. — Se quiser ir depois disso, não vou te impedir.



Enquanto Otávio está concentrado no complicado processo de expor a mim sua condição neurológica, mantenho meus olhos atentos sobre ele.

E é estranhamente engraçado como tudo o que ele me diz faz sentido e explica os raros momentos em que o surpreendi exibindo caretas sem motivo ou comprimindo os lábios de forma exagerada como se sentisse um gosto ruim.

E de fato é o que lhe acontece quase o tempo todo. Otávio sente o gosto dos sons.

Absorvo cada palavra ao mesmo tempo que tento imaginar como é conviver com um sexto sentido que, apesar de não o limitar, nem sempre é conveniente. Sou obrigada a concordar que deve ser bem desagradável que, ao degustar um bolo de chocolate, do nada, ele passe a ter gosto de prego enferrujado ou mingau.

Ele mal nota como suas mãos pressionam minhas pernas enquanto tenta descrever essa fascinante habilidade de seu cérebro. E enquanto sou toda ouvidos, repreendo o caminho que minha imaginação insiste em prosseguir. Lembrando-me de que não tenho, nesse momento, o direito de ter esse tipo de pensamento fértil e nada modesto. Por mais que esse contato possa parecer insignificante para ele, não ajuda em nada a manter minha concentração.

Interpretando de forma completamente distorcida como pareço absorver sua revelação, por um breve momento, ele se cala. Enquanto me encara, não sei ao certo o que vejo ali. Talvez um lampejo de insegurança ao mesmo tempo que demonstra que ainda não chegamos à parte mais delicada do assunto.



O^TÁVIO

NÃO SEI AO CERTO O QUE ME LEVOU A CONTAR à Cecília a versão resumida de uma parte embaraçosa da minha vida. Apenas levei em consideração a dificuldade que ela parece ter em confiar em mim desde o primeiro instante em que nossos dias se cruzaram, e vi no momento a oportunidade de começar a romper essa barreira entre nós.

Mesmo correndo o risco de ver em seus olhos algo que me quebrasse por dentro. O que eu torcia calorosamente para que não acontecesse.

Não é muito natural expor algo tão complexo, revelar traços e dissecar sensações que determinam minha identidade, principalmente quando não há algo

visual que eu possa apresentar para torná-lo compreensível.

Tudo é meramente ilustrativo na minha cabeça, receptivo em meu paladar e, claro, cientificamente explicável na teoria. Nada simples, muito menos fácil de lidar.

Porém, em Cecília, minhas palavras pareciam surtir um efeito bem contraditório em relação a toda reação possível que eu pudesse esperar que ela tivesse. Parecia não demonstrar aversão a tudo o que lhe contei, se manteve concentrada em mim, por um longo tempo até. Só desconfiei de que minha explanação surtia um efeito negativo sobre ela quando, ao absorver minhas palavras, seu incômodo transparecia na inquietude de seus olhos e na falta de um lugar para firmar as mãos.

— Posso parar por aqui se tudo parecer esquisito demais para você — ofereço-lhe a opção de não se infiltrar ainda mais em meu mundo complicado.

— Não! — ela exclama e envolve meus dedos que, sem eu perceber, pressionavam pouco acima de seus joelhos. — Oh, minha nossa, não! — Solta um riso baixo. — Não é nada esquisito.

Ergo os olhos das nossas mãos quase inteiramente ligadas, desconfiado daquela sua reação inadequada para o momento. Examino suas feições, seus olhos em específico, em busca de algo que possa comprometer sua reação amistosa, mas tudo o que encontro é um sorriso sem graça congelado em seus lábios.

— Sério! — reitera Cecília. — Você poder ver cores e... sentir sabores nos sons é... caramba!

Ela se perde nas palavras, mas ainda assim, elas não soam forçadas, soam mais como uma surpresa bem-vinda, o que mais uma vez contradiz a reação que eu esperava. Poucos conhecem minha condição, e com exceção de minha mãe, nunca ao serem notificados sobre minha esquisitice reagiram com tamanha afeição. Pelo menos, não sem antes me olharem como se eu fosse um experimento científico feito em um laboratório não autorizado.

— Sinto muito, Cecília, isso não é uma coisa muito fácil de se explicar — digo diante da falta de palavras que preencham o silêncio desconcertante. — Seria bem menos complicado se eu pudesse te mostrar, mas isso ainda não é possível.

Cecília não se deixa afetar pelo tom ressentido de minha voz ao declarar minha impotência no que diz respeito a uma explicação melhor elaborada, pelo contrário, seus olhos estão carregados de um brilho zombeteiro quando diz: — Sabe o que tudo isso parece? Uma obra de ficção de M. Night. Shyamalan. — Faz uma breve pausa para um suspense. — Claro que bem menos macabra do que ver gente morta, e consideravelmente muito mais útil — acrescenta na

tentativa de me fazer acreditar que existe um lado positivo nesse meu sexto sentido.

Eu podia sentir meus lábios se abrirem em um sorriso automático diante do ambiente bem-humorado que ela estava tentando criar.

— Sinto decepcionar, mas tudo isso não passa de uma característica genética que herdei da minha mãe. Para a infelicidade das minhas possíveis futuras admiradoras, eu não sou uma figura fictícia de uma adaptação cinematográfica.

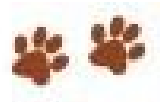
A tensão se dissolvia à medida que o som da sua risada preenchia o espaço e era inevitável meus sentidos não se contagiarem dele. Faixas estreitas e coloridas dançam ao nosso redor, semelhante a serpentinas carnavalescas, e o gosto adocicado toma meu paladar como uma delicada e apetitosa iguaria.

Ao notar meu indiscreto fascínio, Cecília me olha por um longo tempo antes de levar seu indicador a traçar a linha áspera de meu maxilar.

— Ainda bem que você é real — diz num tom um pouco mais alto que um sussurro.

Há uma empatia genuína refletida no mar negro que são seus olhos. Reflexos perfeitos ocasionados por uma luz pálida que faz com que a chuva branda da noite cintile neles através do espelho que se tornou a janela oposta.

Assim como a mão firme que segura meu ombro e o aperta suavemente, seu olhar é determinado, o incentivo de que preciso para lhe contar o poder que sua voz tem sobre mim.



— Ah, mas que droga! — Cecília pragueja.

Ela então levanta e desce do banco subitamente num pulo, revelando uma agilidade que nunca imaginei que teria. Estava surpresa, eu bem podia entender, mas minha incapacidade de compreender mais uma vez suas expressões, não me deixava num estado muito diferente.

Cecília aproximou-se da porta que levava para a sacada, e afastou as folhas de vidro temperado, permitindo que o ar gelado que ela barrava nos envolvesse. Quando a claridade de um raio rasgou a penumbra do céu chuvoso, por um minuto aquela cena realmente parecia fazer parte de um dos thrillers psicológicos produzido pelo tal Shyamalan.

Como a representante de um personagem, Cecília admirou o tempo turvo por um instante, enquanto lutava para desenroscar a longa echarpe do pescoço. Ao se virar em minha direção, me colocou diante de uma expressão que não soube

distinguir se era chocada ou aterrorizada, mas lhe franzia o rosto de uma forma quase dolorida.

— Isso nunca te aconteceu antes? A voz de alguém ser capaz de acionar o gatilho para essa sua super-habilidade? — inquire com determinada atenção.

Havia um fio de alguma coisa em seu tom de voz, algo que eu não soube identificar naquele momento, tudo o que eu sabia era que seus olhos pareciam arrancar de mim a resposta para qualquer que fosse a pergunta.

— Não...

Hesito antes de completar, com certo receio. Talvez de como ela pudesse receber essa informação que é, na verdade, uma afirmação da exclusiva reação que ela causa em mim.

— Nunca outra pessoa foi capaz de despertar esse meu sentido.

— Que bela droga!

Cecília torna a reforçar empregando dois substantivos nada usuais entre si. E só então eu entendo o que está acontecendo. Há uma linha evidente, embora discreta, ao redor de seus lábios, e isso se deve ao esforço que ela faz para impedir que eles a traiam.

Uma parte dentro de mim parece relaxar com a súbita constatação, e agora, despido de quase toda insegurança, outra começa a se rebelar. Havia limites e, sinceramente, Cecília não os estava respeitando.

Por mais bem-intencionada que ela estivesse, era difícil ignorar o fato de ela estar sendo tão leviana com meu emocional, bem quando, não muito tempo antes, estávamos em lados opostos e em nenhum momento demonstrei ser tão insensível.

— Tsc tsc tsc — repreendo-a olhando diretamente em seus olhos. — Isso não se faz! Isso não se faz!

A amargura presente em meu tom de voz causa um efeito quase paralisante em Cecília. Seus olhos se arregalam, incrédulos pelo meu flagrante, e seus lábios se contraem. Ela tinha entendido. Percebeu em minha entonação que aquele não era um bom momento para brincadeiras.

Um sorriso sem graça emoldura suas feições e Cecília busca em seus pensamentos algo útil a dizer, mas, como sabemos, naquele momento, não havia palavra mais usual que pudesse justificar sua falta do que a boa e velha...

— Desculpa.

A garota estende os braços e segura minha mão antes de assegurar: — Não era minha intenção debochar de você. Eu só estava tentando... — suas bochechas coram, e quando completa a frase, sua voz mais parece um sussurro — Desviar alguns pensamentos.

Minhas sobrancelhas arqueiam instantaneamente em clara curiosidade.

— Isso não vem ao caso agora — acrescenta libertando-me do calor de suas mãos.

— Ah, agora resolveu filtrar o que diz? — a provoco.

Ela nega com a cabeça. Enfática de uma forma quase ingênua.

— Não. Descobri que estamos trilhando um campo minado aqui, e antes que algum de nós exploda, prefiro purificar meus pensamentos, palavras e até mesmo ações se for preciso.

— O que você quer dizer com purificar?

Pergunto, por que realmente fiquei confuso. Entre os sinais automáticos que demonstra seu leve desconforto, está o fato de ela se afastar para longe de mim. Cecília cruza um braço sobre o abdômen enquanto o dorso da sua destra sustenta o outro braço pelo cotovelo. Seu gesto compulsivo acaba por expor uma porção de pele da sua cintura, onde eu tento não me concentrar.

A mão livre corre por seu rosto antes de ela levar o polegar a ficar preso entre os lábios, e essa simples combinação de movimentos produz em mim uma centelha invisível em um corpo agora eletrizado.

Se ela respondeu, eu estava distraído demais para ouvir. Fiquei fora do ar, esquadrinhando seus contornos delicados, imergindo no desejo de poder sentir em proporções maiores, seu calor.

Quando o gosto doce se intensificou em meu paladar, foi que descobri que ainda não havia recebido qualquer tipo de réplica. Cecília me olhava com o canto dos olhos quando disse: — A responsabilidade que acaba de me expor... Minha voz lhe proporcionar um gosto em particular... Isso me preocupa. Esse lance de sinestesia é muito louco e incrível...

Cecília interrompe seu discurso incoerente, engole seco e estende uma palma em minha direção.

— É melhor ficar onde está — alerta-me.

— Você sabe que essa não é a resposta correta para a minha pergunta.

Ela morde o canto da boca e eu quase deixo toda a minha atuação sedutora de lado para eliminar de vez o espaço entre nós.

Nunca fui muito bom nisso, talvez porque não fosse o tipo de cara que costuma se aproveitar dela para aderir a modismos, como a do prazer sem obrigações e sentimentos. Mas sempre fui, consideravelmente, mais esperto em compreender os sinais, até mesmo os mais sutis que num piscar de olhos nos levam a usufruir de atitudes irracionais.

Quando tenho seus lábios a uma curta distância dos meus, reformulo a pergunta, dando maior ênfase desta vez.

— Cecília, o que você quer dizer com purificar?

Ela está resistente com a nossa proximidade, por isso fecha os olhos e suspira

fundo antes de me dizer: — Você sabe a resposta — suas palavras saem emboladas num fio de voz.

Posso sentir um sorriso vaidoso em meus lábios enquanto inclino-me e deslizo meu nariz pelo seu pescoço, satisfeito com a minha capacidade em confundi-la também. Ela tem um cheiro doce que combina perfeitamente com o gosto de sua voz, mas nada se compara ao sabor e ao prazer que é poder provar de seus lábios.

Derrotada pela falta de controle sobre suas forças, Cecília passa os braços em volta do meu pescoço e a ouço inspirar. Sinto seu calor, o tremor de seu corpo miúdo em contato com o meu, seu sabor peculiar quando fala baixo no meu ouvido: — Você não vale nada, e eu até que gosto disso.

Enquanto nossos corações dançam em um ritmo acelerado e desigual, entrelaço meus dedos em seus cabelos, incapaz de ignorar a paixão incandescente que começa a me queimar por dentro. Consigo depositar um único beijo casto no canto de seus lábios quando eles estão novamente na direção dos meus.

Então Cecília recua, me impede de prosseguir, prendendo-me em seu olhar pesado de desejo, agora ciente de todos os efeitos delirantes que é capaz de causar em mim.

Pausamos por longos segundos de admiração, enquanto ela me provoca, mantendo sua boca longe da minha, fazendo-me saborear o momento de expectativa. Fecho os olhos quando sinto seus dedos perscrutarem delicadamente meu rosto, como se quisessem registrar cada traço, cada pedacinho meu, e a sensação é ao mesmo tempo confortável e delirante.

Na verdade, é inexplicavelmente melhor do que qualquer outra que já tenha sentido na vida.

Após demorar alguns segundos alisando a aspereza da barba que começava a despontar em minha face, seus dedos caminham até minha boca. Em resposta ao seu toque, meus lábios se partem e um gemido involuntário escapa deles.

De repente, pego-me pensando em como seria se as várias camadas de roupas não estivessem nos impedindo de melhor sentirmos um ao outro, e não me recordo de exercer tamanha força de vontade para controlar o desejo de despir uma mulher.

— Está se sentindo emotiva agora?

— Nem um pouco.

Seu sussurro rouco soa como uma orquestra, que espalha um carrossel de cores e formas à nossa volta. Sinto seus lábios roçarem os meus e esse é o estopim que provoca uma série de acontecimentos.

Finalmente mergulhamos em um beijo doce, úmido, e ardentemente

delicioso.



CECÍLIA

MESMO TENDO NOÇÃO do quanto isso parecia precipitado, eu não recuei de maneira alguma durante o tempo em que estivera nos braços de Otávio e nossos lábios se moviam em perfeita sincronia.

Um magnetismo nos ligava. Eu fui arrebatada a ponto de estar disposta a me entregar sem reservas aos meus desejos mais impulsivos. Estava fora do meu ponto de equilíbrio e precisava encontrá-lo, mas eu simplesmente não era capaz de raciocinar.

Ali, naqueles poucos metros quadrados, éramos como um evento sísmico.

Dois corpos dotados de pura energia propagada na crosta da terra, intensos a ponto de todos os nossos sentidos vibrarem pela necessidade tátil um do outro.

Tudo o que Otávio tinha me contado explicava muita coisa, e eu estava comovida com o fato de ele confiar em mim e partilhar sua condição. Ele poder sentir tudo com mais intensidade não é só intrigante, como também algo magnífico. Saber que tenho o poder de lhe proporcionar um sabor, não apenas me acaricia o ego, como também me faz querer exigir algo em troca. E, tê-lo moldando seu corpo ao meu, parecia suficientemente bom para mim.

Eu agia de forma irracional a uma mesma proporção que ele pelo simples fato de podermos culpar tudo o que estava acontecendo mais tarde de ser puro reflexo dos nossos hormônios naturais.

Aquele momento mais parecia ter sido um teste de resistência emocional a tudo que vinha passando e me deixei ser levada pelo único benefício que a vida parecia querer me proporcionar dentre toda a mistura de sentimentos voláteis que eu me transformara.

Não é mistério nenhum o que teria acontecido se uma visita inesperada à casa de Otávio não insistisse em acionar a campainha por diversas vezes. Estávamos os dois, sem dúvidas, obstinados a dar um novo destino às nossas roupas.

Minhas mãos ainda seguravam a barra de sua camisa quando ele se viu obrigado a quebrar todo o encanto do momento. Seus músculos tencionaram, seu rosto endureceu por um momento e eu soube que era por causa do som estridente que ele perdera toda a sua concentração. O ruído agudo certamente não devia lhe proporcionar um gosto muito bom.

Em uma troca de olhares intensa em um acordo silencioso, nos comprometemos a parar por ali. Compreendemos que era melhor ele atender a porta antes que ela viesse abaixo pelos murros que se sucederam a seguir. Quem quer que fosse, parecia determinado a isso caso fosse preciso.

Ainda assim, Otávio não se afastou de uma vez, foi libertando-me aos poucos, como se soubesse como eu me sentiria estranhamente nua com a perda de seu toque. E só após controlarmos nossa respiração pesada foi que ele descansou um beijo no topo da minha cabeça e rumou em direção a voz que o chamava pelo apelido.

Entre apresentações e momentos de piadas constrangedoras, levou cerca de vinte minutos para que eu conseguisse formular uma desculpa para poder ir embora. A visita não era tão inesperada afinal. Murilo tinha combinado com Otávio que apareceria no final de semana — e traria o que de mais importante ele precisava no momento: seu carro. Talvez o anfitrião não tenha se dado conta de que, para algumas pessoas, o final de semana começava na quinta-feira.

Especialmente para aquelas que não são comprometidas com um emprego.

— Murilo parece ser um cara legal, apesar de não se esforçar em parecer discreto ao perceber que interrompeu o amigo prestes a “se dar bem”.

— Que fique claro que não fui eu quem usei estas palavras e essa não era minha intenção — diz enquanto descemos os lances de escada até o portão principal do condomínio de prédios.

— Ah, não? Minha imaginação deve ser muito ordinária por me fazer acreditar que você parecia bem envolvido e disposto a isso lá em cima. — Estaco, minha voz soando amarga até mesmo para mim durante os segundos que o censuro por cima do ombro.

Volto a descer os últimos degraus e ele não diz nada até que alcancemos o portão. Despeço-me descansando um beijo rápido na lateral de seu rosto e giro novamente o corpo, decidida a partir, mas Otávio agarra meu pulso e me obriga a fazer contato visual com ele.

Com meu queixo preso entre seus dedos ele sorri, mas nem o sorriso característico que tanto mexe comigo é capaz de mudar minha expressão frustrada, com a qual luto para controlar, desde que o silêncio nos envolveu.

Sua voz é suave quando ele enfim resolve explicar: — Quis dizer que não te trouxe aqui com segundas intenções, Cecília. Te trouxe porque eu realmente estava com saudades de passar algumas horas com você.

Ofego quando, com a mão que ele segurava meu pulso, traça o caminho mais longo até minha cintura e me puxa para mais perto.

— Sei que tudo é muito mais fácil quando não existe vínculos emocionais e ambos desejam a mesma coisa, mas a verdade é que eu... Eu a... — ele pausa, perdido em seu próprio raciocínio e sou obrigada a forçar meus joelhos a sustentarem meu corpo diante da excitação que sinto por estar novamente em seus braços.

— Eu nem mesmo tenho uma cama! — escancara um sorriso carregado de malícia.

Dou um beliscão em seu braço e perco o ar quando ele cola sua boca na minha para uma sequência de beijos breves. Na mesma medida que quero dar na cara dele, desejo que essa nossa brincadeira de gato e rato dure a noite toda.

A recompensa tem sido muito proveitosa no final das contas.

Antes de nos despedirmos de forma definitiva, Otávio faz uma declaração que, além de me surpreender, me deixa reflexiva por um longo tempo.

— Eu realmente sinto muito — diz com uma expressão genuinamente séria. — Mas talvez tenha sido melhor que não tenhamos cruzado essa linha. Não quero que a perspectiva de uma noite como essa se torne apenas uma lembrança vazia para um de nós dois.



Quando cheguei em casa, meu pai resmungava algo incompreensível em um sono perturbado no sofá. Estava tendo um pesadelo, imaginei. Deveria estar tão cansado do trabalho que pegou no sono enquanto me esperava. Ele nunca ia para a cama sem antes me desejar boa noite e vê-lo deitado tão desajeitado no sofá, vestia-me de uma porção de culpa pela dor que ele sentiria nas costas ao amanhecer.

A noite estava fria e embora não passasse das dez, resolvi não o incomodar. Estendi o cobertor que cobria seus pés até a altura de seu tronco e só então notei o envelope ofício que ele segurava firme contra o peito. Tentei tirar dele o documento já um pouco amassado, mas tudo o que consegui foi que ele o envolvesse ainda mais, o que causou algumas estrias bem evidentes no papel. Todas as minhas tentativas de libertá-lo daquela tensão foram em vão, então, por fim, eu desisti.

Sussurrei um boa noite enquanto descansava um beijo em sua bochecha farta e segui para meu quarto.

Ao deitar-me, minha mente ainda se perpetuava, revivendo a cena no apartamento de Otto vezes sem conta. E também sua declaração, principalmente a segunda parte: “Não quero que a perspectiva de uma noite como essa se torne apenas uma lembrança vazia para um de nós dois.”

E esse “um” é que me rouba o sono. Quem seria em seu ponto de vista?

Cookie gani com meu excesso de carinho em suas orelhas e eu me inclino para encostar a ponta do meu nariz em seu focinho úmido, arrependida por, sem querer, descontar nele minha ansiedade.

Olhando fundo nos seus olhos, faço a pergunta como se ele fosse capaz de me responder: — Quem de nós dois é o “um” Cookie? Diga-me ou cale-se para sempre.

Meu amigo boceja e um resmungo escapa de sua bocarra. Interpreto isso como uma resposta, uma espécie de reprimenda para que eu deixe minhas paranoias de lado e o permita dormir.

A contragosto, o liberto do enlaço de minhas pernas e ele desliza até a beirada da cama, descansando a cabeça próximo aos meus tornozelos. Apago a luz do pequeno abajur ao lado da cama e me apoio sobre o lado direito do corpo. Tudo em mim ainda está ativo, minha imaginação, por sinal, continua a correr desenfreada e sou obrigada a desviar os pensamentos que se sobrepõem ao que

poderia ser considerado minimamente decente.

Não sei quanto tempo leva até sentir meus olhos pesados, mas ainda estou consciente entre o sono e a vigília para notar a silhueta que impede a luz do corredor atravessar a fresta aberta da porta do meu quarto.

Sem cerimônia, meu pai se dirige até mim. Sinto seu corpo se inclinar para que ele afaste uma mecha grossa de cabelo que cobre metade do meu rosto.

Alarmada, apoio-me num cotovelo e estendo a mão em sua direção, meu peito chacoalhando temeroso com sua vigília a essa hora da madrugada.

— Pai!?

— Desculpa, não queria te acordar, só precisava desejar boa noite antes de ir para cama.

— Eu ainda não estava dormindo — informo para que ele não se sinta culpado sem necessidade. — Algum problema? — questiono ao perceber os vincos profundos entre suas sobrancelhas.

— Não. É só que... Queria dizer que te amo e que nunca... Jamais... Vou deixar você.

Sou pega desprevenida por suas palavras e por seus braços que me envolvem de forma reconfortante. Segura em seu abraço forte, volto a ter nove anos, com a diferença de que tenho consciência do significado dessa promessa a mim.

Uma lágrima solitária trilha minha bochecha quando Cookie se une a nós. De alguma forma ele parece sentir o que sinto e seu gesto me faz recordar lembranças que mesmo após quinze anos ainda me causam dor.

Pela ausência. Carência. Impotência.

E quando meu pai se recolhe, sou invadida pelo ciclone de sentimentos reprimidos. E, o que no começo parecia ser um choro bobo, se transforma em uma tempestade de lágrimas por tantas coisas guardadas, tantas emoções negativas que proíbo a mim mesma sentir.

Definitivamente, esse dia não poderia terminar pior.

E é entre os soluços, agarrada ao meu melhor amigo, que em algum momento adormeço.



Capítulo 21

CECÍLIA

AS MANHÃS DE SEXTA-FEIRA costumam despertar o que eu tenho de melhor. Talvez por ser a ponte para o fim de semana, talvez por algo que nem sei explicar. A única coisa que sei é que hoje não é o caso.

Meu quarto está inundado de luz, resultado por ter esquecido de fechar o blecaute das cortinas e o motivo pelo qual desperto antes mesmo que o alarme estridente soe. Cookie está na beirada da cama mais uma vez. Ele se espreguiça e depois me olha como se tentasse assimilar, assim como eu minutos antes, em que dia estamos.

Balanço a cabeça ao mesmo tempo em que respondo, compreendendo aquele

olhar interrogativo, tão característico de um humano, mas que meu amigo sabe interpretar muito bem.

— Não, Cookie, infelizmente não é nosso dia de folga.

Enquanto tomamos café da manhã, sinto os olhos pesados de sono do meu pai sobre mim. Está visivelmente cansado e calado. Eu envolvo a xícara de café como se minha vida dependesse dela e, assim, nós dois tentaremos levar o dia como outro qualquer.

Sempre acreditei ter calçado bem os sapatos de chumbo nos pés em relação à essa parte dolorosa da minha vida, que me fere desde a infância, mas me enganei. Ter lançado no mar do esquecimento tais recordações, juntamente com toda e qualquer arma que pudesse me atingir, não passou de uma mera ilusão.

Mas ela sempre encontra uma maneira de regressar. Sempre na mesma época, como uma visita indesejada, nos esbarramos pelos cômodos onde habitam meus sentimentos mais sombrios.

Sem um único movimento de cabeça, levanto meus olhos do líquido escuro que expulsa nuvens de calor e sr. Cézar me dá um leve sorriso. É como demonstra estar controlando suas emoções como um perfeito artista caricato, o que, de certa forma, acaba por arder um pouquinho mais a ferida recém-aberta em meu coração. Retribuo com outro bem menos convincente que o dele.

Tomo todo o conteúdo da xícara num único gole, ciente de que essa é nossa forma anual de não dar importância à data. Sinceramente, não sei porque nos damos ao trabalho. Tudo o que estamos fazendo não nos leva exatamente ao contrário de ignorar o que realmente esse dia significa?

Levanto-me, frustrada por esse pensamento lógico. A temperatura quente do café pareceu subir até minhas orelhas e sinto todo meu rosto esquentar de raiva. Sigo até o outro lado da bancada que divide a sala e a cozinha e apoio as mãos na beirada da pia, na tentativa de me libertar de toda a droga de lembrança que me invade.

Sou incapaz de contê-las. Sinto um súbito pânico pelo que posso encontrar no meio delas ao perceber que minha memória vasculha recordações em busca de um rosto. Como das outras vezes, não consigo definir um único traço, nem um simples contorno, por mais que me esforce. Tudo o que encontro é uma figura embaçada, desproporcional, sem brilho e sem... cor.

Parece ser inexplicável como isso é possível, mas não deixa de ser curioso a razão que leva a mente a escolher não reter algumas lembranças. Meu coração está na garganta e eu quase o boto para fora quando Cookie late, forte e rouco, me tirando dos meus devaneios.

Inspiro fundo e bato palmas, como se assim pudesse me livrar de toda a melancolia que se aproxima. E embora tenha sido extremamente doloroso vestir

essa armadura invisível, foi a melhor forma que descobri para sufocar meus sentimentos por um longo tempo. Ultimamente, e nem faço ideia do motivo, parece não estar funcionando muito bem.



Estou olhando para um ponto muito além da janela de vidro da sala de Roger quando ouço sua voz ao longe chamar por mim. De canto de olho percebo que ele para de falar e me olha com expectativa, esperando que eu diga alguma coisa. Simplesmente não sei o que dizer porque não me lembro de ter escutado nada do que ele disse.

— Eu sinto muito, estava bem longe daqui. O que você disse? — pergunto me empertigando na cadeira, esforçando-me para me concentrar no que quer ele tenha a dizer.

— O roteiro da viagem à Itália. Queria discutir uma questão em que fiquei na dúvida. Tem certeza que você me entregou? Não o encontro em lugar nenhum.

— Se bem me lembro, você guardou na sua pasta. — Ele se vira em busca do objeto e logo percebo que fica na dúvida a qual pasta me refiro, uma vez que tem três delas ocupando um espaço estratégico na estante de livros. — Aquela de couro com segredo.

Eu nunca vira Roger tão motivado em busca de alguns papéis. Ele deveria se esforçar na mesma medida e se preocupar com o fato de que o advogado irresponsável que ele contratou ainda não tinha resolvido o problema com a pilha de documentos sem assinatura sobre a minha mesa.

— Não tem problema, eu imprimo outro para você — digo após procurarmos entre pastas e gavetas sem obter sucesso.

— Tem certeza? Não gosto de ficar desviando o foco do seu trabalho.

Eu bufo uma risada.

— Só pode estar de brincadeira.

— O que foi? Não tenho abusado da sua especialidade como escuta terapêutica há quase duas semanas — diz com ar zombeteiro.

— E assim permaneceremos. — Meu tom é petulante, mas não ligo, digo logo antes que ele pense em me alugar para algo do tipo justamente quando estou num péssimo dia. — Vou imprimir um novo plano itinerário e resolveremos as dúvidas mais tarde, tudo bem?

Ele assente.

— Cecília, acha mesmo que essa sua ideia vai funcionar?

Há uma ruga profunda entre suas sobrancelhas claras, reflexos de seus receios, o que me deixa surpresa. Roger nunca demonstrou ser um homem inseguro em qualquer situação que eu tenha presenciado, principalmente porque não é de seu feitio se deixar abalar diante de qualquer tipo de desafio.

Meu chefe estava ciente dos boatos que circulavam os andares da empresa e de que todos o consideravam um conquistador. Sabia que, mesmo exibindo até seu sorriso mais inofensivo, ele esbanjava perversão.

E realmente acredito que ele foi assim durante um bom tempo, mas isso não descarta a possibilidade da recuperação de seus valores morais. Será que eu estaria assim tão enganada quanto a sinceridade que vejo na profundidade de seu olhar?

Há algo cativante e ingênuo em seu jeito rebelde, em seus olhos acinzentados que espelham a manhã nebulosa e que está muito além do que dizem os rótulos que o descrevem, a ponto de aquela expressão em seu rosto me fazer querer abraçá-lo.

Ele realmente parece estar disposto a mudanças?

— Tenho certeza de que sim — digo confiante em minhas próprias palavras.

Eu sei que essa resposta não é diretamente e apenas para a sua pergunta. E talvez, principalmente por hoje ser o décimo quinto ano em que acordo me perguntando por que seis de junho foi marcado na minha vida como o dia em que fui abandonada pela minha mãe, eu não seja capaz de decifrar nem mesmo as boas intenções de uma freira.

Mas pelo menos vou poder me agarrar a uma nova lembrança deste dia: a de que apostei todas as minhas fichas em alguém cujos olhos brilhavam em esperança por dias melhores.

Sinto a ferroadada das lágrimas e pisco para afastá-las. Ao me levantar da cadeira eu sigo até a porta, na intenção de voltar para minhas tarefas, mas antes que tenha a chance de abri-la Roger grita atrás de mim.

— Cecília, quase me esqueci de te dizer o verdadeiro motivo pelo qual a chamei aqui. — A rouquidão de sua voz empolgada faz meu coração saltar de susto. — Welber vai vir assinar toda a sua papelada daqui a pouco.

— Oh, céus, obrigada! — Enxugo o canto dos olhos antes de voltar minha atenção a ele com um sorriso estampado no rosto. — Essa, sem dúvidas, é a melhor notícia que você poderia me dar hoje.

A definição de daqui a pouco de Roger deve ser bem distorcida em comparação com a minha, mas não me incomoda.

Está tarde, o céu está fechado e o vento lá fora sopra forte. Uma tempestade ameaça cair e não duvido que ela venha acompanhada de raios, trovões e granizo

em comemoração à presença deste homem. Welber joga conversa fora com Roger enquanto eu o aguardo reparar nas dezenas de papéis sobre a mesa. Vez ou outra aliso a pilha, buscando chamar sua atenção, até que ele, enfim, nos nota.

— Bem, vamos começar com isso, então? — sugere com um sorriso amistoso no rosto.

Leva quase uma hora, mas o jovem senhor de porte atlético continua todo enérgico após concluir seu trabalho. Sua irresponsabilidade dos últimos meses tem uma explicação médica no final das contas e ele lamenta não ter estado disponível durante esse tempo. O fato de Roger saber sobre o ocorrido e não ter me comunicado não me passa despercebido. Eu lanço um olhar de reprovação para meu chefe quando isso fica claro para mim, mas ele apenas dá de ombros ao mesmo tempo que sussurra suas desculpas.

— Poderia ter me avisado — o repreendo enquanto retribuímos simultaneamente o aceno de Welber no elevador.

— Não teria resolvido seu trabalho da mesma forma, Cecília — meu chefe rebate, entregando-me um envelope timbrado.

— Pelo menos minha consciência estaria tranquila agora. Eu acho que xinguei a mãe dele e toda a sua geração por uns cinquenta anos. E ele foi tão fofo comigo.

Roger ri com gosto e eu rio também, mais de alívio pelo drama dos documentos finalmente assinados do que por qualquer outra coisa.

— O que significa isso? — questiono intrigada com a familiaridade da logomarca sobre o papel, que parece se exhibir a mim como uma projeção 3D.

— O endereço e os novos números de contato do doutor Welber. Agora me parece seguro que você os tenha, já que achou ele fofofo.

Ouço Roger sorrir, mas desta vez descarto qualquer gozação ou sarcasmo, simplesmente porque estou concentrada tentando entender o que toda essa coincidência absurda representa.

— Está caindo o mundo lá fora. Vem, te dou uma carona para casa.

— Ah, sim, obrigada.

Respondo de forma automática, sem pensar no quanto essa cortesia poderia nos custar caro no futuro.



OTÁVIO

TÍMIDOS RAIOS DOURADOS ATINGEM meu rosto enquanto atravessam o caminho da janela até a cama emprestada na qual me hospedo há pouco mais de dois meses. Um resmungo grave e uma batida oca vinda da suíte ecoa no silêncio do quarto e me desperta por completo.

É quando pouso os olhos na cama improvisada no chão que me lembro que tenho companhia. E o cara resmungão só pode ser Murilo.

Deslizo pelos lençóis até alcançar meu celular na mesa de cabeceira. Quando confiro as horas vejo que já passam muito das sete e meia da manhã. Dou um pulo e me levanto.

— Droga. Cecília!

Rapidamente envio uma mensagem a ela me desculpando pelo atraso de quase uma hora e já adianto que vou levar quase o mesmo tempo para me arrumar e encontrá-los para o desafio do dia.

A resposta chega com a mesma velocidade que a envio. Quase posso ouvir o doce som de sua risada após me acusar de ser um maldito preguiçoso, e me aqueço por dentro, apenas por saber que ela sempre espera o melhor das minhas desculpas antes que faça sua própria interpretação delas.

Com os feixes da luz do sol invadindo ainda mais meu corpo à medida que me movo para me desenroscar dos lençóis, uma ideia surge, já que é outono e com toda a variação durante a estação chuvosa, o clima hoje deu uma trégua. Está escondido por entre as nuvens, mas tem sol. Uma boa pedida para mudar o cenário dos treinos de Cookie.

Digito as palavras que pretendo encaminhar a Cecília enquanto caminho para o banheiro a fim de expulsar Murilo de lá.

— Merda!

Meu amigo exclama quando estou à espreita da porta.

Vejo uma gota de sangue escorrer de um ponto alto da linha de seu maxilar enquanto ele desliza o aparelho de barbear pelo queixo pontudo. Por estar tirando sarro da sua falta de habilidade para fazer a barba, acabo não revisando muito bem o que escrevo e clico na seta que leva minha mensagem ao seu destino final.

As palavras ficam suspensas em meu subconsciente enquanto travo uma luta com Murilo por espaço. Ele é um pouco mais baixo, mas muito mais forte do que eu. Não consigo chegar ao box sem que em algum momento me esbarre nele, que veste apenas uma toalha enrolada na cintura, o que gera piadas ridículas e autoelogios descarados, típicos de um narcisista e que bem sei, não passa de um escudo invisível para o sentimento que ele carrega dentro do peito.

— Vê se controla essa língua. Outro dia Cecília ficou bolada com as merdas que sai dessa sua boca.

— Está com medo dela me achar mais atraente porque eu tenho esse rostinho bonito e habilidades muito mais interessantes do que apenas treinar o seu cãozinho? — sorri de forma maliciosa enquanto me encara pelo espelho.

— Cara, cale a sua boca! Cecília não é como as garotas que você pega nessa vida depravada que leva. Ela é diferente e de um jeito peculiar. É especial de uma maneira que você nunca seria capaz de entender.

— Caramba! Pensei que teria altas histórias para me contar sobre essa cidade, mas tudo o que tem falado até agora envolve essa garota. Não sei se a amo por suas mil qualidades — ele desenha uma silhueta no ar — ou a odeio por ter transformado meu melhor amigo num babaca apaixonado.

— Como eu disse: você nunca será capaz de entender.

Compartilhamos uma risada até que as palavras que digitara a pouco sobrepõem minha visão colorida de Cecília.

— Merda! Merda! Merda!

Saio correndo do chuveiro antes mesmo de desligá-lo e apanho o celular sobre o balcão ao lado da pia para reler minhas palavras. Sem me importar se estou molhando todo o piso ou causando um novo ferimento no rosto perfeito de Murilo, que resmunga quando o afasto em busca de acesso ao aparelho.

Não era para ser assim. Não desse jeito. Os minutos de prazo já se passaram há muito tempo. Agora é tarde demais para deletar ou reparar o que foi escrito.



Estamos a alguns quilômetros fora da cidade. Em um clube de campo para cães. Lugar que havia pesquisado há alguns dias e tinha muita curiosidade em conhecer. Na verdade, minha curiosidade se deve também a busca pela oportunidade de um novo emprego, no qual eu realmente exerça melhor minhas habilidades. E hoje me parece ser um dia perfeito para explorá-lo.

O lugar é um campo idealizado com mais de mil metros de área arborizada, muito gramado e espaços alternativos. Uma estrutura preparada para oferecer conforto, diversão e proporcionar ao cão e seu dono diversas experiências incríveis.

Todo o lugar é monitorado por profissionais treinados e possui assistência veterinária integral.

Tudo o que eu sou e posso oferecer.

— Vejo você em cada metro quadrado desse lugar — sussurra Cecília, complementando meus pensamentos com um sorriso escancarado.

Retribuo com outro na mesma medida e então deslizo um braço sobre seu ombro, puxando-a para mais perto, para descanar um beijo no topo de sua cabeça. Estamos colados na grade verde e entrelaçada que nos separa de Cookie. Ele explora seus quarenta minutos de aula grátis de adestramento, e eu me orgulho por ele atender aos comandos básicos aos quais o instrutor o submete. Meu trabalho com ele tem sido promissor e assistir ao resultado de todo esforço é impagável.

Infelizmente, sem um agendamento prévio, Cookie não pôde participar da aula experimental de *agility*. Uma atividade esportiva e educativa que visa melhorar a integração dos cães dentro da sociedade. Além de uma espécie de

competição, esse treinamento é capaz de desenvolver mais a fundo a agilidade, inteligência e linguagem corporal de um cão através da imposição de alguns obstáculos.

É claro que foi preciso reunir todos os nossos esforços e paciência para que Cookie não invadisse toda a área estrategicamente preparada com pneus coloridos, túneis e barras de ferro pintadas de um amarelo vibrante.

Após isso, buscamos uma área mais reservada, um lugar aonde minhas atividades com Cookie não interferiam na tranquilidade das poucas pessoas que transitam pelo lugar. Optamos por um campo aberto e deserto à margem de um lago natural e imponente. A água, lisa como um espelho, reflete o céu azul e as nuvens brancas muito altas.

O tempo está ensolarado e abafado. O suficiente para Cookie e eu nos refrescarmos após exercitarmos sua velocidade. Talvez treinemos um pouco na água, por que não? A piscina do campo está lotada e não há nenhuma sinalização que proíba um mergulho no lago. E sempre há desculpas para esse tipo de ação quando se tem como companheiro um cão levado.

Durante quase duas horas, lanço discos e algumas bolinhas em pontos estratégicos. Cookie as apanha, uma de cada vez, e durante o percurso que faz para trazer a última até a mim, percebo às nossas costas que Murilo e Cecília desenvolvem uma conversa amistosa após terem circulado um pouco mais pelas redondezas. Conversa amistosa até demais para o meu gosto.

Cecília e eu tivemos pouco tempo sozinhos. Meu amigo tagarelou e flertou com ela despidoradamente durante todo o trajeto até aqui, incluindo-me vez ou outra em suas brincadeiras sem graça, e por isso não pude interpretar sua reação às duas palavras que encerraram minhas instruções para o passeio via mensagem mais cedo.

Ela ri com ele. E não dele. E isso me incomoda de um jeito estranho, pois tenho consciência de que grande parte do jeito especial de Murilo monopolizar a atenção de Cecília é por pura provocação. É o mesmo teatro que ele sempre faz quando me vê atraído por alguém, um teste de fidelidade de interesses. Sua forma ridícula e pretenciosa de querer preservar meu coração do que um dia estilhou o dele.

Por diversas vezes estive preparado para resgatar Cecília de momentos constrangedores com Murilo, mas a conversa entre eles flui de uma forma tão natural que sinto inveja, por não ter sido assim tão fácil comigo, ao mesmo tempo em que sinto alívio por não ter que improvisar. Pela forma como o loiro cabeludo gesticula, percebo que se afeiçoou rápido a tutora de Cookie. Basta um momento de distração de Cecília para que ele estenda o polegar em minha direção e eu sorrio com seu gesto enquanto balanço a cabeça. Diferente das

últimas vezes, esse é o sinal com o qual ele diz aprovar uma garota que lhe apresento.

Exausto do treino, lanço um *frisbee* para Cookie no lago e mergulho todo o corpo, assim como ele, para me refrescar. Quando meu amigo de quatro patas me traz o disco, miro propositalmente duas silhuetas sentadas sobre a grama bem aparada e arremesso o mais forte que consigo na direção deles que conversam alheios à minha molecagem. Cookie corre para apanhar o objeto e eu o sigo a toda velocidade que consigo. Completamente encharcado, chego a tempo para executar meu plano.

Estou ofegante, mas consigo assoviar e dar por encerrado os trabalhos do dia com Cookie. Esse é o nosso sinal. E então acontece, dois pares de olhos escuros se arregalam quando se dão conta das minhas intenções. Por mais que tentem, já é tarde demais para fugir. Espano o cabelo molhado em cima deles enquanto Cookie chacoalha o corpo com força para tirar todo o excesso de água. Meu gesto não causa muitos danos, mas os movimentos de Cookie são como um balde de água e fazem um belo estrago. E eu me divirto com isso.

— Ora, vocês dois! — Cecília resmunga e se põe em pé.

Ela descalça as sandálias e apanha algumas bolinhas sobre o gramado. Sua clara revanche me leva a correr para longe dela, que me segue, enquanto Cookie late a nossa volta. Paro e um projétil plástico me atinge.

Observo ao longe Murilo se levantar e caminhar em direção aonde a multidão do clube se concentra. Tiro a camisa e mais uma e outra bolinha me acertam à medida que Cecília se aproxima. Então ela cessa a guerra, enrubescendo por não conseguir desviar os olhos do meu tronco marcado por manchas vermelhas e eu sorrio com seu jeito desconcertado. Até parece nunca ter se deparado com um homem seminu antes. Talvez nunca tenha visto um tão de perto ou é apenas o efeito da culpa pela brincadeira marcante e dolorida. Qual dos dois será?

Desço os olhos para o que, pela primeira vez, vejo descoberto. Sentindo que mereço tanto quanto ela apreciar algo bonito. Cecília veste uma regata azul marinho de alças finas e um *short jeans* desfiado que se estende até o meio das coxas. Suas pernas são tão naturalmente delineadas que capturariam até mesmo a pior e mais distorcida visão de um astigmata.

Exibo um sorriso travesso pela paquera descarada.

E ela cora ainda mais.

Avanço. Uma sobranceira arqueada diante de uma circunstância favorável.

Ela retrocede, as palmas viradas em minha direção. Mais uma vez consegue decifrar meus gestos e expressões.

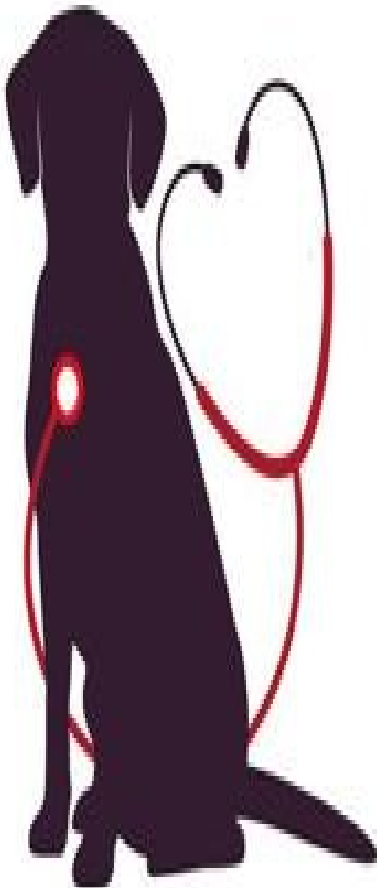
— Não, não, não! — arregala os olhos e protesta eufórica, mas eu ignoro.

Cecília tenta correr, mas Cookie, como um excelente parceiro, rodeia suas pernas e a deixa sem saída. É a distração de que preciso para extinguir a distância entre nós. Me abaixo e abraço suas coxas. Suspendendo-a do chão, jogo-a sobre o ombro direito e corro em direção ao lago. Apenas rio enquanto ela desconta toda a sua fúria nas minhas costas e colore ainda mais o meu dia.

Lanço nossos corpos na água. Num ponto nem tão raso que nos machuque, mas nem tão profundo que nos afogue. No lugar adequado para que eu possa exercer controle sobre nossos corpos. E onde Cookie possa nos acompanhar.

É quando me dou conta de que nossa amizade e parceria superou qualquer expectativa. Sinto que somos como um casal e seu cão. As palavras escritas de forma irrefletida em meu texto fazem todo sentido agora. Porque é realmente como me sinto. Amo Cecília e a personificação deste sentimento que nos representa nessa relação: Cookie.

Capítulo 23



O^TÁVIO

ESTACIONAMOS EM FRENTE À CASA DE CECÍLIA, sozinhos. Aliás, não completamente, Cookie está no porta malas. Com olhos preguiçosos nos sonda com o queixo apoiado na parte de trás do estofado — o espaço onde deveria conter um tampão e o encosto do assento traseiro.

— Não deveria ter concordado em deixar Murilo vir embora do clube por seus próprios meios. Me sinto uma intrusa nessa amizade que só tem o restante do dia de hoje para compensar meses de ausência.

— Não seja boba, Lia! — Afago com o polegar a preocupação em forma de ruga no espaço entre suas sobrancelhas. — Dormimos juntos três noites

seguidas. — Sorrio e seu rosto se contorce numa careta cômica. Minha molecagem enfim suavizando sua expressão. — A verdade é que ele arrumou um esquema, por isso nos abandonou. Não deveria se sentir culpada quando ele provavelmente deve estar perdido por aí com alguma garota.

— Ohhh, nossa! Ele é surpreendentemente rápido nisso.

— São anos de experiência.

Ela concorda, divagando por alguns segundos e a questiono por isso.

— O que foi?

Cecília se encolhe no banco. De alguma maneira se reduz modestamente enquanto escolhe quais palavras usar para me fazer uma pergunta que, no final, a resposta se torna bem simples.

— Você acha que ele pode mudar esse jeito dele um dia? Acredita que se encontrar alguém de quem goste verdadeiramente, Murilo pode abandonar toda essa vida de libertinagem por amor a essa pessoa?

Diante de suas palavras, paro para considerar tudo o que sei e o que presenciei com as experiências de meu amigo. Ele jurou jamais cair na mesma armadilha. E tem levado isso ao pé da letra. Mediante uma rápida análise dessa probabilidade, sei muito bem a resposta: amor não é o que Murilo tem procurado nas mulheres com quem dorme, pois faz isso justamente para esquecer um.

— Não.

Digo seguro da resposta. Cecília parece convencida, embora seus olhos tentem esconder certo grau de decepção que não compreendo. Decido não estender o assunto, porque talvez eu acabe entrando em detalhes dos quais não me pertencem para mencionar.

O ar automaticamente muda dentro do carro assim que Cecília percebe que o foco da conversa está prestes a mudar. Um assunto em particular nos pertence. Um sentimento escrito e ainda não declarado em voz alta.

Isso torna muito mais difícil para nós dois controlar a respiração e os corações acelerados. Sinto esse desconforto de ansiedade quando pego o rosto de Cecília em minhas mãos e me inclino para beijá-la com ternura.

Seus olhos vagam perdidos e assustados pelo meu rosto quando me afasto. Ela está paralisada e, em minha mente, passam várias coisas que desejaria dizer e fazer com ela nesse momento.

Dizer me parece o mais apropriado.

Engulo em seco. Ser sincero sobre alguns sentimentos é mais difícil do que pensei, por isso sussurro seu nome, mas antes que a confissão me escape pela boca, Cecília inspira alto e eu me perco.

Eu me perco no receio de não saber exatamente se esse é o momento certo para que ela ouça minhas palavras. Talvez ela não esteja preparada para lidar

com o significado delas para mim. Posso, de forma inconsciente, obrigá-la a não ser honesta consigo mesma sobre o que sente e se confundir acreditando que o que eu declarar a obriga a sentir ou dizer o mesmo.

Por um milagre, Cookie ronca tão alto que todos os músculos que contraíamos relaxam com nosso riso natural. Esquecemo-nos dele por alguns minutos e esse é seu modo de nos lembrar que ainda está entre nós.

Cecília seca uma lágrima que escorre do canto do meu olho enquanto ainda estamos tentando controlar os espasmos do riso. Todo o momento perfeito — ou imperfeito — é esquecido por nós.

Afinal, não temos tempo para perder com receios. Nosso maravilhoso dia juntos está terminando. O primeiro dia leve e longe de toda nuvem de tensão que cerca nossas vidas.

Quando Cecília ainda sorrindo fixa seu olhar no meu, vejo-me perdido em seus olhos negros como contas. As pontas de seus dedos deslizam pelo meu lábio inferior e no mesmo instante levo a mão até sua nuca para guiar seu rosto na direção do meu. Nossa despedida parece acontecer em câmera lenta, como se não houvesse nenhuma pressa, tendo tempo suficiente para nos perdemos no gosto um do outro.

Uma pena que esse momento tenha sido quase definitivo.



— Está mesmo decidido a deixar esta casa, não é? Parece até que vai tirar o pai da força com a pressa que está para se ver longe daqui.

Laura me aborda assim que passo uma alça da mochila pelo ombro.

— Sabe que o que diz não é verdade. Se nosso pai estivesse na força eu o deixaria sufocar um pouquinho antes de salvá-lo.

— Que horror! — Ela ri. — Mas seria merecido por todo transtorno que nos fez passar na adolescência.

Nisso concordamos, por isso sorrimos cúmplices.

— Vai mesmo me abandonar em pleno final de domingo? — volta a me questionar.

— Combinamos que me hospedaria até eu encontrar um bom lugar para ficar.

Ela se aproxima e desliza as mãos pelo meu ombro livre.

— Só não imaginei que encontraria um tão rápido — diz com uma pontada de tristeza na voz.

— Você já fez muito por mim, Laura. Hospedou até mesmo um amigo meu. E não é muito conveniente ter dois homens solteiros e fanfarrões dentro de casa quando se é uma mulher casada e... — pauso, analisando o peso das palavras.

— E o quê?

Tento desconversar, mas ela insiste, repetindo a pergunta. Então completo: — Está passando por problemas conjugais. — Ela esboça um sorriso vaidoso e triste ao mesmo tempo, depois desvia o olhar para o chão. — Desculpa mana, mas isso é visível para qualquer pessoa que circula essa casa. Até Murilo percebeu e eu tive que intimá-lo a não querer te consolar.

— Meu casamento vai bem. Roger só tem trabalhado demais — tenta se convencer do que sabemos que é a mais pura mentira. — Estamos entrando num acordo quanto a isso.

— Sério? A que horas do dia vocês conversam? — digo levemente irritado. — Quando não é Roger quem está fora de casa em uma viagem ou fazendo horas extras no trabalho, é você quem sai com as amigas para se divertir e chega de madrugada quando ele já está dormindo. Laura, eu não tenho experiência nenhuma em casamentos, e o da minha mãe com o nosso pai não serve como modelo, mas de uma coisa eu tenho certeza: um relacionamento assim não é normal e muito menos vai bem.

Depois do que eu considero uma longa pausa, ela levanta a cabeça para me encarar e uma lágrima trilha seu rosto exageradamente maquiado.

— Você está certo! Não estamos nada bem. — O lábio inferior de Laura treme ao confessar. — Não consigo desenvolver um diálogo porque não sei por onde começar. Não sem acusá-lo do que não tenho certeza. Por isso me escondo, fujo, ignoro o que minha mente grita sem parar.

Nesse momento lágrimas grossas transbordam. Deslizo a mochila pelo braço e a deixo cair sobre o colchão macio atrás de mim. Puxo Laura pelo ombro, seco algumas lágrimas com os polegares e ofereço o que de melhor posso lhe proporcionar no momento.

Envolvida em meu abraço apertado, minha meia irmã se desfaz, deixando que o choro saia livre de seu peito, de uma forma tão dolorida que parece lutar contra os sons que rasgam sua garganta.

À medida que se esvazia da implacável angústia, ela se acalma e sua respiração volta ao normal. E então, quando retoma um pouco o controle, Laura afaga as maçãs do meu rosto e as beija de forma delicada.

— Eu te amo!

Sua voz sai abafada ao se declarar.

— Também te amo! — falo encarando seus olhos de um azul profundo, que novamente nadam em lágrimas.

A sensibilidade de Laura acaba por anular qualquer intenção que eu ainda tivesse de invadir sua privacidade e, mesmo contrariado por estar disposto a ajudá-la, tive que me dar por vencido. Era a sua vida. Suas escolhas. Eu era apenas um mero expectador do que jamais quis ser.

Mas, mesmo assim, precisava que ela soubesse que independente de tudo, ela tinha a mim.

— Laura? — chamo quando ela está prestes a atravessar a porta e me deixar seguir meu caminho. — Não hesite em me procurar para o que precisar. Pode me ligar a qualquer hora do dia ou da noite.

Ela balança a cabeça em acordo e tapa a boca com uma das mãos enquanto deixa o quarto, na certa tentando impedir mais uma onda de choro.

Não suporto ver isso. E por esse motivo amaldiçoo Roger por existir.

O que eu não imaginava é que em menos de vinte e quatro horas eu começaria a descobrir o quanto estivera enganado sobre tudo e, principalmente, sobre todos.



CECÍLIA

UMA VEZ LI ALGO SOBRE regressão à média. Um fenômeno que define que, em qualquer série de eventos aleatórios, há uma grande possibilidade de um evento extraordinário ser seguido de um controverso. Um acontecimento corriqueiro em virtude do acaso.

Traduzindo isso para a vida, basicamente quer dizer que nossos dias não podem ser cem por cento bons ou cem por cento ruins. Em algum instante, dentro destas fases, a vida sempre encontra um determinado momento para se equilibrar.

Meu coração subiu na garganta quando percebi que Otávio diria as palavras em voz alta. Eu esperava que ele fosse capaz de ler as reações físicas e

emocionais do meu corpo antes que dissesse. Palavras tem poder e eu não saberia como absorver o impacto delas.

Foram escritas no calor do momento, mediante uma ação irrefletida por conta do atraso para um compromisso. Jamais me sentiria confortável sabendo que Otávio possivelmente se viu na obrigação de consertar um erro cometendo outro ao dizer aquilo sem sentir. Eu não queria ouvir, porque uma mentira desse porte destruiria tudo de verdadeiro que construímos até aqui.

Neste dia descobri que nos últimos meses estive vivendo em equilíbrio. O tal fenômeno entraria em ação após um dia excelente. Não imaginava que de uma hora para a outra a balança pesaria mais para um dos lados. Aquela mentira talvez fizesse diferença nos meus próximos dias, deixaria mais leve o fardo de ter meu emocional pendendo para o lado mais doloroso.



Alguns pingos de chuva caem do céu e gera um barulhinho metálico sobre o alumínio que protege nossas cabeças. Nesgas de faixas luminosas de um tom rosa pálido e azul limitam a linha do horizonte, anunciando que em breve a luz do dia irá deslizar para seu descanso.

Roger e eu estamos inclinados sobre a pequena mesa ao ar livre que dividimos em uma cafeteria próxima ao escritório. Nossas franjas quase se tocam pela atenção que damos ao mesmo tempo ao esboço que tento esmiuçar para ele e que, sinceramente, caso se esforçasse um pouquinho, conseguiria muito bem se virar sozinho.

— *Piazza delle Erbe** — leio as palavras por mim destacadas por um marca texto amarelo fluorescente. — Esse é o principal ponto turístico de Verona que você deve levá-la. — Circulo a imagem impressa no papel.

— Em uma sacada histórica. Sério que é esse o lugar?

Levanto os olhos, incrédula, e noto um sorriso debochado em seus lábios.

— Leia o complemento, pelo amor de Deus! — Minha voz soa ríspida demais até para mim. — Não é uma sacada qualquer.

Com um gesto o incentivo a ler em voz alta. Roger suspira e o faz enquanto corrijo a postura e tomo um gole do meu chocolate morno.

— *Casa di Julietta** — ele praticamente soletra. Continuo a encará-lo, esperando que a familiaridade do nome o surpreenda, mas não, ele continua perdido, sem fazer ideia do que o nome ou aquela foto significam.

Suspiro resignada. Isso é ao mesmo tempo triste e displicente.

— O quê? — meu chefe pergunta quando percebe meu desapontamento.

— Você nem faz ideia, não é? — Roger tenta corrigir a postura. Controlar um alto nível de desconforto repentino. A vergonha pela falta de argumentos contra a realidade lamentável que presencio está impressa em seus olhos. — Nunca lhe passou pela cabeça perguntar para sua esposa qual seria o sonho romântico dela?

— Eu jamais imaginei que ela pudesse ter um?

Balanço a cabeça mediante sua sinceridade e, forçando-me a um controle fora do normal, comprimo os lábios reprimindo um palavrão. Toda mulher tem um sonho romântico. Até mesmo eu, que nunca ousei expressar esse meu lado, devo ter um — embora vasculhe minha mente e não encontre nada no momento, sei que esse desejo deve estar escondido em algum cantinho do meu subconsciente.

Preciso ser profissional e manter minha modesta opinião dentro da boca, embora isso, de longe, faça parte do meu trabalho.

— Mais um erro que precisa corrigir — digo. — Conhecer os desejos, expectativas e sonhos um do outro, deve fazer parte da vida de todo casal.

— Falando assim você até parece uma terapeuta de verdade. — Roger brinca, mas como não me manifesto em levar a gozação adiante, ele gradativamente volta a ficar sério.

Neste momento penso que só Deus é quem sabe as horas de estudo e pesquisa que já fiz sobre o assunto. Merecia até um diploma de autodidata.

— *Okay*, vou fazer a realização desse capricho minha prioridade.

Algo quente faísca dentro de mim. Posso sentir meus olhos curvados para baixo, minhas sobrancelhas quase unidas numa expressão de total reprovação.

— Não é um capricho, é um sonho — o censuro. — Laura deseja conhecer a casa de Julieta desde menina, e você bem que poderia se esforçar em não parecer um Romeu desinformado e ridículo.

— Não foi isso que eu quis dizer — ele rebate. — Me expressei mal, desculpa! Farei de tudo para presenteá-la com o melhor Romeu que possa existir em mim — promete, parecendo sincero.

Roger volta sua atenção para o roteiro e lê mais algumas de minhas anotações. Sua segurança quanto a tudo agora alimenta a esperança que tenho de que ele e Laura vão voltar mais maduros dessa viagem. Mas não posso negar que uma parte de mim sentirá falta de nossas sessões, do único momento em que ele se torna um subordinado dos meus conselhos e reprimendas. Juntos traçamos um limite para todo esse pacote de segredos, que terminará assim que eles embarcarem para Itália na próxima semana. Depois disso, nosso acordo é que toda ajuda de que precisarem, que seja por meio de um profissional qualificado,

algo que eu nunca fui ou pretendo ser.

Sorrio satisfeita quando repassamos tudo e não resta mais dúvidas para Roger. Sugiro que ele assista a uma adaptação cinematográfica do título mais famoso de Shakespeare para se inspirar, só por gozação, mas me surpreendo quando ele reflete um segundo e abraça a sugestão, disposto a mais esse sacrifício por Laura. Sei que ele odeia filmes, minha amiga sempre pontuou isso como um defeito dele.

— Cecília? — Roger me chama enquanto reúno tudo o que me pertence antes de partirmos. Olho para ele e seus olhos brilham mais que um punhado de purpurina. Sem jeito, ele alisa a barba por fazer antes de fixar seus olhos nos meus.

Sou pega de surpresa quando ele se inclina para frente e estende a mão sobre a mesa para segurar meus dedos, que brigavam com o zíper da bolsa.

— Não sei se um dia serei capaz de agradecer tudo o que tem feito por mim... Por Laura — diz num tom afável. — Você é uma amiga excepcional.

Toda a minha resistência ao seu toque esmorece com a certeza de que seu gesto é tão inocente quanto o abraço desesperado que ele me deu. Nunca tivemos nenhum tipo de contato físico além daquele. E este é semelhante, não há malícia. É apenas uma forma amigável de expressar seu agradecimento por minha ajuda.

— Cumpra sua promessa e já terei cumprido meu propósito com satisfação — peço e reforço o aperto de nossas mãos. — Mas, para ser sincera, minha maior recompensa será me ver livre das suas lamentações. — Rio alto e apanho a bolsa sobre a mesa.

— Sempre transparente — ele resmunga e dou de ombros.

Quando nos levantamos, Roger apoia a mão nas minhas costas, logo abaixo do ombro, e me guia até a saída da cafeteria. É um gesto casual, sem conexão alguma, e que não me causa efeito algum. Embora eu saiba que outras mulheres interpretariam de forma completamente diferente. Catarina seria uma delas, talvez.

Não é por acaso que seu rosto me vem à cabeça. É como se, ao pensar nela, eu tivesse o poder de fazê-la se materializar na minha frente. Sei que cada trejeito seu é real quando Catarina atravessa a avenida flutuando feito uma modelo em passarela e encara a mim e Roger com um sorriso amargo desenhado nos lábios.

Para nossa surpresa, ela não está sozinha. Está na companhia de Laura e Otávio, que vem alguns passos atrás. Justamente nesse momento, a mão de Roger ainda está colada em mim.



O tempo pareceu congelar durante um longo e silencioso momento. Até mesmo a chuva se foi e, parados na calçada, estamos os cinco tentando compreender o que aquela coincidência absurda significa.

Com a mente acelerada, identifiquei o dano que se sucederia nos rostos que sondavam a mim e Roger.

Incrível o quanto um olhar pode machucar.

O choque, a surpresa e a decepção estavam presentes em cada linha do rosto de Laura.

A certeza refletia nos lábios curvados de Catarina.

Mas, a falta de reação de uma única pessoa me perturbava mais a cada segundo. Otávio não parece surpreso, nem decepcionado, na verdade, não tenho a menor ideia de como interpretar sua expressão.

Sinto que algo começa a se partir dentro de mim.

Lentamente o tempo volta a se movimentar quando escorrego, desconcertada, para longe do toque de Roger — perdido tanto quanto eu até esse momento. É quando ele se toca em como tudo parece suspeito. Não somos estúpidos, muito menos ingênuos para não sabermos o que se passa na mente daqueles que nos observam. Bem, talvez em um determinado momento eu tenha sido, mas não sobre isso.

— Isso tudo é sério? — Roger diz e solta um suspiro pesado balançando a cabeça em negação. É quando tudo a minha volta ganha velocidade.

As palavras, as ações... as reações.

Embora as vozes estejam um pouco alteradas, absorvo fragmentos das acusações de Laura: horas de reuniões particulares, encontros fora do expediente, olhares comprometedores, toques pretensiosos, mensagens, caronas, viagens...

— Vocês estão completamente loucos. Cecília é sua melhor amiga, Laura. Pelo amor de Deus! Tudo o que ela tem feito é nos ajudar.

Roger se defende, e me defende, mas logo desiste. Não questiona nada do que a esposa diz a seguir, age naturalmente em relação a elas, com firmeza, como se estivesse acostumado a lidar com a situação. Já eu estou tensa, paralisada com a situação, presa no olhar do rapaz que tem seus olhos fixos no meu rosto, sedenta por uma reação sua. Mas ele não esboça nenhuma e meu coração continua a se chocar dentro do peito com violência. Qualquer coisa seria melhor do que nadar nessa geleira sufocante.

Vejo uma lenta transformação. Otávio alivia a tensão dos músculos rígidos da face durante um segundo enquanto inspira o ar com força, depois volta a contraí-los. Essa pressão não o permite demonstrar qualquer reação e sinto que ele luta para isso.

As peças estão finalmente se encaixando, ainda assim, nada parece ser real, muito menos sólido.

Otto e eu somos obrigados a desviar o olhar quando percebemos Laura vindo para cima de mim.

— Como você pôde fazer isso comigo? Eu não consigo acreditar que você tenha traído a nossa amizade dessa forma.

Ela agarra meu pulso, o mesmo que meses antes foi quase lesionado pelo cara na Amo Patas, mas a agressão física não ultrapassa além desse limite. A sensação de *Déjà vu* é instantânea, mas, diferente da última vez, meu salvador não parecia disposto a se arriscar em um ato nobre.

Antes que um escândalo maior se formasse, quem afasta Laura de mim é o próprio Roger. Ela continua a me xingar enquanto é arrastada até o carro a poucos metros de nós e, dentro dele, desconta no marido toda a raiva que a perpetua.

Num instinto, levo uma mão trêmula à boca enquanto com a outra seguro com força a alça da bolsa.

Otto observa meus movimentos de soslaio enquanto o automóvel escuro do cunhado passa por nós e depois volta a me encarar. Percebendo a tensão crescente, Catarina, que apenas assistia a tudo, segue realizada e ainda calada até o veículo do outro lado da avenida, que por sinal é o de Otávio. Então me encontro novamente olhando para ele. Engulo em seco sem parar e tento me forçar a dizer alguma coisa. Qualquer coisa que o fizesse acreditar que isso nada mais é do que um mal-entendido.

Percebo tarde demais que não havia dito nada e que a falta de argumentos em minha própria defesa era o maior responsável pela culpa que tentava me preencher. Então as lágrimas que brotavam incontroláveis do meu rosto colaboravam em assumir certo pecado que nunca existiu.

Senti-me sendo dominada pela raiva quando Otávio me deu as costas e seguiu atrás de Catarina, despertando-me para o que ocultava em sua falta de expressão ou palavras. Ele já havia julgado a situação, e nem mesmo teve a decência de me dar o benefício da dúvida.



CECÍLIA

MUITAS PODEM SER AS palavras para se anunciar que ali, onde havia amizade verdadeira, agora há apenas um hiato. Todas elas deveriam cumprir uma tarefa quase impossível, que é elucidar a dor de uma decepção, mas de uma maneira que não fosse tão depreciativa.

De certa forma, rumores são como um vírus letal – se espalha de um jeito que não podemos controlar. Se torna a notícia que nos acompanha por onde formos e nada pode revertê-la.

Nunca me senti tão humilhada com um simples olhar. Ainda estou sufocando um esgar de dor e raiva, sentada no sofá puído de casa, com as pernas flexionadas e um dos braços envolvendo meus joelhos. Meu coração está

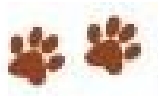
dilacerado. Perdi não um, mas dois amigos, sendo que um deles talvez pudesse se tornar mais que isso. Otávio poderia ser alguém que eu facilmente seria capaz de amar.

Ouçó meu pai chamar por mim vindo do quintal e meu coração nesse momento falha uma batida. O amor desse homem é tudo o que tenho de mais precioso e não suportaria decepcioná-lo.

Preocupação nubla o semblante de meu pai e percebo algo cintilar em seus olhos ao me ver. Não sei como, mas algo ele sabe e em silêncio me estuda por um longo tempo. Quando fala, sua voz soa grave, gutural.

— Não importa os absurdos que acabo de ouvir, sei que jamais faria isso, filha.

Corro aliviada para seus braços estendidos. Em forma de um ciclone de lágrimas, no abraço de meu pai me desintegro.



A única forma de passar por toda essa situação seria encarando tudo com muita força de vontade.

Eu precisava me livrar de alguns pensamentos e me concentrar nas coisas que de fato importavam para mim: meu pai, Cookie e meu emprego. Alguma normalidade que não envolvesse Laura ou Otávio. Mas era impossível, tendo grande parte dos olhares dentro da empresa voltados para mim durante o trajeto até meu departamento. Sinto o peso do remorso pressionando minha cabeça, a culpa pela omissão dando marteladas nela sem dó, mas jamais me arrependeria por tentar ajudar um amigo.

E essa é minha justificativa na tentativa de isentar-me do ônus que seria o julgamento de Roberta e DVD que, apreensivos, não sabiam como me abordar ao aparecer no trabalho depois de todo o episódio. Onde me tacharam como amante do meu chefe. Pois era essa a conversa que rolava pelos corredores. Um típico romance clichê “um CEO em minha vida”, não?

Resumi tudo para eles, desde o comecinho, ponto e vírgula em seus devidos lugares, assim como fizera com meu pai. Quando terminei, o alívio triplo se fez presente em nossos abraços mútuos. Na certeza da confiança e solidariedade dos meus amigos eu me sentia um dedo mínimo mais leve.

— É compreensível — diz Roberta, suavizando minha falha.

— Justificável — completa DVD.

Mas, então, por quê ainda me sinto culpada pra caramba?

Um cumprimento nos interrompe e nos desconectamos do abraço. Minha primeira impressão ao ver Roger é de que a última noite também não deve ter sido muito favorável para ele, uma vez que se esconde atrás de um par de lentes escuras em uma manhã cinzenta de outono.

— Olá, Cecília?!

O tom surpreso presente na voz de Roger me diz que ele não tinha esperanças que eu voltasse tão logo ao trabalho. Tinha sido legal da parte dele me ligar poucas horas depois de toda confusão na cafeteria e me oferecer o tempo que eu precisasse longe da boa e velha fofoca — espalhada pelo estagiário do TI, a quem Catarina havia se aliado em busca das últimas provas que concluísse as suspeitas da prima: a troca de mensagens entre mim e o seu marido.

Mas, convenhamos, não se combate uma epidemia sem enfrentar as dificuldades do processo para erradicá-las.

Diante de tudo, só me restava duas alternativas: fazer-me de surda diante dos absurdos ou agir com sabedoria para desarmar o que não faz sentido. Colocando limites e deixando as coisas bem claras.

Obviamente me encaixo melhor na segunda opção. E minha tática era me cercar de pessoas de confiança, que tinham capacidade e inteligência para agir como diques de contenção. Pessoas com ouvidos e coração vacinados contra esse tipo de estímulo para distração de pessoas entediadas com a própria vida.

Impulsionada por esse raciocínio, vou até a sala de Roger informá-lo da minha decisão. Estaco por um momento à porta e o observo, por uma pequena fresta, se acomodar em um dos sofás confortáveis da sala. De forma cansada ele suspira, apoia os cotovelos nos joelhos e, de olhos fechados, massageia as têmporas. Durante quase um minuto inteiro ele se mantém na mesma posição e não consigo deixar de sentir empatia por ele.

Com dois toques sutis, finalmente anuncio minha presença e, antes que ele permita, já estou sentada no estofado à sua frente.

— Não esperava que viesse ao trabalho hoje. — Seus olhos cinzas são uma linha fina que me sondam enquanto formulo uma resposta.

— Nem eu. — Deixo escapar a respiração que prendia sem saber.

Roger tateia o bolso da calça social em busca do celular que notifica a chegada de mensagens sem parar. Se concentra no aparelho enquanto digita algo, mas divide a atenção do que quer que seja comigo, espiando por baixo da franja loira para me olhar nos olhos e questionar: — Você está bem?

Inspiro fundo. Na medida do possível tento ficar bem. Sei que minha aparência não revela muita coisa, sempre fui boa em mascarar meus sentimentos fora do refúgio que é meu quarto, com alguns truques básicos de maquiagem.

Hoje não poderia ser diferente, preciso ser forte e não vacilar, por isso a todo instante desvio o pensamento do que realmente me fere nessa questão toda — e que Roger nem deve fazer ideia —, assim consigo sabotar-me da dor.

— Estou — digo. — Estou bem, obrigada.

— E seu pai? Posso ir pessoalmente conversar com ele, caso...

— Já esclareci a ele — o interrompo. — Laura foi mais rápida contando-lhe a sua versão, mas estamos conversados. Comigo está tudo em ordem — afirmo com toda segurança que consigo.

Ele coloca o telefone de lado e se empertiga no sofá, parecendo mais desconfortável do que nunca. Fica pensativo e só desvia seu olhar do meu quando o celular volta a vibrar descontrolado. Eu me inclino e entrelaço os dedos, prestes a repetir a besteira que nos trouxe até aqui.

— Como vocês estão? — claramente minha pergunta não é direcionada apenas a seu bem-estar, mas ele parece não se importar com isso.

Roger dá uma olhada ao redor e se concentra na porta que deixei propositalmente aberta. Esta não é uma de nossas seções e ele sabe disso, mas confere se há a possibilidade de alguém nos ouvir e eu o compreendo, o maior prejudicado nessa história, sem dúvidas, é ele. Meu chefe balança a cabeça por várias e várias vezes e, embora esse gesto fale por si só, mesmo assim ele responde.

— Não posso dizer que minha conversa com Laura tenha sido sequer amigável. Ao final de tudo, concluí que não reconheço a mulher com quem me casei.

Meu rosto franze à medida que meu coração se comprime no peito.

Roger levanta do sofá e desliza o celular de volta para o bolso enquanto passa por mim e apanha a pasta na mesa do outro lado da sala.

— Estou hospedado no hotel da rua Comendador. — Minha boca se abre de modo automático enquanto o acompanho com a cabeça. — Não tenho condições de resolver muita coisa por aqui hoje, então, se precisar de algo...

Assinto tão devagar que fico na dúvida se realmente executei o gesto.

Não acredito que as coisas chegaram a esse ponto. Roger e Laura separados por minha causa. Agora são meus olhos que ardem, e a culpa mais uma vez volta a me visitar.

— Sinto muito por lhes causar isso — são as únicas palavras que consigo dizer. Minha voz está presa no bolo de farpas que arranham minha garganta.

Quando digo isso, seus olhos inundam-se de lágrimas, ele deve ter percebido o quanto me esforço para acentuar que também tenho minha parcela de culpa, por isso abaixa a cabeça e esfrega de leve a ponte do nariz, como se assim fosse capaz de impedir as lágrimas de cair.

A ideia meio distorcida de proteção à minha melhor amiga, pareceu boa de início, por isso me comprometi com a loucura de orientar Roger. Mas nós não havíamos analisado as consequências caso as coisas não saíssem como planejamos. O resultado foi mágoa, fúria, perda de confiança e tantas outras coisas que eu levaria um dia inteiro para listá-las.

— Não se desculpe, Cecília! Se alguém deve fazer isso, esse sou eu. — Esconde-se mais uma vez atrás dos óculos escuros. — Eu comecei com isso e nunca te agradeci o suficiente ou fui claro sobre o que nossas seções se tornaram para mim durante esse tempo.

Arqueio as sobranceiras, intrigada.

— Idealizei em você uma espécie de confidente, não de um modo profissional, mas alguém íntimo, como um amigo. Sincero. Verdadeiro. Capaz de escolher as piores palavras para me ensinar o melhor caminho e nunca o mais fácil. E você se encaixou perfeitamente nesse papel.

Um dos cantos dos meus lábios se contorce em um sorriso e ele sorri de volta.

— Você se tornou para mim muito mais do que isso. Cecília, para um cara que nunca se apegava às pessoas, me apeguei a você. Talvez por nunca na vida ter meus erros esfregados com tanta petulância na minha cara, mas, sobretudo, por ter desenvolvido pela amiga de minha mulher um tipo de afeição tão forte que, às vezes, nem as pessoas com os mesmos laços sanguíneos são capazes de sentir um pelo outro.

Afasto algumas lágrimas insistentes e xeretas que escorrem do canto dos meus olhos.

— Em nossos momentos, eu era o Roger inseguro confiando minhas fraquezas à irmã que nunca tive. Decidir fazer Laura incondicionalmente feliz, de certa forma, foi escolher abandonar esse laço. Mas quem, além de nós, se importa com as nossas perdas ou sentimentos, não é?

Enxugo o rosto com as costas das mãos, seco-as no *jeans* e me levanto completamente comovida com a declaração de Roger. Se algum dia alguém me dissesse que meu chefe me adotaria como sua irmã de coração, eu certamente a julgaria louca. E não é isso o que eu sempre quis ter na vida, alguém que pudesse preencher essa parte que me faltava? Há amigo mais chegado do que um irmão, já diziam os provérbios.

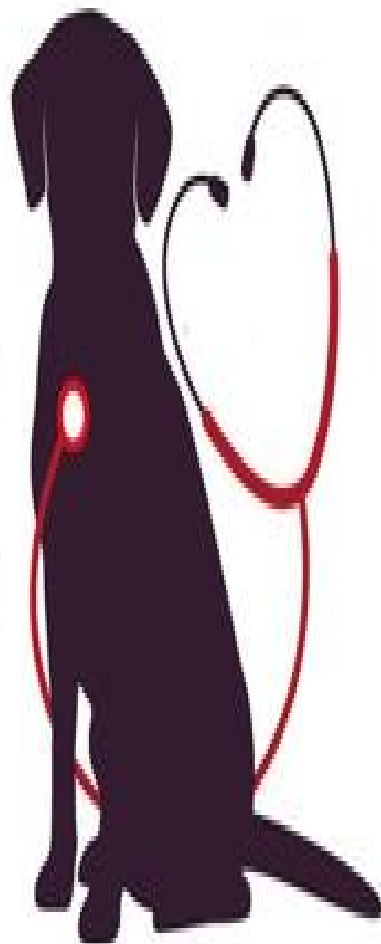
Recordar essa citação é como desferir um tapa no meu ego cego.

Não sei quanto tempo passo processando tudo na minha cabeça, mas quando enfim abro os olhos, penso que Roger ainda estaria aguardando que eu diga algo a respeito. Mas ele não está. Sua confissão deve ter sido difícil demais para que ele pudesse suportar ser rejeitado por algo tão bonito, caso eu o fizesse.

Concluo que as sessões eram benéficas para todos os envolvidos, direta ou indiretamente, mesmo que por razões diferentes. Eu tinha estipulado a Roger uma data, o fiz selar uma promessa para rompermos um elo, mal sabendo do que de fato estaria abrindo mão.

Nunca fui dada a autopiedade, mas naquele momento eu realmente me perguntei se existia alguém, além de mim e Roger, que se importava.

Capítulo 26



O TÁVIO

A PRIMEIRA VEZ QUE tomei um porre de verdade foi após descobrir que eu e minha mãe não éramos a única família de meu pai. Murilo foi minha companhia durante aquela longa noite de bebedeira em Brasília.

Nunca questionei o fato da união de meus pais não ter se estruturado com base religiosa, mas sabia que minha mãe tinha enfrentado os princípios convencionais da família em nome do amor.

E, de repente, toda a base sólida no qual eu me espelhava para um futuro havia se desintegrado.

Minha mãe sempre fez questão de me educar a ser grato, honrar em amor e respeito, sobretudo pai e mãe. Embora tenha desempenhado esse papel com prudência, sempre o fizera sozinha. Por mais minuciosa que ela tenha sido em suas explicações, chega a hora em que temos idade suficiente para fazer nossas próprias escolhas. Nossas reações baseadas nelas determinam tudo o que está a nossa volta e criam um fluxo direto, que nos leva às consequências dos nossos atos.

Talvez a primeira opção pelo erro, senão a pior que eu tenha tido naquela época, foi ter enfrentado meu pai pela sua falta de integridade. Vi, diante dos meus olhos, desmoronar o pai de ouro que ele era para mim. Eu endeusava meu velho como se ele fosse perfeito, soberano, imaculado, quando, na verdade, ele era apenas um ser humano que omitia suas falhas e tentava compensar da melhor maneira possível “suas famílias” durante meses alternados de ausência. Pelo menos ele teve a decência de se comportar como se tivesse perdido o controle da situação e não reagir.

Até aquele momento, todo o seu absentismo como pai tinha uma explicação aceitável, que era seu esforço em ser o único provedor de todas as necessidades da nossa família. Como ele fazia para dar conta tendo o dobro de responsabilidades, nunca vou saber.

Descobri a identidade de Laura um pouco mais tarde naquele mesmo dia primaveril de setembro. Eu era o único filho até então, e meu pai sempre afirmava, quando minha mãe cogitava aumentar seus descendentes, que nosso trio era um número suficientemente bom para nossa família.

Não sei ao certo como dona Elenice descobriu os *usernames*, mas juntos partimos em busca de mais informações navegando pelas redes sociais. Descobrimos em nossa exploração que meu pai jamais poderia se comprometer em um vínculo civil com minha mãe, isto porque já havia feito essa aliança com outra pessoa diante de um sacerdote. E estava ali, bem diante de nossos olhos, registrado em cópias de fotografias antigas em tom sépia para quem quisesse confirmar.

Minha mãe chorou tanto durante aquela semana que eu pude sentir, através de seus gritos guturais, que o amor que ela retinha pelo marido lutava contra a determinação que ela se agarrava para mandá-lo embora.

Num primeiro momento, eu não me encantei pelo fato de ter laços sanguíneos com uma desconhecida. Eu era um adolescente meticoloso à minha maneira, intenso em minhas relações afetivas ainda mais acentuadas devido a minha condição neurológica mal assistida pelo meu pai.

Eu estava propenso a ideia, fixa na minha cabeça, de me rebelar. Seria um comportamento típico da adolescência, usufruir o direito que todo garoto com

uma família desfeita abruptamente deveria ter. Era uma fase, e ter isso como desculpa parecia aceitável.

Só que não foi suficiente.

Ser forçado pelos meus pais a tentar um relacionamento minimamente decente com uma garota loura e esguia, de olhos tão profundamente azuis, mais parecia ser a chegada da previsão de um mau agouro do que uma surpresa bem-vinda. A única coisa que eu conseguia pensar era que ela foi a responsável por usurpar os melhores momentos que meu pai deveria ter passado comigo.

E ela não deveria fazer o mesmo?

Laura sempre foi altruísta e generosa demais para se permitir pensar algo assim. Eu significava o oposto do que ela significava para mim. Até descobrir que éramos cegos e carentes de afeto e cuidado em nossas particularidades, mais até do que podíamos imaginar. Por isso, decidimos compensar essa falta com o que de novo havíamos descoberto e que, de alguma forma, por mais estranho que pudesse parecer, nos completava.

Aos poucos, a revolta foi se transformando em determinação. Tornei-me uma pessoa melhor. Um homem que em momentos delicados escolhia o silêncio para refletir, ao invés de palavras capazes de ferir. Matava-me de estudar e encontrei na medicina veterinária um norte. Manter-me ocupado com o amor pelos animais impedia-me de pensar em como as coisas poderiam ter sido diferentes, porque eu já não desejava mais ser o Otávio sem a meia-irmã Laura.

Sentado em um bar conhecido em Batel eu tentava, com a ajuda de uma tônica, me livrar da dor de cabeça e do gosto persistente na boca que já duram mais de dois dias. Alguns sabores provocados pela união dos meus sentidos vão embora rápido, outros podem durar por horas e me fazer até mesmo desejar uma comida específica. Mas o gosto em meu paladar não é algo provocado por meu sistema sensorial, vai muito além, nem o sabor amargo do quinina é capaz de eliminar a presença marcante do que se tornou parte de mim: o gosto de Cecília.

Minha nova função no trabalho já não servia de refúgio. Finalmente a Amo Patas aproveitava meu conhecimento como adestrador e estava me proporcionando contato direto com os animais, mas era impossível não desenvolver maior atenção a Cookie, uma vez que tínhamos intimidade fora dali. O problema era que, por mais que eu tentasse separar as coisas, tudo me levava a pensar nela.

Talvez se eu bebesse algo mais forte...

— Nem pensar! — Murilo afasta a carta de drinks do meu alcance quando estou prestes a escolher minha próxima bebida. — Não tenho condições de carregar ninguém no colo hoje, princesa. — Exibe um sorriso sarcástico que me

faz desejar arrancá-lo da cara dele com um soco.

Alcanço o copo com o resto de sua bebida exótica e viro todo o conteúdo goela abaixo, em desafio. Desvio o rosto para o outro lado e contemplo a noite escura enquanto ele resmunga algo me recriminando. Ainda não entendi porque insiste em ficar mais alguns dias na cidade quando era para ter ido embora há muito tempo. Não preciso de uma babá me pentelhando a buscar uma solução direta para as dúvidas que me atormentam.

Neutralizá-las seria muito mais fácil se meu amigo de infância não vetasse todas as minhas tentativas em esconder minha insegurança alegando exaustão ou colocando a culpa no excesso de bebida. Mas ele me conhece bem o suficiente para saber que, uma vez que eu começasse a descontar minhas frustrações e raiva no álcool, não pararia até estar à beira de um coma alcoólico.

Observando a nesga de lua distante no horizonte, eu buscava me distrair com qualquer coisa à minha volta. O clima de começo de noite era agradável. O vento gelado era revigorante, mas nada no alto de um terraço abarrotado de jovens exalando *gim* pelos poros parecia ter graça para mim. Apenas concordei em sair de casa porque a ideia de explorar a coquetelaria mais famosa da cidade me pareceu bastante atraente. Explorar no sentido de provar e não observar como eu vinha sendo obrigado.

— Não, obrigado — Murilo responde quando o barman pergunta se algum de nós deseja mais um drinque. Por um instante meu amigo me avalia e, para ter certeza da minha resposta, antes que eu tivesse tempo de responder, recusa a oferta por mim. — Ele também não quer.

— Não quero? — protesto em um tom acusatório, indignado com sua ousadia.

— Não é disso que precisa para resolver suas questões — rebate. — Qual é? Sou pós-graduado em fossa — acrescenta e tenho que concordar com sua afirmação. — Faça alguma coisa mais útil ao invés de ficar ruminando suas dúvidas como um camelo.

Murilo reproduz o gesto produzindo sons nasalados de forma exageradamente ridícula, sem se importar com os olhares de censura que recaem sobre ele. Não contenho a gargalhada ao seu papel humilhante e confesso que precisava me esvaziar da cólera que ameaçava me possuir desde que coloquei meus pés neste prédio, e era tanta, que se esvaia de mim através das lágrimas de riso que escorria pelos cantos dos meus olhos.

— Sei que já cansou de me ouvir dizer, mas não custa reforçar — diz Murilo apertando de forma fraternal meu ombro assim que giro a chave na ignição, decidido a seguir direto para casa. — Ouça o que Cecília tem a dizer antes de transformar tudo o que tiveram em mágoas por pura covardia.

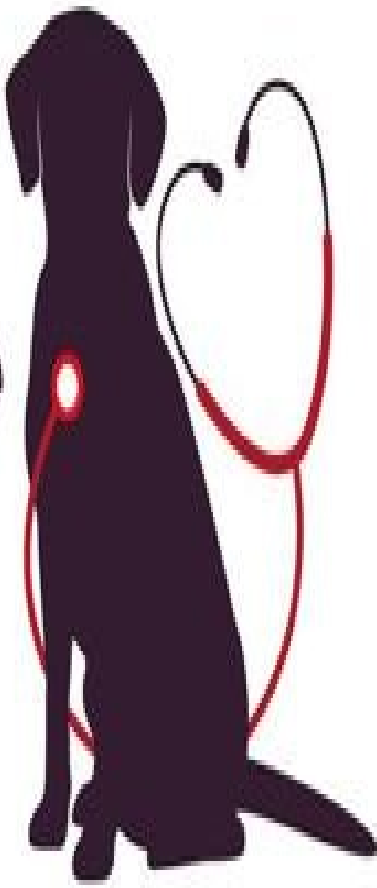
— Não era bem essas as palavras que costumava usar.

Ele arqueou as sobrancelhas como quem diz: e isso importa?

Importava, porque era exatamente a verdade. Eu adiava confrontar Cecília com medo de acentuar a estranha sensação de que estive enganado todo esse tempo.

Já era hora de buscar por respostas, mas antes de ouvir a tutora de Cookie, precisava dar suporte a alguém tão deprimida quanto eu. Precisava saber, pessoalmente, como andava minha irmã.

Capítulo 27



O TÁVIO

— **ELE FOI EMBORA.** Não vai voltar. Não compreende os meus motivos
— Laura repete a frase quase como um mantra.

Parado no centro do quarto eu a observo estirada entre os lençóis e cobertores. O cômodo está virado do avesso. É quase impossível me orientar por completo com a falta de luz, por isso sou obrigado a buscar um acesso livre das peças de roupas e acessórios espalhados pelo chão. Afasto qualquer empecilho pelo caminho com a ponta do sapato enquanto sigo até um abajur sobre um dos criados-mudos ao lado da cama.

A cama está fofa pelos tecidos e só pude distinguir a silhueta esbelta de minha irmã entre eles ao notar uma mecha comprida de seu cabelo espalhado

num dos cantos inferior.

A Luz mediana me dá uma ampla visão da situação do quarto. E é impossível não perceber o quão instável Laura se encontra, a ponto de não deixar uma única peça de roupa pendurada em um cabide.

Chamo-a pela terceira vez, consciente de que ela não notou minha presença. Está divagando entre a consciência e a vigília ou se entregando a um profundo estágio de letargia. A traição tem efeitos devastadores que nem sempre a alma é capaz de suportar. Então me pergunto o quanto e de que maneira uma traição dupla seria capaz de afetá-la.

— Ele foi embora. Não vai voltar. Não compreende os meus motivos.

Eu podia imaginar sobre quem ela se referia, mas a autoflagelação presente em sua voz me inundava de um sentimento nada solidário em relação ao marido dela.

— Ele não vale seu sofrimento — digo mais para mim mesmo.

Mas Laura retruca, demonstrando uma atividade racional que eu julgava estar entorpecida pelo sono. Um arrepio percorre meus braços quando ela se senta e tudo nela parece a caricatura de uma noiva-cadáver. Meu tronco chega a saltar um espasmo, não vou negar, mas a tristeza em vê-la dessa maneira supera qualquer medo bobo que eu possa ter de seres sobrenaturais.

— A culpa é minha — diz se rendendo a um coquetel de lágrimas e sentimentos opressivos.

— Laura? — novamente a chamo, segurando seu rosto nas mãos, tentando levá-la a me olhar nos olhos, mas ela não o faz. — Você não pode assumir a culpa pelo que aconteceu. Nem podia fazer nada para evitar que...

Ela recua, balançando a cabeça em negação, para longe de mim, e seus olhos finalmente cravam-se nos meus. Neles vejo transbordar toda dor e... Remorso?

— A culpa é toda minha — repete. — Exclusivamente minha.

— Não! Não, é. — Dirijo-me até ela, que escorrega para fora da cama e me dá as costas.

Sua postura está curvada e pesarosa. De braços cruzados sobre o abdômen se afasta quando me sente aproximar. Toda essa oposição me confunde. Esfrego as têmporas de leve e tento assimilar o que toda sua resistência significa, mas nada do que eu faça é capaz de afastar a sensação de tensão que começava a se instalar acima de nossas cabeças.

Opto por incentivá-la a partilhar comigo o que ela atribui para si como culpa e, apesar de sua resistência, paciência é uma das minhas virtudes assim como a persuasão — usada estrategicamente para o bem.

Estava preparado para todo o discurso de negação. Laura dizendo que poderia ter evitado essa falha de Roger e se cobrar em relação ao casamento de

forma irreal. É comum nessas situações ter a autoestima rebaixada, porém ela precisava entender que ninguém tem o poder de controlar as escolhas do outro.

O que eu jamais esperava era ter a verdade explicitada de forma tão acalorada na minha cara. Meu coração bateu tão descompassado com a admissão de Laura que eu podia sentir meus ouvidos latejarem.

Quando recompôs a emoção, parecia uma pedra de mármore: fria e firme em suas convicções. Como se sua insegurança fosse motivo suficiente para que ela ultrapassasse qualquer limite.

— O que é, vai me julgar por dar tudo de mim para salvar meu casamento?
— diz ao notar minha expressão incrédula e interrogativa numa mesma medida.

— Isso, de longe, é um meio aceitável, Laura! — ralho.

Ela apanha uma pasta na gaveta do armário e lança em minha direção. Na hora tenho um péssimo pressentimento. É como se todos aqueles papéis fossem a espécie de um dossiê de uma sentença já decretada. E de fato era.

Dou uma passada de olhos nas folhas e nomes familiares dançam na minha frente, atingindo com força meu lado emocional, mas não me deixo influenciar. Embora esperasse encontrar algo muito pior, algumas poucas conversas entre Roger e Cecília através de um sistema corporativo estão impressas ali, nada comprometedor sexualmente, mas ainda assim dotado de uma intimidade suspeita. Também um roteiro de viagem para Itália, destacado em amarelo fluorescente um único ponto turístico com anotações específicas em uma caligrafia levemente inclinada e bem desenhada.

— O que isso tudo significa? — Fecho a pasta e a estendo de volta a Laura que balança a cabeça e diz: — Você não entende. Eles planejavam uma viagem juntos, justamente para o lugar que Cecília sempre soube ser o sonho da minha vida. Olhe para as anotações dela, está tudo aí, nos mínimos detalhes.

Volto a abrir a pasta a procura da caligrafia de Cecília. Sua escrita era o mais perto que eu tinha chegado dela nos últimos dias e não pude deixar de observar o quanto aqueles traços combinavam com ela. Era como se sua letra pudesse expressar em seus contornos tudo o que ela era: pequena e delicada. Meticulosa, perfeccionista e sensível, características totalmente controversas a uma pessoa desleal.

Caramba! Devo estar procurando desculpas para o que não quero acreditar.

Perturbado com a direção dos meus pensamentos, continuo em busca de novos papeis e anotações. A essa altura já voltei a me sentar na cama com Laura, toda ativa, ao meu lado. Estava prestes a voltar a minha ideia inicial de repreendê-la por invadir sistemas e roubar impressos do marido em busca de reunir provas de sua infidelidade, quando alguns documentos me fazem esquecer mais uma vez esta tarefa.

Um único detalhe que não faz sentido, mas que ao mesmo tempo explica como ela poderia ter conseguido a maioria das informações que tem. Sondar o terreno todos os dias por seus próprios meios, não seria viável, nem com a melhor das justificativas. Ter os olhos de alguém fazendo isso por ela seria muito mais fácil. Mas por quê?

— O que Catarina tem a ver com isso? O que comprovantes de depósito em nome dela estão fazendo entre esses papéis?

— Acha que eu conseguiria alguma informação sem custo algum? Em que mundo você vive, Otto? Uma garota com necessidades fúteis é o que eu tinha disponível. E até que ela deu conta do recado, no final.

De repente, já não conheço mais minha irmã. Talvez, de fato nunca a tenha conhecido. Nosso convívio maior foram os três meses hospedados aqui e os raros momentos de conversa amistosa enquanto dividíamos o café da manhã.

Posso ver as ideias fazendo sentido em sua cabeça enquanto ela me conta seus feitos. Subornar Catarina era a menor de suas loucuras, mandá-la dar em cima de Roger era preocupante, e gargalhar contando a resistência da morena em aprofundar as investidas contra o marido dela era... É...

— Isso é doentio! — as palavras escapam dos meus lábios antes que tenha certeza do que estou dizendo, antes que tenha a chance de pensar melhor.

Esfrego o rosto nas mãos. Tenso. Nervoso. Pasma.

É a segunda vez na semana que meu cérebro dá um branco e tudo relativo ao momento parece desaparecer por alguns segundos. Quando volto a mim, meu corpo todo está rígido, o canto da minha boca pulsa e o ritmo acelerado do meu coração me faz faltar o ar.

Laura volta a chorar compulsivamente, e por mais que eu esteja revoltado com suas atitudes é impossível não me compadecer da situação. Não há dúvidas do quão transtornada está psicologicamente. Sei que ela não é uma pessoa má, mas, sinceramente, tenho medo de imaginar a que ponto chegaria para comprovar o que é realidade apenas na cabeça dela.

Seus desvios extremos e significativos de conduta poderiam ter afetado em proporções maiores várias pessoas, mas, felizmente — ou não —, seu jeito estúpido de amar revela a necessidade de controlar seu emocional gravemente instável. Para isso, preciso da ajuda de Roger, e tentar compreender através dele quais circunstâncias são verdadeiras e quais são ilusões.

Com Laura emocionalmente controlada e adormecida, passo bons minutos trocando conversa e exclamações com meu cunhado pelo telefone. Quem diria que eu me simpatizaria por ele em algum momento da vida? Como é fácil nos enganarmos com relação às pessoas quando não nos damos uma verdadeira chance de conhecê-las.

Roger ganhou minha simpatia, um tanto quanto repentina, ao acreditar em mim quando disse que Laura pudesse precisar de um aconselhamento ou até mesmo de ajuda profissional específica; e também por mostrar que toda a sua fachada de homem enigmático, que tanto me intrigava, era apenas uma espécie de autodefesa para a sua falta de confiança nas pessoas. Mas o que realmente me levou a deixar de lado qualquer aversão a sua pessoa, foram os esclarecimentos que me deu e que confirmaram o que, em meu íntimo, eu já tinha certeza: tudo não passava de um mal-entendido e Cecília era a pessoa honesta que sempre demonstrou ser.

Só não seria fácil provar para ela o quanto eu lamentava não ter dito nada ou lhe dado a chance de se explicar. Simplesmente, como um covarde, temendo a pior das hipóteses, virei as costas e fui embora.

E conhecendo Cecília...

Arghhh!

— Por Deus, Laura! Em que redemoinho de contratempos você nos meteu?



CECÍLIA

OS GRANDES OLHOS CASTANHOS e brilhantes de Roberta iam de um rosto a outro, sabendo que os minutos de enrolação até a hora programada para seu embarque estava excedendo. Era visível, na transparência de seu olhar, que aquele grande passo lhe causava medo. A busca pela satisfação pessoal tem seu preço, e eu diria que ela estava prestes a ter uma crise de ansiedade pela forma violenta com que o seu tórax subia e descia a cada respiração.

Optar em parar de se cobrar de uma condição quase desumana não acontece da noite para o dia. Eu estava até admirada com o seu progresso, pela forma como minha amiga resolveu lutar pelos seus sonhos. Ver o prazer quase indecente que ela se permitia sentir por estar dando os primeiros passos para

alcançar tal objetivo me enchia de orgulho e de um desejo inexplicável de ter dez por cento de sua coragem.

Roberta tinha consciência de que buscar a felicidade não seria nada fácil. Exigia fazer escolhas e abrir mão de muitas coisas que também eram importantes e confortáveis. Tirar proveito da força recém-descoberta, após anos de sofrimento, presa em seu casulo interior, talvez fosse uma primeira regra a ser seguida e a que lhe renderia sucesso em suas antigas e novas ambições.

E foi essa a reflexão que, juntos, reafirmamos em voz alta, a certeza que tínhamos, Roberta, DVD e eu, de que ao se inscrever em uma oficina de atores no Rio de Janeiro, ela mudaria completamente o curso de uma vida antes fadada à infelicidade pelo comodismo.

— Boa sorte! — desejo afagando seus braços. — E não precisa se preocupar, aeronaves são bem seguras — digo sorrindo.

Também era a primeira vez que ela encararia um voo, e sozinha.

— Lembre-se que as poltronas são flutuantes — zombou DVD, puxando-a para mais perto.

A morena bufou uma risada enquanto cruzava os braços em volta do namorado.

— Cuida dele para mim? — solicita e eu reviro os olhos.

— Nem brinca com um pedido desses.

Mesmo abafada em um abraço esmagador, a risada esquisita da minha amiga completava nosso coro de risos. Roubei-a dos braços de DVD para mais um abraço e em seguida me afastei para que eles pudessem ter a privacidade de uma despedida mais calorosa.

É um sentimento de satisfação ver um amigo partindo em busca de um sonho, da autodescoberta. Vê-lo despertar um desejo há muito adormecido.

Caminho tomada por esse pensamento, decidida a esperar por meu companheiro de passeio ao aeroporto em um quiosque de doces artesanais próximo a saída que leva até o estacionamento. Mereço certo conforto para minha ansiedade que, embora desconheça a razão, apenas o açúcar tem o poder de me proporcionar.

Cupcakes com porquinhos se banhando em lama de chocolate parecem uma boa pedida. Embora eu precisasse mais tarde exercitar uma boa dose de coragem para desfigurar um trabalho tão apetitoso, tudo referente ao animal sempre me chamou atenção desde muito nova. Sendo assim, faço o pedido.

— Ora se essa não é uma doce surpresa! — Ouço uma voz animada bem perto da minha orelha fazer trocadilho com minha guloseima e quase dou um pulo de susto.

Viro-me e dou de cara com o sorriso largo de Murilo, que sem me dar tempo

para raciocinar, tasca-me um beijo na bochecha.

Caramba! Acho que corei.

— Olá — o cumprimento um pouco sem graça por minhas bochechas estarem ardendo em brasa.

Desvio os olhos para a mala que ele segura pela alça, a fim de disfarçar o incômodo ridículo, e posso sentir que ele me encara com tanta intensidade que parece estar lendo exatamente o que se passa em minha mente.

— Adiei por alguns dias meu retorno a Brasília — fala e eu volto a encará-lo, me odiando ao perceber isso. — Precisava colocar um pouco de juízo na cabeça de um certo alguém.

— Hum — murmuro enquanto apanho meu embrulho sobre o balcão do quiosque.

A simples possibilidade de ele mencionar o nome do amigo me deixa desconfortável. Pareço perder um pouco da estabilidade das pernas apenas por imaginar que Otávio possa estar pelas redondezas.

Juntos nós negligenciamos qualquer explicação que o outro pudesse oferecer. E tenho minhas suspeitas de que, a essa altura, um encontro nosso não seria bom para nenhum de nós dois. Agarro o meu pacote com uma força desnecessária, inclinada a me despedir antes que a conversa tome o rumo do que já considero página virada na minha vida.

— Cecília...

É, Murilo parece não ter notado minha aversão a seu comentário pretensioso.

— Ei, Murilo... Desculpa — o interrompo e, lançando-lhe um olhar severo, torço para que seja suficiente para constrangê-lo. Assim, talvez, ele não insista no que quer que pense em dizer.

Desta vez parece eficaz. O rapaz de cabelos dourados abre a boca por várias vezes e, sabiamente não insiste na ideia, apenas balança a cabeça em compreensão.

— Foi um prazer conhecer você — digo exibindo o sorriso mais sincero que consigo.

E porque é verdade. Murilo é um cara que irradia uma energia que faz qualquer pessoa querer estar perto dele. Com um sorriso largo que se espalha pelo rosto, mesmo que, às vezes, em atitudes um tanto irreverentes. Seus olhos se tornam nada mais que uma linha fina quando contorcidos em uma genuína expressão de simpatia. De certa forma, acredito que essa qualidade reflete a essência de sua alma nobre e generosa que, embora eu desconheça detalhes, sei que em algum momento da vida esteve muito próxima de ser corrompida.

Por um instante, partilhamos um silêncio estranho, e então, do nada, ele encara algo atrás de mim. Pede desculpas, despede-se e se afasta meio

encabulado.

Tudo quase ao mesmo tempo.

Esse é o momento em que o som da cacofonia dentro do aeroporto desaparece, e por alguns segundos meu coração para. Minha mão treme um pouco ao envolver a cruz vazia que trago em uma corrente em volta do pescoço. Clamo em silêncio por uma saída. Rogo para que as minhas pernas possam me obedecer e eu ser capaz de caminhar até o estacionamento sem precisar encarar Otávio em algum ponto pelo caminho. Não sou capaz de imaginar qualquer possibilidade de reação que meu corpo venha a ter se eu o vir. Sei apenas que é algo que devo evitar. Preciso sair o quanto antes daqui.

Há um único caminho até o carro. Outra alternativa seria voltar até a área de fiscalização de documentos e procurar por DVD, que já deveria ter me encontrado há bastante tempo. Todo meu embaraço serve apenas para o inevitável. Arquejo quando o timbre profundo de uma voz vibra direto no meu coração.

Eu a reconheceria em qualquer lugar do mundo.

— Cecília?

Apert os olhos, preparando-me para a enxurrada de sentimentos que aflorariam quando eu me virasse, e é então que sinto meus ombros serem envolvidos. Numa velocidade quase absurda eu sou arrastada para longe dali. Minhas preces foram atendidas, afinal. DVD me conduz para longe de todo o cenário que estava prestes a me engolir viva, mas nem toda a sua habilidade é suficiente para impedir que eu o veja.

Como eu disse, havia apenas um caminho.

A silhueta de Otávio se destaca em meio aos poucos degraus da saída. Os metros que nos separa se estreita à medida que nos alinhamos a ele. Por um pequeno espaço entre os braços de DVD eu posso contemplar uma das mãos de Otávio enfiada até metade do bolso da calça *jeans* escura, e a outra, correndo livre pelo cabelo rebelde. Parece perdido pensando em seu próximo passo. Eu não me encontro muito diferente durante meu desfile estranho com um atípico modelo de quase dois metros de altura, e que, mediante ao meu desespero, mais parece ocorrer em câmera lenta.

Assim, a confusão ganha espaço em suas belas feições e eu não posso evitar erguer o rosto quando nossos caminhos se cruzam. Basta um mínimo contato do verde de seus olhos com os meus para que as lágrimas cheguem e eu, teimosa, as expulse com raiva por ser tão patife.

Otávio me olha fixamente e os poucos segundos que nos prendemos no olhar um do outro não permitem que eu entenda realmente o que seu rosto quer me transmitir. O que seus olhos revelam é, de longe, tristeza. Parece mais um olhar

próximo do desespero, mas não tenho certeza. De qualquer modo, sei que é tarde demais. Está tudo definitivamente acabado. Minha alma soluça porque, em minha cabeça, isso é uma espécie de funeral para qualquer sentimento vivo que ele ainda possa alimentar por mim.



— Achei que você fosse desmaiar lá — caçoa DVD assim que paramos o carro em frente à minha casa.

Surpresa com seu comentário, reviro os olhos e torço os lábios contrariada. Passamos todo o trajeto perdidos cada um em seus próprios dilemas, e de certa forma, foi um alívio não precisar falar sobre o ocorrido até agora.

— Não exagera.

De sobrancelhas arqueadas, ele me examina enquanto coça a nuca e então prossegue com um novo raciocínio.

— Sabe que isso não vai funcionar, não é?

— Isso o quê?

— Tentar afastá-lo, provocando-lhe ciúmes ou o evitando — diz em tom sério, o que me deixa ainda mais boquiaberta do que as palavras que profere. — Mais cedo ou mais tarde vocês vão ter que encarar os fatos, e quanto menores as provocações, maiores as chances de resolverem logo suas diferenças.

— Eu jamais quis provocar ciúmes em Otávio — retruco. — Você anda com o ego muito inflado, não acha?

— Não, não acho. — Ele ri. — A questão sobre provocar ciúmes é que eu e você sabemos que não era a intenção. Mas Otávio nem faz ideia. E pela cara que fez ao me ver te arrastar para longe como se tivesse alguma posse sobre você, sem dúvidas, vai levar nossos nomes para a boca de um sapo.

— Que horror! — Rio de sua piada tosca. — Não precisa se preocupar com nada do tipo. Ele é um cara do bem.

O sorriso bobo está de volta aos seus lábios.

— Do bem ou do mal, não duvido que ainda hoje ele vá tentar entrar em contato com você.

Tento não absorver essa possibilidade.

— Se sabia que nossa fuga pioraria as coisas, porque me tirou de lá? — questiono por não ter algo melhor para dizer.

— Porque você realmente parecia querer isso naquele momento. Estou errado?

Pressiono os lábios e prendo um novo riso diante de sua expressão receosa. Sem condições de falar, balanço a cabeça em negação.

Visivelmente aliviado, ele questiona: — Então, o que você realmente quer dessa relação, Cecília?

Sou pega desprevenida com a pergunta. Sinceramente, não sei bem o que quero ou espero de um relacionamento, mas sei o que nos momentos em que passei com Otto sempre me deixou incomodada.

— Na verdade, quero me livrar da pessoa fraca que ela me transformou — dou voz às minhas considerações. — Não quero mais sentir as coisas que sentia quando estávamos juntos. Isso me desestabiliza, não raciocino direito, aflora um lado patético meu que nunca pensei ter.

DVD joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada. Não me lembro de ter dito nada engraçado. Uno as sobrancelhas em reprovação.

— Parecer patético é uma das características toscas mais simples de quando estamos apaixonados — diz tentando controlar a onda de riso. — Admitir é um progresso bem confortável, sabia?

Tasco um tapa no braço dele.

— Vai se sentir bem melhor, garanto a você.

Uso cada desculpa que posso para convencê-lo de que o que Otávio e eu tivemos foi apenas puro fogo de palha que a brisa de um outono glorioso se encarregou de levar. Mas, a quem eu quero enganar?

Ovídeo é um cara espirituoso, engraçado e o mais esperto que conheço desde que eu era um protótipo de gótica. O mesmo rapaz com quem meu pai tinha a mais absoluta certeza de que eu desenvolveria uma paixão, apenas porque fazíamos companhia um ao outro nos tempos de pré-adolescência, durante as horas de discussão de projetos de urbanismo de nossas famílias nos fins de semana. DVD, na época, me fizera acreditar que a nossa união poderia ser uma das tantas ambições em comum discutidas pelos nossos pais. Embora eu viesse a descobrir mais tarde que suas ideias eram influenciadas pelos livros que lia, em tempos modernos, aquela era uma questão antiquada e obsoleta que afluía meu lado revolucionário e desafiador. Combinamos em manter qualquer possibilidade de interesse, desejo ou sentimento, bela e conscientemente bem adormecidos em um coma eterno.

Mas vale destacar que, no final, se havia alguma intenção do tipo, eles obtiveram algum sucesso. DVD e eu nos tornamos amigos no trabalho e na vida. Nossa interação de antes proporcionou conhecermos traços de personalidade um do outro.

Essa recordação, de repente, me faz pensar em Laura. Em como nem uma outra amizade se comparava ao nível da nossa. Como eu desejo que ela queira

me ver!

— Não negar já é um bom começo.

Resgatada do mar de pensamentos, respiro fundo.

Encaro os dedos das mãos enquanto estalo um a um os ossos das juntas. Tentada a insistir numa mentira melhor interpretada sobre tudo, embora não tenha dúvidas do quanto meu esforço me faria parecer ainda mais ridícula.

De canto de olho vejo que DVD me lança um sorriso enviesado, o que me faz desistir de imediato da ideia. Por mais que eu tente, não conseguiria enganá-lo. Ele me conhece e é isso o que seu olhar cerrado vem me reforçar.

Mudo o foco da conversa.

— Posso não ter certeza do que sinto, então, por enquanto, o único apaixonado dentro deste carro é você.

É a vez de ele revirar os olhos.

— Olha, sei que aposentei o divã, que parei com esse lance de escuta terapêutica, mas somos amigos, Ovídeo, e nada impede de conversarmos a respeito de como nos sentimos em relação à Roberta nos deixar — falo, usando os pronomes no plural, para que ele não pense por um segundo que ela não fará falta também para mim.

— Ainda não temos certeza se...

— Você ainda tem dúvidas de que ela vai conseguir? — o interrompo.

Não é uma pergunta retórica, mas sabemos que não há necessidade de resposta. Roberta partiu para se inscrever em um curso de artes e não para um teste de elenco.

Minha intromissão parece deixar DVD desconfortável. Ele remexe-se no banco e olha para fora da janela, como se do lado oposto tivesse algo mais interessante que precisasse de sua atenção naquele momento. Mas tudo o que pode observar é o muro cor de areia descascado da minha casa, e aquilo nem de longe é algo bonito para se admirar. Após alguns segundos pensando a respeito, ele volta a cabeça em minha direção e, com uma segurança de dar inveja, declara: — É verdadeiro o que sentimos, não importam as circunstâncias, vamos fazer dar certo.



CECÍLIA

OS PRIMEIROS SEGUNDOS, aqueles em que demoramos para processar o significado de alguns acontecimentos, duraram o tempo exato até que eu encarasse o rosto aterrorizado de meu pai ao me ver.

Sua forma robusta e tensa em uma camisa social clara, com as vincas dos ombros mal alinhadas, aguçaram meus sentidos. Mais alerta fiquei ao vê-lo acompanhado de outro homem de meia idade, trajando um terno perfeitamente alinhado. Como se aquelas roupas fossem, figurativamente, parte dele como pele e ossos. De fato, na maior parte do seu dia, deveria ser mesmo.

O sorriso doce do homem que eu há poucos dias conheci e me afeiçoei quase

que instantaneamente, me recepciona a porta da sala de minha casa. Ele fica tão surpreso quanto eu devo expressar em minhas feições por mais essa coincidência. Eu até retribuiria o gesto se não fosse minha mente trabalhar a toda velocidade para reunir as pontas soltas que nos trouxe a esse encontro, o que me faz parecer estar à beira de uma crise de asma.

É evidente que eu estou atrapalhando os planos deles e cada um reage à sua maneira diante do imprevisto. Mesmo com os sentidos ligeiramente falhos, é quase ridículo tentar contestar meus instintos que dizem que a única ligação que o meu pai pode ter com o doutor Welber tem a ver com ela: minha mãe.

Eu posso sentir o olhar de pesar de meu pai ainda sobre mim quando me desvio dele para dar atenção ao advogado. Um olhar cheio de significados, cujo a culpa e o remorso brigam para ocupar o posto maior, quase físico, de dor.

— Cecília! Temos um encontro marcado para essa semana, não? — indaga o homem sorridente e me forço a responder da forma menos automática possível.

— Sim. Temos sim.

De uma maneira quase desesperada meu pai busca uma rota de fuga, uma solução para todo o embaraço, e é durante essa perspectiva frustrada — a menos que ele pulasse a janela —, que noto a pasta plástica transparente que ele carrega em suas mãos. O envelope timbrado cheio de vincos destacando-se entre folhas brancas de papel.

É como unir dois mais dois, sem precisar ser muito inteligente para perceber a profundidade daquele segredo mediante sua postura cautelosa nas últimas semanas.

Bastava ser omissa àquela realidade.

Não dizem que o pior cego é aquele que não quer ver? Às vezes, podemos saber algo, mas nos convencemos de que não sabemos por medo da verdade. Pois eu digo que abrigar esse medo é ainda pior. O alimentamos na incubadora da alma, o que o torna muito mais destrutivo e doloroso. Uma manifestação quase patológica.

O que nos resta é lutar contra ele.

— Pai? — chamo e permito alguns segundos de silêncio para que ele entenda minha interrogativa.

Ele dispensa nosso aliado extrajudicial, pedindo que o aguarde no carro enquanto conversa comigo por alguns minutos. Sinto pena do homem quando ele anuncia o horário apertado e meu pai retruca num tom de voz firme e bem mal-educado. É sua arma de defesa contra as cobranças que sabe que eu farei, como se assim pudesse me coagir a representar o papel de filha compreensiva, sendo que estou mais para uma rebelde e insolente.

— Onde será esse encontro?

Pergunto, visivelmente consternada.

— Não importa, você não vai.

Bloqueio o caminho quando ele tenta passar pela porta.

— Cecília! — Meu pai suspira. — Isso não mudará nada.

Tento compreender o significado de suas palavras enquanto luto contra a ânsia que me domina.

— O que é isso? — aponto para o envelope na pasta.

Ele hesita antes de responder, sabendo que não me venceria tão fácil.

— Um pedido de divórcio e orientações quanto as exigências daquela... Mulher.

Eu não sei distinguir, ao sentir os vincos fundos entre as minhas sobrancelhas, se estou surpresa em descobrir que meus pais ainda não são divorciados ou que seria possível que minha mãe ainda tenha o direito de fazer exigências.

— Quais são? — Eu preciso saber, afinal tenho esse direito.

Meu pai parece realmente arrependido em ter respondido minha pergunta anterior, pois não está nenhum pouco disposto em fazer o mesmo pela última, ou por qualquer outra que possa surgir.

— Preciso ir — anuncia, esbarrando em mim.

Corro a mão pela extensão de seus braços quando ele novamente investe na tentativa de passar por mim. Não sei se meu toque o desestabiliza um pouco, mas sua resistência e firmeza arrefecem de modo que a pasta vem parar em minhas mãos sem nenhuma dificuldade.

— Vai precisar dela?

É uma pergunta idiota e provocativa.

O semblante de meu pai se contorce pela raiva com minha astúcia. Os olhos ameaçadores, a testa abaixada, o maxilar cerrado e as narinas dilatadas. Ele nunca me deu sequer uma palmada, mas tenho certeza que naquele momento, se pudesse, me esfolaria até sangrar.

Não fico feliz em desrespeitá-lo, mas eu preciso, de alguma maneira, obrigá-lo a me dizer toda e qualquer verdade.

— Estou tentando proteger você — diz, e sua voz vacila um pouquinho.

— Não quero ser protegida do que quer que ache que preciso — a rebelde que despertou em mim retruca. — Não sou mais uma criancinha, pai!

Ele assente e pondera a verdade sobre aquela segunda parte. Não tenho dúvidas de que há verdadeira angústia em sua voz quando diz: — Se é assim que deseja.

Ao passarmos pelo portão, posso ouvir os murmúrios do homem ao volante quando percebe que seu cliente foi vencido.

— Isso afeta uma parte delicada do acordo — ele diz quase num sussurro quando meu pai se acomoda no assento ao seu lado.

César olha para mim, a figura que ainda segura a pasta e a abraça firme na altura do peito. Ela é meu passaporte, a Tardis que assegura meu encontro com uma pessoa importante do meu passado. Quando volta o olhar para o homem ao seu lado, é apenas para afirmar: — Ela vai.

Parada, ao lado da janela do motorista, sentindo necessidade de reforçar minha companhia ao passeio deles, exclamo: — Eu vou!

O homem solta um suspiro pesado em derrota. E ouço um outro, bem próximo, quando dou alguns passos para abrir a porta de trás do carro.

Levanto a cabeça e olho para o lado. Como DVD previra, ali está Otávio. Meu coração, que já se encontra acelerado, dispara ainda mais.

Com quantos tipos de sentimentos eu ainda precisarei lidar até o fim do dia?
— Cecília, entra logo! — meu pai grita.

Antes que eu possa pensar em dizer alguma coisa, Otávio abre a porta para mim e delicadamente me conduz ao banco do passageiro. A sensação daquela mão de apoio na base das minhas costas permanece por um longo tempo, e é inacreditável a reação do meu corpo a um mínimo toque dele.

Não trocamos conversa, nossas expressões falam por nós em meio ao silêncio. A minha diz que eu preciso mesmo ir, enquanto a dele serenamente indica compreender. Nossa conexão é reveladoramente assustadora quando a permitimos ser.

O gesto sutil de Otávio me envolve em alguns breves segundos de calma e fico presa em seu olhar até que o movimento do carro nos interrompe. Eu poderia nos manter conectados por mais algum tempo se olhasse para trás, mas, embora eu queira, não consigo.

E durante o trajeto me permito apenas pensar que preciso reunir forças o bastante para encarar o que virá a seguir.



Eu não tinha percebido que inspirava e expirava mais vezes que o considerado normal. Meu corpo todo pulsa como se fosse reflexo de um tremor de terra embaixo de mim.

Aceito, sem relutar, aguardar no carro até segunda ordem de meu pai por alguns minutos, até que ele e seu mediador resolvam a questão da quebra de algum tipo de exigência que eu os tinha forçado.

A espera é agonizante. Eu me sinto apreensiva e com certo receio do que me aguarda. Não sei como será meu encontro com ela. Sempre tive tantas perguntas a fazer, tantos traços de minha mãe a obrigar minha mente a guardar. Tantas expectativas. Pensar que ela se encontra a apenas alguns passos de mim, sentada em alguma daquelas mesas meio mancadas do restaurante onde meu pai sempre almoça com os colegas da prefeitura, não colabora muito para que eu cumpra qualquer pedido daquele tipo.

Menos de dois minutos mais tarde eu paro na porta do restaurante. Respiro fundo enquanto penso que preciso ser cautelosa para não assustá-la; menos afobada, delicada se for preciso, embora acredito que este último seja quase impossível para alguém tão impulsiva quanto eu.

Respiro fundo, dou alguns passos e enquanto abro os olhos sinto o impacto em meu ombro esquerdo. Quase sou lançada para fora da calçada por uma mulher esguia, seguida por outra mais corpulenta que, apressadas para saírem, acabam me atingindo. Em nenhum momento elas olham para trás a fim de conferir o estrago causado.

Eu já tinha esquecido a pontada no ombro assim que passo pela porta. Ao me aproximar de meu pai e do advogado acomodados em uma mesa, acompanhados de uma terceira pessoa, resfolego tão alto que todos se voltam na minha direção.

Os cabelos da mulher são claros e seu rosto é liso e macio. Claramente ela dá certo tipo de atenção a aparência, pois além de bem cuidada, tudo nela parece sedoso e aveludado. Um conjunto que me faz querer tocá-los.

Num gesto involuntário, levo as mãos a face. Busco sentir as maçãs de meu rosto sob minha pele. As dela são levemente proeminentes, mas ainda assim delicadas. Nem mesmo as linhas quase invisíveis ao redor de seus olhos rouba a herança de juventude. Nossa semelhança mais próxima talvez seja os olhos escuros, mas ainda assim os dela podem ser comparados a uma noite sem estrelas, ao passo que o meu, no máximo a uma *ganache* de chocolate.

Somos tão diferentes. Basta encará-la para que eu compreenda.

Seus lábios se afastam quando ela me oferece um sorriso que replica a mensagem velada em seu olhar. Eu a deixei constrangida, mas, dentre todos, aquele era o tipo de sentimento que eu não esperava encontrar ali. Ela sabe como acolher um filho ferido apenas com um olhar, e é sua linguagem corporal somada à sua expressão de pura compaixão, que denunciam quem ela é.

Aquela mulher estonteante é qualquer coisa: uma advogada, uma mediadora, uma amiga... Tudo, menos minha mãe.

Retribuo a recepção com um sorriso tenso e nervoso. Posso sentir o canto dos meus lábios repuxarem e meus olhos pinicarem, mas mantenho-me firme até que meu pai educadamente pede licença e se levanta. Leva-me para longe do

olhar cortante de piedade daquela mulher.

— Filha! — Com sua voz demonstrando o ressentimento que sente, começa a se desculpar e a dizer coisas nas quais eu não consigo me concentrar.

Sinto o peso do vazio que ecoa em meu peito. Aquele espaço reservado que eu tinha esperança de ser ocupado pela mulher que deveria me querer, deveria me amar, permaneceria oco como há quinze anos, e apenas reforça o fato de que foi uma escolha e não uma necessidade dela nos deixar.

Penso em perguntar ao meu pai onde ela está, mas sei qual será a resposta. Minha presença viola parte do acordo de divórcio e, independente das exigências, a verdade é que ela não queria me ver, não desejava conhecer a mulher que me tornei. Seja qual for a parcela de culpa de meu pai nisso tudo, nada é tão grave a ponto de ela se incomodar com a minha presença. Não consigo entender, mesmo após todos esses anos, o que eu fiz para que minha própria mãe abdicasse, absolutamente, de qualquer tipo de afeto meu.

— Vou para casa, pai. — Descanso um beijo em seu rosto e acaricio sua bochecha. Sinto no corpo toda a porção de dor da qual ele quis me proteger. — Eu vou ficar bem. Conversamos mais tarde — digo e saio antes que ele tenha tempo de protestar.

Quando estou a uma distância segura do restaurante, sinto toda a minha resistência desabar. Sustento o peso do meu corpo apoiando uma das mãos num muro de concreto enquanto colo a outra na boca na tentativa de abafar o choro que queima minha garganta.

Minha visão está embaçada e eu não sei bem como eles foram parar ali. Mas meus ouvidos trabalham perfeitamente, por isso tenho certeza de que os latidos que ouço são familiares. Endireito o corpo a tempo de impedir que Cookie salte sobre mim e me pegue desprevenida. Com a má resposta de meu corpo aos meus comandos, não tenho certeza se seria capaz de me levantar caso ele me derrubasse.

Enquanto afago suas costas e desvio de uma lambida e outra, ainda perdida em dúvidas e questões pela sua presença, levanto o rosto e encaro o rapaz que se aproxima. Estou cega pelas lágrimas, mas não o bastante a ponto de não conseguir focalizar um rosto preocupado ao me ver mais de perto.

Lágrimas grossas deslizam pelas minhas bochechas e reprimo um primeiro soluço. Não preciso verbalizar minhas dores, Otávio parece sentir cada uma delas após estudar minuciosamente minhas feições. Em meu íntimo agradeço, pois não consigo mesmo encontrar a voz, assim como não sou capaz de repelir a mão que ele me oferece.

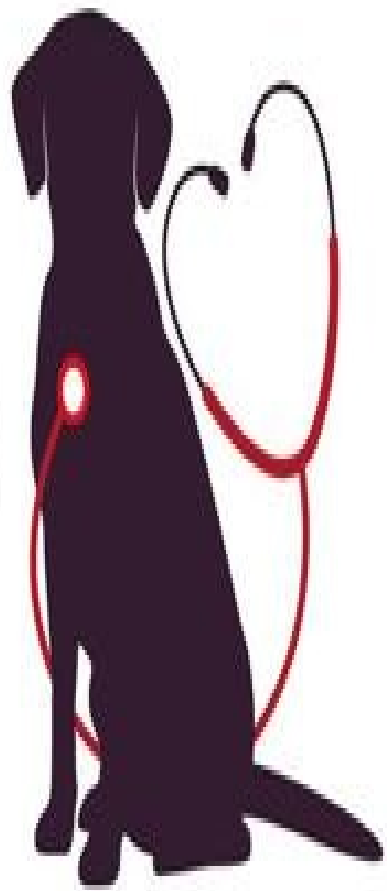
Praticamente me atiro sobre ele, que me aninha em seus braços. Ali, ruidosamente choro, com os soluços sacudindo meu peito e meus ombros. Acho

que a última vez que chorei assim eu era ainda apenas uma menina.

Pela primeira vez sou abrigada por um abraço forte que não é o do meu pai e que se aperta ainda mais em volta de mim a cada nova onda de lágrimas.

Enquanto sou amparada por Otávio penso que este é o lugar que eu gostaria de tomar posse e permanecer.

Capítulo 30



OTÁVIO

CECÍLIA EMARANHA SEUS DEDOS na minha camisa enquanto chora. Às vezes, espreme uma porção de pele junto com o tecido e eu tenho que conter um gemido de dor.

Imagino que ela não queira conversar, que nem tem condições para isso, então, apenas a seguro contra meu peito e acaricio seus cabelos por um tempo, até sentir que ela acalma. Porém quando seus soluços cessam, ela ainda estremece. Na dúvida em ser de frio ou não, seguro suas mãos e as afago com carinho. Embora nos afastemos um pouco, ela não levanta o rosto para me encarar.

— Vou levar vocês para casa — digo-lhe ao pé do ouvido. Mesmo tendo

desligado umas de nossas mãos para procurar as chaves do carro e apanhar a guia de Cookie, fico feliz por Cecília ainda se manter conectada à outra.

Refugiado no calor do meu apartamento, Cookie passa a inspecionar feliz todos os cômodos. Tudo é novidade para ele. É a primeira vez que me visita depois que realmente me mudei e me lembro que já tinha reservado um estoque de petiscos para quando viesse.

Cecília, entretanto, encolhida e com os braços cruzados sobre o peito, parece indecisa sobre atravessar a porta. Ela olha para os móveis, para a varanda, para os próprios pés, mas nunca para mim. Por fim, entra e vai até Cookie, que está do lado oposto ao meu na sala. Talvez ela esteja um pouco envergonhada com o episódio das lágrimas. Coisas deste tipo não parecem ser muito comuns com Cecília.

— Posso usar seu banheiro? — pede enquanto estou de costas para ela, selecionando entre as opções um biscoito para nosso amigo de quatro patas.

— Claro — respondo. — Sabe onde fica, não é? — digo como se não estivesse impressionado por ouvir sua voz.

Durante a manhã toda esperei pela oportunidade de sentir a mágica acontecer e, embora eu não seja capaz de esquecer seu gosto, ouvi-la é como acentuar o reencontro de sua autenticidade com a explosão de mil fitas coloridas projetadas pelo meu cérebro.

Sorrio satisfeito, apesar de não obter qualquer resposta de Cecília. Seu comportamento estranhamente quieto, definitivamente não combina nenhum pouco com ela.

Cookie, no entanto, apenas por ouvir o barulho da embalagem se anima, e a planta que ele antes farejava já não lhe parece mais tão interessante. Dou algumas palmadinhas no peito e ele imediatamente entende o comando, mesmo sendo desnecessário quando sei que seu alvo é apenas abocanhar a comida. Cedo ou tarde, ele se apoiaria em mim para alcançá-la de qualquer maneira.

Gosto de provocá-lo, por isso estendo o braço o mais alto que posso. Em sua falha tentativa de me persuadir com lambidas e chorumelas ele acaba por depositar todo seu peso sobre mim e eu me afasto. Dou um passo de cada vez me divertindo com seu processo de caça, enquanto ele desafia minha estabilidade.

No meio dessa nossa brincadeira sinto as mãos de Cecília em minha cintura. Sei que por mais um ou dois passos eu a espremeria contra a parede. Seu toque firme é um aviso a isso, mas meu corpo responde com um arrepio de saudade. Entrego a Cookie o que desde o início do nosso entretenimento já é dele e cubro uma das mãos de Cecília com a minha antes de me virar totalmente para ela.

— Ei! — falo ainda com um sorriso colado no rosto. — Está com uma carinha bem melhor.

Um canto de sua boca se ergue, mas não é um sorriso contente. Seu rosto parece se iluminar quando meus dedos roçam a pele de sua bochecha, mas noto que ela ainda requer espaço no instante que suas mãos escorregam para longe de mim.

— Que mágica você fez lá dentro? — questiono em tom de brincadeira e me afasto, mesmo que minha maior vontade seja completamente o oposto.

Sigo até a pia com a ideia de preparar algo para nos aquecer, tempo suficiente para que ela possa responder minha provocação. Após um suspiro profundo ela responde: — Usei o superpoder da água gelada.

Sorrio e levanto os olhos, depois a cabeça, deixando-a cair minimamente de lado quando a vejo, com um pouco de dificuldade, tentar se acomodar sobre o banco alto da bancada.

Engulo em seco com meus olhos ainda fixos nela. O mármore é a única coisa que nos separa e nos impede de reviver momentos de uma noite de intensas sensações. Ela deve estar presa as mesmas lembranças, suas bochechas ganham cor quando seu olhar finalmente encontra o meu.

Se eu não tivesse sido tão estúpido nada me impediria de eliminar de uma vez por todas nossa distância, mas por conta disso, agora existe um abismo entre nós.

Aperto os lábios, insatisfeito com essa situação. Desde o começo da manhã meu único propósito é resolver essa questão, mas tudo parece se opor para que de fato aconteça. Pergunto a mim mesmo se terei essa oportunidade ainda hoje, pois duvido muito. Surpreendo-me quando, em meio a este questionamento, ouço Cecília me trazer de volta a realidade.

— Otávio — sua voz soa carregada de gratidão quando completa —, obrigada.

Não preciso perguntar sobre o que se refere. Apenas assinto. Tenho uma vaga ideia do que seja.



Eu já tinha examinado o rosto de Cecília em diversos ângulos nos momentos de paquera. Mas, talvez, hoje eu tenha feito isso incontáveis vezes durante as duas xícaras de chá que tomamos na tentativa de reunir coragem e encontrar as palavras certas para dizer alguma coisa.

Nosso silêncio é quase fúnebre. Apenas Cookie é um furacão ao nosso redor.

— Lia — resolvo quebrar nossa quietude desconcertante.

— Hum? — ela responde enquanto leva a xícara mais uma vez à boca.

Duvido que ainda tenha alguma coisa lá dentro. Talvez esteja a disfarçar o incômodo tanto quanto eu com meu copo vazio há tempos.

Faço a pergunta quando me lembro que tenho algo realmente importante a questionar.

— Onde estão suas chaves?

— Quê?

— Suas chaves... A de sua casa.

— Ahhh... — Confusa, ela pousa a xícara vazia sobre a bancada e tateia os bolsos do casaco. — Eu não... — Se inclina com cuidado no banco, para a esquerda, depois para a direita, para procurar nos bolsos da calça. — Eu não sei. — Sua conclusão é um misto de preocupação e ansiedade.

— Tcharam! — Estendo a palma com o molho de chaves e ela arregala os olhos, os lábios chegam a se separar em espanto, mas ela rapidamente os espreme e cerra o olhar para mim.

É tão bom vê-la mais relaxada.

— A menos que seu pai seja fã da Peppa Pig, creio que elas te pertençam, não?

— Não é uma Peppa — ela rebate. Tenta alcançar o objeto, mas eu o trago para mais perto de mim, a fim de analisar melhor o chaveiro.

— É... — murmuro, dando a volta na bancada indo até ela, os olhos fixos na pequena pelúcia cor-de-rosa. — Seria a mãe dela então?

Seu sorriso, antes largo, morre à medida que ela recolhe as chaves da minha mão com força. Sem querer minhas palavras trouxeram a ela lembranças de algo doloroso, no qual parece nunca estar pronta para partilhar.

Rapidamente explico o motivo de seus pertences e Cookie estarem comigo.

— Na pressa em sair com o seu pai, você não percebeu que o portão ainda estava aberto e a chave na fechadura. Cookie saltou sobre mim quando me viu, então eu logo o apanhei, junto com as chaves, e acabei seguindo o carro em que vocês estavam.

Cecília apenas me olha enquanto parece encaixar os acontecimentos em sua cabeça, conforme eu os descrevo. Também as possíveis complicações, se a história fosse o oposto disso.

— Morar numa avenida repleta de semáforos tem lá suas vantagens — finalizo, tentando soar engraçado.

A expressão perturbada em seu rosto é algo que eu não consigo compreender, até sentir o peso da declaração que faz assim que termino de falar.

— Fui ver minha mãe no restaurante.

Levo um momento para registrar a mudança de assunto.

— Sua mãe? — Não consigo evitar o tom surpreso e Cecília responde apenas com um simples, porém mecânico, balançar de cabeça.

Limpo a garganta antes de perguntar: — E como foi?

— Não foi.

— Ah... — Tropeço em meus próprios pensamentos. A verdade é que não sei o que dizer ou fazer.

Cecília abaixa a cabeça e mordisca o canto dos lábios por um tempo. Era esse o motivo de seu choro compulsivo afinal. Sei que falar sobre sua mãe é um de seus maiores medos, então, dou a ela o tempo que parece precisar para decidir se quer ou não dividir esse momento. Para evitar o impulso de tomar seu rosto entre as minhas mãos, eu as escorrego para dentro dos bolsos da jaqueta.

Já vivi situações semelhantes e sei o quanto é difícil revelar nossas fraquezas em voz alta. Já os expus a ela uma vez e espero o momento certo até que Cecília se sinta confortável a fazer o mesmo comigo.

Ela salta do banco, atravessa a sala e segue em direção à porta de vidro que leva à varanda. Encolhida em seu próprio abraço, mira a tarde cinzenta por um longo tempo, com Cookie se acomodando aos seus pés, mordiscando alguns pedaços sobreviventes do biscoito.

Parada naquela mesma posição começa a narrar toda a sua vida, desde os pequenos fragmentos de lembranças. Sua voz carrega angústia e tristeza. Uma dor quase palpável. Tudo o que sempre guardou, de repente, vem à tona e traz com consigo suas ansiedades, esperanças e, principalmente, seus anseios. Tudo em relação à parte delicada da vida de Cecília está uma desordem total.

Uma mistura volátil de sentimentos e emoções que durante anos estiveram aprisionados. Ela é a Cecília criança, a adolescente, a mulher que luta contra a raiva e a culpa por não saber ao certos os motivos de uma pessoa negar amor a um descendente.

Ela é a força, muitas vezes mascarada pela determinação e empatia. Sua maneira de evitar que outros se quebrem por dentro tanto quanto ela está quebrada. E o que eu mais queria nesse instante, era ser capaz de reunir seus pedaços.

Tento não demonstrar o quanto estou impactado, pois preciso ser forte por ela. Acolho cada palavra com a certeza, que cresce a cada dia mais, de que Cecília é a mulher que eu devo cuidar e amar sem limites. Proporcionar uma vida livre das correntes do abandono.

Só não tenho ideia de por onde começar.

— Não tenho uma única foto dela. Qual o sentido disso? — Sua voz se eleva. — Por que ela levaria todas embora? O que uma simples fotografia revelaria? — ofega. — Talvez a pessoa infeliz que ela tenha sido no passado,

cujo caráter era velado por um sorriso?

Cecília ergue os braços e os deixa cair, como se estivesse muito cansada de tentar encontrar explicação para tudo. Foca o teto e pisca diversas vezes para impedir as lágrimas, provavelmente com vergonha de sua reação emotiva estar nítida outra vez.

— Ela é uma das pessoas que deveria me proteger — resmunga baixinho, se encolhendo em seu próprio abraço.

— Eu juro que trocaria de lugar com você se pudesse — digo ao me aproximar.

Seu rosto se contorce e já não é possível que ela contenha as lágrimas. Toma vários fôlegos descompassados enquanto luta para manter o controle sobre o que deveria se permitir. Esvaziar-se do que a sufoca.

Impulsionado pela dor em seu olhar, tomo seu rosto nas mãos e ela fecha os olhos. Tudo o que quero é puxá-la para mais perto e mantê-la bem próxima do meu coração, para que saiba que ela é uma extensão dele que bate fora do meu peito.

— Ei — sussurro, como um convite para que ela olhe para mim.

Suas mãos lentamente sobem até meus ombros, que ela aperta sem dó. E quando insisto, Cecília então abre os olhos, mas não me permite lê-los.

Mesmo assim, digo: — A gente não pode escolher quem deve nos amar. Não cabe a nós eleger nossas origens, mas podemos determinar quem fará parte do nosso futuro. Entende isso?

Ela funga e balança a cabeça concordando.

— Sei pelo que você passou e que as circunstâncias não são exatamente normais. Imagino que você pressupõe que o cuidado de sua mãe seria importante para se sentir segura e completa...

A ouço inspirar fundo. Escorrego as mãos até seus ombros e recuo a cabeça para vê-la melhor.

— Mas você precisa parar de viver na expectativa pelo amor dela — continuo. — Viva por amor a você, Cecília, antes de fazer isso por alguém.

Nossa conexão durante minha advertência dura apenas alguns minutos, mas é o suficiente para que eu veja a fúria dançar em seus olhos por conta da mãe e a mágoa por causa dos segredos e omissões do pai, mas havia ainda amor, incertezas e o medo.

— Sabemos que você é forte, Cecília — digo inclinando a cabeça para o lado para buscar seu rosto que agora foge do meu —, mas isso não quer dizer que precise ser assim o tempo todo.

Ver seus lábios tremer era uma espécie de tortura para mim. Ela leva suas mãos ao rosto e tenta se afastar, mas insisto em fazer parte do que ela tenta

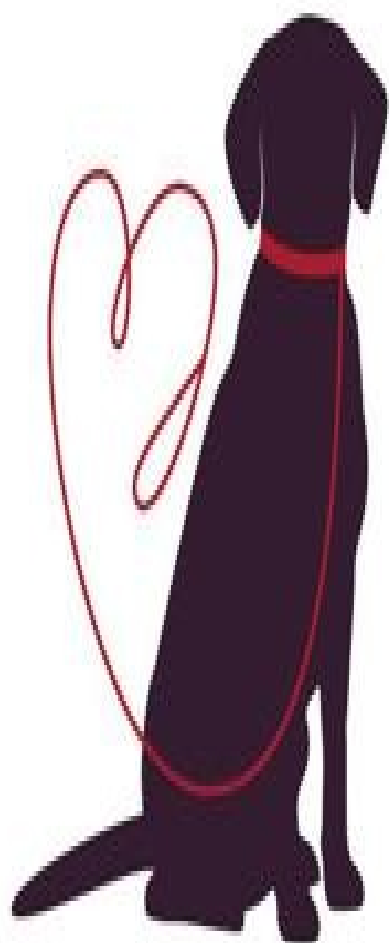
esconder e guio suas mãos até minha cintura.

Colo minha testa à sua enquanto murmuro para que ela não mergulhe para dentro de si mesma. Sua respiração quente acaricia meu rosto enquanto eu tento mais uma vez conectar nosso olhar. Soube o motivo de ela não querer ceder a ele assim que se deu conta de ter perdido a batalha contra mim.

Tinha adivinhado qual seria minha próxima ação.

Segurei sua nuca temendo que, de repente, ela tentasse mais uma vez fugir. Mas ao contrário do que pensava, ela inclinou mais o rosto na direção do meu e afundou suas mãos em meus cabelos. Mais do que depressa uni nossos lábios e nos rendemos a um beijo carregado de saudade. Regado a lágrimas, inseguranças e paixão.

Recuamos apenas quando nos faltou o fôlego, e então, o rosto de Cecilia se contraiu. Aquela era uma expressão fácil de reconhecer. E completamente oposta a que eu esperava encontrar.



Capítulo 31

CECÍLIA

ESTOU OFEGANDO, meu peito sobe e desce com força. Está acontecendo de novo. O oxigênio parece não chegar até meus pulmões. Otávio reforça o aperto dos seus braços em volta do meu corpo, prevendo minha reação, mas eu o empurro de leve. Preciso de espaço.

Eu sei que nem sempre sou suficientemente cuidadosa em esconder meus sentimentos, e ele já conhece bem essa minha fraqueza. Percebe, não apenas pela distância que agora nos separa, mas pelos meus olhos que ardem ao violar algo que jurei a mim mesma evitar. Nossa proximidade inebria meus sentidos. Seu aroma e sua respiração misturada a minha, limita meu raciocínio dominado por

um sentimento desesperado. Por falta de uma mãe que eu nem me lembro do rosto — Cecília.

O olhar de Otávio é magoado e sua voz soa como um protesto contra a minha atitude.

— Por favor... — peço, as palmas prontas para afastá-lo mais uma vez se for preciso.

— Eu não te entendo — ele murmura baixinho, com uma pontada de irritação que retruco.

— Nem deveria se esforçar para entender.

Viro-me de costas para ele. Levo os dedos atrás da cabeça e tento massagear os músculos tensos em meu pescoço, mas não há como ficar nem um pouco aliviada. A situação está quase fora de controle e preciso ir embora antes que isso aconteça.

Chamo por Cookie e Otávio pede para que ele se sente. Pode até parecer uma brincadeira com a minha cara, mas sei que não é. Meu anjo de focinho chega até a dar alguns passos, mas, para minha infelicidade, opta por obedecer a seu instrutor.

— Vai fugir ao invés de conversar comigo? Como fez mais cedo?

Sua voz é doce quando me acusa, quase melodiosa.

— Fugir? — Solto uma risada nervosa. — Você realmente deve me achar uma garota muito idiota.

Inspiro fundo.

Não quero discutir com ele sobre o que penso por estarmos, ainda há pouco, trocando carícias. Não é o momento para isso. Não sou nem mesmo capaz de filtrar as palavras e impedir que poucas e boas ofensas saiam da minha boca. Para começo de conversa, meu primeiro questionamento seria: Quem de nós começou a fugir primeiro?

Chamo Cookie pela segunda vez.

— Finge de morto — Otávio dirige um olhar sério para o aluno enquanto lhe dá uma nova ordem.

É quase cômico, mas minha indignação me impede de explodir em gargalhadas quando vejo o corpo do meu cachorro cair sobre o tapete com um baque mudo. E Cookie ainda gani, buscando aprovação de seu professor apenas com os olhos.

— Mas o que é isso? Um complô?

Sinto o calor de Otávio atrás de mim antes mesmo de ele apoiar suas mãos quentes em meus ombros. Seu hálito faz cócegas no meu pescoço quando ele ri e sou forçada a obrigar meu corpo a resistir ao impulso de querer me aconchegar em seu peito.

Com um movimento dos meus braços, suas mãos escorregam para longe de mim. Pelo menos, distante de qualquer toque dele consigo me forçar a pensar.

— Sei que não é sua intenção, mas está agindo como um canalha se aproveitando da situação.

— Minha nossa! Que exagero! Eu não... — ele respira fundo e analisa minhas palavras por um momento antes de continuar. — Desculpa.

Olho de soslaio para ele e encontro seus olhos que parecem tentar ler o que se passa em minha cabeça. Deduz que quero saber se é apenas a um único motivo a que ele se refere.

— Sinto muito pelo outro dia também. Eu tinha todo um discurso preparado para explicar meus motivos por ter ido embora, mas... — ele pausa para pensar. — Caramba! Era bem melhor do que qualquer coisa que eu pense em dizer agora. Disso tenho certeza.

Balanço a cabeça em negação.

— Isso não importa mais.

Abaixo para acariciar a cabeça de Cookie e aproveito para sussurrar para que ele se levante. Ele se move apenas para apoiar o peito sobre a ponta da minha bota e me olhar com olhos chorosos que praticamente imploram para ficar.

— Por favor, colabora! — resmungo, sentindo a raiva crescer dentro do peito enquanto a voz de Otávio ganha volume atrás de mim.

— Você está sendo egoísta se pensa que foi fácil para mim me forçar a acreditar que aquilo era...

Se ele tivesse me deixado quieta, eu não teria dado a chance do fogo que arde em meu peito se expandir e trilhar o caminho para fora da minha boca. Nem quis ouvir ele terminar o que tinha a dizer. Esfrego as mãos no rosto, endireito o corpo e parto para cima dele. Com o dedo em riste cutuco seu peito a cada nova investida da minha fúria.

— Você fez sua escolha. Preferiu acreditar na verdade fantasiada da sua irmã e não dar sequer a chance de eu me explicar. Na sua ignorância deduziu que o meu silêncio significava culpa, quando na verdade, eu estava em choque com aquela acusação absurda. Sou egoísta se tudo o que sempre fiz pela sua irmã foi tentar protegê-la? Eu fiquei ao lado dela todos os dias, durante cada momento tenso quando descobriram sobre a sua existência. Sua bendita existência — enfato aos prantos.

Nem reparei quando comecei a chorar.

— Eu me encontrava ao lado dela quando se apaixonou por Roger. Deus sabe que fui a primeira a dizer que ele não era o cara ideal para ela. E o que é mais engraçado? Foi que através dessa nossa brincadeira de escuta terapêutica, descobri que ele é uma pessoa incrível. Melhor do que eu, do que Laura e até do

que você. Ele não costuma julgar as pessoas e se esforça para abandonar o passado taxado por erros promíscuos porque realmente é louco pela sua irmã. Ele a ama de verdade, Otto.

Cookie late e minha voz falha, trazendo-me de volta a sanidade. Reparo como Otávio massageia uma região do peito. Percorremos toda a extensão da sala e ele agora tem as costas apoiada na ilha que separa o cômodo onde estamos da cozinha. Ele não disse nada enquanto eu cuspiam toda minha raiva para fora, e não me sinto melhor por isso, pelo contrário, estou devastada por agredi-lo dessa maneira.

Estendo a mão para tocar seu peito, mas então, rapidamente me dou conta do que estou fazendo e me retraio.

— Machuquei você? — pergunto arrependida, sem conseguir olhar no rosto dele.

Ele nega com a cabeça.

— Pode falar alguma coisa para eu ter certeza?

Um canto de sua boca se eleva. Esse silêncio estranho me assusta.

— E você pode, por favor, olhar para mim? — Sua voz soa rouca quando me faz o pedido.

Aperto os olhos por um segundo. Inspiro fundo e ergo o rosto para ele. Sua expressão demonstra uma calma que eu sinto inveja, mas seus olhos cintilam em lágrimas. Meu coração parte ainda mais por ser a causa dessa emoção.

— Desculpa — digo sentida. — Por favor, me perdoa. Eu...

— Shiii — Otávio pede silêncio dotado de carinho. — Eu mereci. — Avança para segurar meus braços.

Faço quase o mesmo, agarro seus antebraços, limitando nossa proximidade a este tanto, o que considero ser bem perto.

— Cecília, quero que saiba que o meu silêncio se deve a minha forma de me proteger daquilo que posso me arrepender por dizer. Sim, minha cabeça me dizia naquele dia que tudo era real, que você não estava sendo honesta, mas o meu coração... O meu coração sempre soube da verdade.

Engulo um bolo preso na garganta.

— Acho que todos tentaram controlar as emoções. Eu, naquele momento, travava uma batalha contra as minhas. Também não tenho um histórico familiar exemplar e, assim como Laura, deixei que isso me levasse a julgar mal a situação. — Ele puxa o ar antes de continuar — Por tudo isso, Lia, eu te peço desculpas.

Sinto meus olhos pinicarem e minha voz não é mais que um sussurro quando o agradeço pela sinceridade.

Otávio desliza suas mãos pela extensão dos meus braços e enlaça seus dedos

nos meus. A parte inteligente de mim emite um alerta para afastá-lo, mas a exaustão de lutar contra o que me conforta, nesse instante, sobrepuja qualquer outro pensamento.

Estamos um passo mais perto.

— O que preciso fazer para não parecer um canalha? — Sua voz soa quase desesperada e eu entendo bem o que ele quer dizer.

Mas não posso levar essa parte da nossa história adiante. Não desse jeito. Não como estou.

Quero dizer a ele que essa conexão que imagina existir entre nós é tudo uma ilusão. Que não existe a possibilidade de termos um relacionamento estável, pois a instabilidade faz parte da nossa genética. Mas não consigo dizer, porque a primeira parte é mentira e a segunda não é suficientemente boa para convencê-lo. Não sei se minha omissão é por querer preservar os sentimentos dele ou porque acabo de descobrir que preciso criar coragem ao invés de alimentar ainda mais incertezas dentro de mim.

Não dá para manter um relacionamento onde se caminha sobre minas, ele simplesmente não sobrevive. Uma hora ou outra o encanto se quebra e um de nós vai acabar ainda mais machucado.

— Já fez o suficiente. — Ele esboça um sorriso esperançoso — Mas...

— Mas o quê?

Mordo o lábio inferior enquanto elaboro a resposta.

— Preciso organizar melhor minhas emoções, pelo menos para poder ter certeza sobre algumas coisas.

— Certeza sobre a gente?

— Também.

Otávio suspira alto, seu semblante endurece e ele se distancia. Assim que termina de absorver o impacto do que digo, sua boca se abre tanto, que fico à espera dos gritos. E embora ele tenha todo o direito do mundo de ficar chateado, sei que não faz o tipo de homem que berra suas frustrações.

— Você não confia mais em mim — prende seus olhos nos meus buscando confirmação —, por isso não me deixa ajudar você.

Posso parecer ingrata e confesso que fazê-lo me odiar seria muito mais simples, mas não quero que nosso fim seja marcado por atitudes ainda mais estúpidas. Estendo uma mão e ele aceita a oferta. O puxo para perto e ele se inclina, então seguro seu rosto.

Que se dane de uma vez por todas a ideia idiota de ficar o mais longe possível dele.

— É claro que confio! Acabo de te expor a quinze anos de insegurança e frustrações e ainda tens dúvidas? — brinco com minha resposta. — Mas eu

estaria usando você como uma âncora para me agarrar à mentira de que não preciso lidar sozinha com nada disso. E não é justo.

Com os olhos vermelhos, repletos de angústia, ele assente, ajeita meu cabelo atrás da orelha e enxuga uma lágrima do meu rosto com o polegar. Por trás da resignação forçada, pude ver seu coração partido, sua compreensão.

Sinto a necessidade de confortá-lo.

— Otto, preciso me tornar alguém capaz de lhe proporcionar muito mais que apenas um gosto. Gosto demais de você para arriscar despedaçar seu coração te dando menos do que você merece.

E mesmo através da pausa silenciosa estamos nos comunicando. Os segundos que passamos olhando um nos olhos do outro me fazem perceber o quanto nos encontramos conectados. Revivemos na profundidade do nosso olhar, flashes dos nossos melhores momentos juntos, enquanto tatuamos na memória traços da nossa essência.

Cookie late alto e forte, o que nos faz sobressaltar e rir. Ele faz parte da maioria das nossas lembranças e parece querer se certificar de que não nos esqueçamos disso.

Otávio me envolve com um braço, enquanto com o outro apoia Cookie que se estica sobre ele para participar do momento. Seu rosto entra em meus cabelos, onde ele inspira meu cheiro antes de depositar um beijo no topo da minha cabeça e sussurrar em meu ouvido: — Também gosto muito de você, Lia. De nós dois juntos. E é por isso que estou disposto a fazer qualquer coisa para nunca te perder.

Despedimo-nos com um abraço, e apesar de querer muito, quando estou a ponto de atravessar a porta não olho para trás. Tenho esperanças de que ele me impeça de ir embora e estou furiosa comigo por ter tido esse desejo, porque foi neste exato momento, quando ele me deixa seguir em frete, que de uma maneira que nunca imaginei ser possível, descobri que eu o amava.



CECÍLIA

O OUTONO SE FOI JÁ HÁ ALGUM TEMPO. Levou com ele o aroma de folhas secas e terra molhada. Os dias úmidos deram passagem a dias secos e ventos intensos capazes de me fazer experimentar viva sensação de frio.

Mas, em meu íntimo, eu me encontro uma estação à frente. Os momentos de introspecção e reflexão ainda fazem parte da minha rotina algumas vezes por mês, mas minha mente já não exige mais descanso envolto em cobertas e regado a açúcar.

Foi necessário chegar a um extremo para que meu pai e eu nos déssemos conta do que realmente acontecia. Evitávamos tocar na ferida por um único

motivo: a difícil aceitação. Antes de chegar aos dias de hoje a falta de compreensão e diálogo era o que prosperava. Adiamos por tantos anos o que no fim foi inevitável.

Após o acontecido no restaurante, passamos o restante da tarde nos movendo pela casa, que era de longe grande, quase como dois desconhecidos. E então meu pai decidiu que estava mais do que na hora daquela novela que protagonizávamos chegar ao fim. Não era certo, tampouco saudável, vivermos em função do desejo do amor de quem não possui o sentimento para partilhar.

A resposta para a uma única pergunta foi o suficiente para que eu entendesse. E embora meu pai tenha me dado liberdade de questioná-lo o quanto eu achasse que fosse preciso, suas explicações soaram livres e espontâneas sem que eu realmente pedisse por elas. Naquele dia foi a última vez que me permiti chorar pela falta de uma mãe e por ela sentir meu coração se quebrar e desabar em pequenos pedacinhos aos meus pés.

Reconheci o quanto estava sendo egoísta e injusta com a dedicação e cuidados do meu pai. Seu amor era mais do que suficiente e eu faria de tudo para provar isso. Me comprometi ainda mais com essa promessa quando vi as emoções e tristeza que ele sentia refletidas nos olhos expressivos, enquanto o calor de sua palma calejada, que apoiava minha face, me confortava. Eu o amava mais a cada dia e tinha o privilégio de ser correspondida.

Lídia, a mulher que me concebeu, nunca teve o desejo de ser mãe. Tentou por nove anos, mas o sentimento nunca aflorou. Basicamente, sou um acidente de percurso, e talvez para ela, encarar-me seja o mesmo que confrontar seu maior erro. Para algumas pessoas é mais confortável fingir que algo nunca existiu do que se torturar perpetuamente em função dele.

Eu sabia que a cura total para a dor da minha alma levaria tempo, mas me surpreendi com o quanto ela já não era mais como um peso que me impedia de me mover todos os dias. Não doía mais como antes e eu não precisava mais mascarar o quanto isso me afetava, simplesmente porque estava disposta a remover meus medos, inseguranças e viver a nova fase da minha vida da melhor maneira possível. Parei de resistir às mudanças que pudessem trazer à tona todo o desconforto que sentia em relação a minha mãe. Enfrentar meus fantasmas tem sido a melhor estratégia para derrotá-los.

Dentro de mim, a estação do renascimento florescia. Incrível como não percebemos o quanto estamos ligados à natureza. Da mesma forma que ela vive em constante renovação e crescimento, nós também estamos. Eu era como uma árvore de primavera que precisava ser podada para renascer mais bela. Claro que no sentido excepcionalmente figurado da palavra. Até porque, flor, eu?

Cookie não andava muito animado para me acompanhar nas caminhadas em

pleno inverno. Na verdade, nos últimos dias ele não se animava para quase nada. Resmungava de frio a noite, mesmo quando eu me rendia e o permitia dormir comigo debaixo das cobertas. Latia toda vez que eu o deixava na creche, como uma forma de protesto por expor seu focinho ao vento frio da manhã. Compreendia ele não querer se exercitar, e apesar das aulas particulares com Otávio terem cessado, ele ainda o fazia na Amo patas. Merecia seus momentos de preguiça.

A corrida solitária suga muito da minha energia, minha garganta arde e meus pulmões reclamam pelo esforço. Sou obrigada a parar e me apoiar sobre os joelhos flexionados para buscar o ar. Sorrio descrente quando, ao levantar o rosto, percebo que estou parada exatamente em um ponto onde posso ver a varanda de Otávio. O quarto andar o permite admirar os transeuntes da pista de corrida do parque e, embora a distância não o permita distinguir nitidamente um rosto, sei que me reconheceria facilmente mesmo assim.

Mas ele não está lá.

Pensar em Otávio e Cookie juntos todos os dias me causava certo alívio, mas não impede que eu seja tomada por outra emoção mais forte, uma que não consigo muito bem descrever.

Sigo meu caminho a passos moderados desta vez.

Antes que eu complete minha última volta, uma mão acena em minha direção e, se não parecesse estranho por ser sábado, eu diria que aquele é meu...

— Ah, meu Deus!

Minha boca treme um sorriso à medida que uma rajada de vento soca meu peito. Ou será meu coração? Não importa. Nem percebo que estou correndo em direção a eles até me deparar com um carro que buzina por eu invadir a avenida.

Quando finalmente a distância de meses extingue, envolvemo-nos uma nos braços da outra. Cabelos e lágrimas adornam nossos rostos enquanto murmúrios de desculpas tentam impedir de serem levados pelo vento.

Nosso impacto foi tanto que perdemos a estabilidade das pernas e Roger teve de nos sustentar.

— Eu não fazia ideia do quanto sentia falta do som da sua risada nervosa

— Laura diz reforçando o aperto do abraço. — Nunca ouse desistir de mim. Eu não suportaria saber que perdi você por ser tão estúpida.

E eu entendi que todo meu esforço para recuperar o que tínhamos valeu a pena. Que todos os nãos que recebi quando ela estava no início do tratamento eram a prova de que ela precisava para saber que eu ainda estava ali lutando por ela. Por nossa amizade.

Algo construído durante tanto tempo não poderia estar totalmente arruinado, restavam ao menos os estilhaços e eu rezava para que fosse o suficiente para que

tudo pudesse voltar a ser como antes.

O pedido mútuo de perdão era a cola para reunir os pedaços que o ciúme e a falta de comunicação espalharam.

— Continua mandona? — pergunto a Roger e ela resmunga.

— Mesmo após uma boa transformação, algumas coisas permanecem.

Sua resposta é tão cheia de significados que Laura nem se importa com o sarcasmo que tempera suas palavras. Ela envolve a cintura do marido com um braço enquanto me segura pelo ombro com o outro, e tasca-lhe um beijo rápido na boca. Somente por esse gesto percebo o quanto ela está diferente. Em outra época teria rebatido a provocação com uma boa dose de ironia.

Roger chega a corar diante de nós, depois de uma péssima desculpa de ir buscar café, para nos deixar sozinhas. Durante quase uma hora, no meu quarto, conversamos sobre os últimos meses e o medo que ela tinha de reviver os mesmos erros dos pais.

Eu não fazia ideia que os sentimentos de Laura com relação a eles eram tão profundos. Que ela nutria certo rancor pela mãe ser tão submissa e o pai um amante colecionador de máscaras que continuava sempre a distorcer a realidade.

Nós nunca sabemos o que pode despertar o gatilho de alguém. A distância das pessoas que mais ama e os segredos foram o limite para trazer à tona o medo e as inseguranças de Laura que, de repente, se viu frente a frente com um passado prestes a se repetir. E desta vez ela seria a protagonista daquilo que jurou jamais se permitir.

Nesse tsunami de emoções descontroladas, Laura acabou por perder o senso. Perdeu até mesmo o fio que tecia a pessoa tenaz que pretendia ser e que agora buscava pela oportunidade de reencontrar.

Seu reconhecimento e perseverança já são um triunfo. Embora por motivos divergentes, assim como eu, minha melhor amiga não desistiu de si mesma. Em nossa conversa amistosa pregamos uma à outra que as pessoas que desistem de lutar são as que perdem, portanto, o único que se permite perder é aquele que abandona a si mesmo.

Reconhecemos nossa parcela de culpa em todos os âmbitos da nossa amizade, apesar de nossos esforços bem-intencionados. E de inocência também.

Desconfiei que Roger já tivesse feito sua parte, embora ainda não tivéssemos tocado nesse assunto de uma maneira que não fosse superficial. Eu seguia seu ritmo e não a induzia a me contar nada do que não parecia estar disposta a dividir.

Hilário tudo o que se aprende vivendo os dois lados de uma mesma moeda. Mesmo que um deles não seja de forma profissional, mas como uma brincadeira séria. Ainda assim, é quase inevitável e forço-me a todo instante em me lembrar

de que não estamos em uma sessão de terapia, mas em uma conversa de velhas amigas.

Nada de análises, Cecília!

— Nunca acreditei que você fosse capaz de... — o semblante de Laura murcha e seus olhos de um azul vivo nadam em lágrimas. — Do que eu fantasiei que fosse. Estava cega e algumas coisas se encaixavam. — Balanço a cabeça em afirmação. — E jamais imaginei que para algumas delas você tinha um álibi. E bem bonito por sinal.

Esboço um sorriso triste. Sabia que cedo ou tarde a história tomaria esse rumo.

Meu corpo todo se retesa.

— Sinto falta disso — mudo de assunto. — Da sua companhia, do conforto de simplesmente estarmos juntas. — Sentadas na minha cama, alcanço suas mãos repousadas sobre o colo.

Sem cerimônia, minha amiga me puxa para outro abraço apertado. Descanso a cabeça sobre seu ombro, revivendo velhos hábitos.

— Lia, eu ainda a adoro e não entendo como nossa amizade pôde esfriar tanto. Você sempre foi boa demais, e eu sempre fui incapaz de lidar com sua bondade. — Suspira fundo. — Quero recuperar nossa amizade. Estou aqui lançando o bote salva vidas para que ela não morra afogada, você aceita?

Rio e mesmo aos soluços ela me acompanha. Laura sempre foi a melhor de nós duas com o uso das analogias.

Sabemos que esse pedido entre nós não se faz necessário, mas também temos a consciência de que ele faz parte de todo o processo de resgate do que éramos. Sendo esse nosso objetivo mútuo, assinto antes de descansar um beijo em sua bochecha úmida e rosada pelo frio.

— Laura, sei que o que aconteceu deve ficar no passado se quisermos seguir em frente, mas há apenas uma peça que não se encaixa nesse quebra-cabeças para mim.

— Catarina? — Afirmo com um meneio de cabeça. — Ela é só alguém que precisa descobrir seu real valor, assim como nós. A participação dela nisso tudo foi movida apenas pela ambição. Ela não é má pessoa.

Cookie ronca alto. Está dormindo a sono solto nos pés da cama, o que leva para longe quaisquer resquícios de mágoa e põe uma pedra de uma vez por todas sobre o nosso drama, enquanto o som cavernoso que produz nos faz rir.

— Ouça, Lia. Não posso ir embora sem antes te dizer uma coisa. — Engulo seco sentindo um arrepio gelado percorrer minha espinha. — Você tem lutado pelas pessoas, e eu admiro isso, mas já está na hora de parar de sabotar sua felicidade.

— Laura, nem pense que...

— Shiu, teimosa, me deixa terminar! — Passo o zíper invisível na boca e ela abre um sorriso largo, vitoriosa. — Já encerrou seu trabalho comigo. Estou indo bem com o tratamento. A terapia de casais tem funcionado entre Roger e eu. Está tudo encaminhado, então, não há mais nada a nosso respeito que você precise se preocupar. — Mordo o lábio feliz e ao mesmo tempo ansiosa. — Sei que não tenho o direito de te pedir nada, mas me prometa que vai cuidar dessa parte?

Ela põe uma mão mais à esquerda do meu peito.

— Estou tentando resolver uma questão por vez.

— Promete? — ela insiste. — Sei que você é bem capaz de separar as coisas.

— Prometo tentar.

Mesmo soando vaga, ela parece convencida com a resposta.

Deixamos esse assunto de lado enquanto a acompanho até o portão. Aproveito o pouco tempo para destacar os pontos imperdíveis da viagem a qual ela e Roger embarcarão para uma segunda lua de mel, assim espero.

Lá fora, meu chefe parece satisfeito ao nos ver. Pela janela do carro me entrega um copo de cappuccino que meu corpo gelado agradece.

Quase uma hora para um copo tão pequeno, é o que minha sobrancelha arqueada diz.

Jamais perco a oportunidade de alfinetá-lo.

Seu sorriso se estende tanto que seus olhos felinos quase se fecham por completo. Até Roger parece mais leve nos últimos tempos.

— Não sei definir o meu sentimento por você me deixar responsável por aquele departamento sozinha, ainda por cima com uma funcionária a menos enquanto explora a Itália com minha melhor amiga — dramatizo enquanto Laura se acomoda no banco do carona, se divertindo com minha queixa exagerada.

— Integre alguém à equipe. Seleção interna ou externa. Você escolhe.

— Vai mesmo me dar esse poder? — Sorrio maliciosa. — Posso integrar mais de uma pessoa, tipo, sem querer.

Sorvo um gole do cappuccino acentuando minha inocência.

— Não faça eu me arrepender, irmãzinha.

Meu peito todo aquece, não só pela bebida ou a forma como ele se refere a mim, mas pelo sorriso cúmplice que troca com a esposa. Meus olhos traiçoeiros pinicam ao perceber que essa é a maneira de ele me notificar que Laura sabe e aceita sua verdade. É também um lembrete do que compartilhamos. Não por nascimento, mas de coração.

Devolvo o beijo que minha amiga me joga enquanto meu chefe pisca com um olho para mim. Essa combinação absurda me faz rir e chorar de alegria.

Sou uma patife chorona de marca maior, não tenho dúvidas.

Quando perco o carro de vista pela avenida, me encontro presa ao pedido de Laura. Meu coração dispara apenas por pensar que ainda possa existir a esperança de colorir meu inverno.

Essa era a mensagem subtendida em seu pedido, não era? E eu deveria usar toda a minha inteligência para interpretar o que ela queria me dizer.

Otávio é leal às suas promessas, não me procuraria, sempre soube que o tempo é a única ferramenta que eu poderia usar para me restabelecer.



CECÍLIA

O AR DENTRO DE CASA ESTÁ muito mais frio agora que toda a adrenalina das tarefas realizadas durante a manhã tinha ficado horas para trás.

Talvez não para meu velho, que cantarolava uma música engraçada, revezando entre balançar a cabeça entre os ombros e bambolear o quadril enquanto mexia uma panela no fogão.

Seu entusiasmo me faz sorrir, e para aquecer um pouco meu corpo gelado entro no seu embalo. Nunca tive muito ritmo, então a dança esquisita e desengonçada se encaixa perfeitamente para alguém com dois pés esquerdos como eu.

Grito por Cookie que, mesmo sendo amante de uma farra, não aparece nem

mesmo quando o chamado por seu nome se transforma num dueto desafinado.

— Vou procurar por ele — aviso meu pai assim que termino de colocar a mesa para o jantar.

Não são necessários muitos passos para que eu percorra todos os cômodos da casa. Diferente do habitual, Cookie não está deitado em nenhum lugar do meu quarto.

Desta vez, esparrama o corpo sobre a cômoda escura disposta abaixo da janela do dormitório do meu pai. Seu focinho está além das grades de proteção. Os olhos perdidos no limite que é o portão branco da casa.

Outra vez não se manifesta quando chamo por ele. Não levanta a cabeça ou abana o rabo. Simplesmente não se move ou remexe. Chego a pensar que está dormindo de olhos abertos.

Pouso uma mão sobre suas costas e ele começa a chorar. Um choro gutural que me apavora e faz meu coração quase sair pela boca de susto.

— Calma! — peço, afagando sua cabeça. — Calma!

O pedido, na verdade, se estende também para mim. Se eu me desesperar agora certamente irei vetar qualquer pensamento racional.

— O que está acontecendo? — Meu pai surge ligeiro no quarto e Cookie intensifica o choro.

— Eu não faço ideia. Não sei o que dói nele.

O cão está com os olhos assustados. Uiva e chora sem consolo e direciona o focinho para o quintal.

— Você quer ir lá fora? — pergunto e ele emite um último som agudo antes de tentar alcançar meu rosto com a língua. — Ah, meu Deus! É isso, pai.

Meu pai corre e apanha a guia enquanto eu incentivo Cookie a descer da cômoda. Preguiçoso, ele não desce, então o sustento nos braços e o apoio devagar sobre o tapete.

Encaixo a guia na coleira e avanço esperando que ele me siga. Outra vez empaca como uma mula.

— Qual é, Cookie? — Estou ficando impaciente com seus joguinhos. — Vamos, vamos. — Puxo a corda com força e ele gani de novo.

Apoio-me sobre os joelhos no chão e tomo seu rosto em uma mão.

— Levanta, garoto! — peço gentil desta vez e sua resposta são uivos, uivos e mais uivos.

Depois de um tempo, Cookie está cansado de resmungar e chegamos à conclusão de que também está sem forças para se locomover. Mas por quê? É a pergunta que nos atormenta.

Meu pai e eu fazemos tudo o que podemos. Apalpamos e exploramos todo seu corpo em busca de lesões ou machucados. Para nossa sorte — ou azar, não

sei exatamente ao certo —, nada fisicamente parece incomodá-lo.

Tentamos alimentá-lo e dar água, mas nem isso foi capaz de persuadi-lo. Cookie nem sequer fareja a ração sabor carne ao molho, apetitosa até para o meu paladar.

Definitivamente, alguma coisa muito séria está acontecendo com ele e não temos como ajudar.

Baseado nos últimos tempos, eu tenho até medo de imaginar qual será o próximo plano conspiratório do universo contra mim. Sei que, se a vítima da vez para me atingir for Cookie, será uma baita sacanagem.

— Você liga ou eu faço isso?

O olhar apreensivo de meu pai racionalmente me intima.

— Não é por você, Lia. — Ele aponta com o queixo nosso cão quando me vê hesitar. — É por ele.



Não foi de estranhar a surpresa de Otávio quando ele atendeu a ligação. Abstemo-nos de qualquer tipo de contato há semanas e eu não o vejo desde então.

Levou alguns segundos para que eu recuperasse o raciocínio e formulasse uma conversa no mínimo coerente. Tropecei em algumas palavras e engoli outras, mas por fim, minha apreensão pelo motivo da ligação venceu o nervosismo que o impacto de ouvir o timbre profundo de sua voz sempre me causa.

O tom de voz dele ficou sério quando lhe contei a situação. Ele já não falava comigo como um amigo, mas como um especialista. E embora a mudança tenha sido estranhamente confortável, eu dificilmente acreditava que conseguiríamos manter a formalidade quando estivéssemos frente a frente.

Cookie tem um olhar preguiçoso. Com a cabeça apoiada no colchão, esparramado sobre a cama de meu pai, eu lhe sussurro palavras de carinho e conforto. Funciona para acalmar humanos e acredito que com animais domésticos não deve ser diferente.

Apoio minha cabeça sobre a sua, acariciando a extensão de seu corpo. Posso sentir a respiração dele sobre sua pele, profunda e ritmada. Aparentemente ele mantêm-se um cão saudável, mas ao olhar bem de perto, parece ter perdido peso nos últimos dias.

— Ah, meu amigo! — lamento preocupada ao mesmo tempo em que meu pai anuncia nossa esperada visita.

Giro o rosto na direção deles. O ângulo não é muito favorável, por isso tenho que levantar todo o tronco. A cabeça também.

Não digo nada. Preciso descobrir como fazer meu coração parar de bater na garganta e assim não espremer minhas cordas vocais. É engraçado como ele ainda dispara ao vê-lo.

Aceno com a cabeça para que Otávio se aproxime. Antes de se concentrar em Cookie, ele me olha fundo nos olhos enquanto me cumprimenta. Retribuo o cumprimento com a voz, para minha surpresa, mais firme do que realmente me sinto.

Otávio umedece os lábios. O gosto de uma única palavra que eu disse foi suficiente para atingir seu paladar.

Droga! Esse tipo de efeito só posso controlar com meu silêncio, e sei que isso vai ser impossível dada a situação em que nos encontramos.

Não percebo que Cookie dorme até me afastar dele, assim dou espaço para Otávio fazer seu trabalho. Quando o veterinário o desperta, com o mesmo carinho e afeição de sempre, é como se uma poção de ânimo passasse dele para Cookie através dos dedos que o acariciam.

Intrigante é o mínimo para descrever.

Não que meu amigo de quatro patas tenha se mostrado todo enérgico como sempre foi, mas os protestos sonoros agora soam diferentes. Cookie emite um uivo curto e agudo enquanto abana o rabo numa clara demonstração de felicidade e estica o pescoço para esfregar seu focinho na mão do amigo. Uma das patas toca o joelho do médico que afunda sobre o colchão. Requer mais de sua atenção a todo custo.

— Ele tem se alimentado bem? — Otávio questiona enquanto luta para examinar as gengivas de Cookie.

— Nos últimos dias não muito. — Embora o rapaz tenha olhado de esguelha para mim ao fazer a pergunta, meu pai é quem responde primeiro. — Hoje ele não quis comer nada e mal bebeu água da tigela.

— E os exercícios, como andam?

Outro olhar de esguelha.

Balanço a cabeça e quando estou prestes a responder...

— Com exceção aos dias na creche, não tem se exercitado. Em casa, a dois dias anda apático, sem vontade nenhuma de brincar. Dorme quase o tempo todo — novamente sr. Cézar é quem responde.

— Certo. Acho que sei qual o problema desse garoto.

Seja lá do que for que ele suspeita, parece grave, pois usa uma voz macia ao

falar, típica dos doutores prestes a dar uma má notícia. Na esperança de que ele continue a explicar o que está acontecendo com Cookie, me desencosto da cabeceira da cama e me aproximo deles.

Encaro o veterinário por alguns segundos. A brisa que entra da janela passeia por nós e me abraça com seu perfume característico. Quase corro de volta para o canto refúgio da cama. Se eu estava tentando ser firme, denunciei-me quando desviei o olhar.

Otávio pede, com uma intimidade inusitada, para que meu pai traga uma nova porção de comida e água para Cookie. Boquiaberta, vejo o cão erguer o corpo e abocanhar a guia e, assim que seu instrutor volta a atenção para ele, oferecer-lhe como um pedido para um passeio.

Tensa, estalo os dedos, pareço ser a única a não entender nada do que está acontecendo.

Ao perceber meu estado, Otávio exhibe a mim um meio sorriso, aquele que sempre foi irresistível e o qual inocentemente eu acreditava que estava imune. Com meu pai fora do quarto, Otto saca do bolso da jaqueta alguns biscoitinhos que Cookie devora com vontade.

— Ookay — resmungo. Aponto um dedo para Cookie e em seguida jogo a palma para o ar.

Otávio sorri. Ele bem que poderia parar de me maltratar com tamanha beleza. É pedir muito?

— Cães desenvolvem conexões emotivas — começa finalmente a explicar. — Às vezes, por não estar recebendo a atenção de alguém com quem costumava se relacionar, ele pode ficar ansioso, cabisbaixo ou ainda desenvolver sérios problemas de natureza psicológica.

— Problemas de natureza psicológica — repito incrédula. — Você está me dizendo que Cookie pode estar sofrendo de algum tipo de depressão?

Ele assente.

Solto uma gargalhada curta. Otávio não está sorrindo, então não é uma piada.

Ao absorver melhor a notícia, fico chocada.

— Mentira?!

Os olhos do rapaz estão fixos em seu cliente. Parecem tristes.

Tapo a boca escancarada com uma das mãos. Olho para Cookie que nem parece se importar com minha presença, está mais interessado no que Otávio tem para lhe oferecer.

Acomodo-me ao seu lado na beirada da cama. Corro a mão pela pelagem macia e massajeio as patas traseiras, sempre tomando cuidado para não avançar muito além de suas costas, uma vez que sua cabeça está apoiada em uma das coxas de Otávio.

— Ainda é um estágio inicial, muito fácil de revertermos. — O veterinário parece notar o quanto estou envergonhada por ser incapaz de ler as expressões corporais do meu próprio animal.

Sinto-me uma péssima tutora.

— Faça o que for necessário por ele. Apenas me diga do que é que ele precisa.

— De mim — praticamente resmunga.

— De você? — ironizo. — Não conhecia esse seu lado presunçoso.

O peso da vergonha parece recair sobre ele desta vez. O veterinário aperta o maxilar e um músculo se contrai em sua bochecha, os lábios se retraindo em uma linha fina de desgosto.

Agora ele é quem foge do meu olhar.

Otávio falou sério, por isso forço meu cérebro a desvendar o mistério por trás de sua afirmação. Esse é, no mínimo, um quebra-cabeças para eu resolver, no qual me faltam muitas peças.

Montes de neurônios morrem no processo, mas pareço conseguir captar algumas informações contidas nas entrelinhas. Antes que eu tenha tempo de questioná-lo, meu pai retorna ao quarto com as vasilhas. Eles rapidamente conduzem Cookie até elas que, estrategicamente, foram dispostas bem longe da cama.

Tudo o que Otávio oferece, Cookie aceita de bom grado, mas parece sempre temer que ele o deixe. Se certifica de sua presença, toda vez, antes de afundar o rosto no pote.

— Ele parece estar anêmico, mas preciso fazer exames para confirmar. Se este for o caso, vamos precisar administrar alguns medicamentos — Otávio esclarece exclusivamente ao meu pai.

Os dois estão de costas para mim — A outra parte para resolver o problema, a que é bem mais simples, é que vai ser complicada — ele sussurra e troca risos com meu velho.

— Boa sorte! — deseja meu pai, e a palmadinha nas costas do rapaz é o ápice para o declínio da minha sanidade.

Preciso entender o que está acontecendo.

— Ei! — pigarreio e abano uma mão para que se lembrem de que estou presente.

Os dois simultaneamente viram o rosto para me olhar.

— Otávio, eu posso dar uma palavrinha com você.

Ele assente, ficando de frente para mim.

— No corredor — aponto com a cabeça.

Meu pai ri e ele responde a gozação com um dar de ombros. Não sem antes

buscar a aprovação de seu paciente, que se aninha no tapete e boceja em uma clara necessidade de descanso, ele me segue.

— Quando você e meu pai se tornaram camaradas? — pergunto por cima do ombro.

— Poderia ter feito essa pergunta na frente dele — provoca. — E, camarada? Quem usa essa palavra hoje em dia?

O que eu limitei ao corredor leva-nos até a sala. Esfrego as mãos no rosto antes de me virar para ele. Odeio quando dou voz a questões que deveriam ser feitas apenas em pensamento.

Nenhum de nós dois responde a asneira um do outro.

Foco, eu preciso ter foco.

— Seja franco comigo, por favor.

— Sobre?

— Sobre Cookie, oras! Foi para isso que te chamei aqui.

Ele suspira alto e lança-me um olhar repreensivo. Não foi nada bonito ser grosseira, eu sei, mas sinto um gelo na boca do estômago de nervoso por ocuparmos o mesmo cômodo sozinhos.

Otávio causa efeitos catastróficos até mesmo na minha educação. E claro que culpá-lo por isso é muito mais fácil do que tentar esconder a verdade que tem se tornado evidente a cada dia.

— E então?

— Mudei de emprego, Cecília. — Minhas sobrancelhas quase tocam a base do meu cabelo com a revelação. — Fui aceito naquele clube de campo que levamos Cookie outro dia.

Acreditei que a distância entre ele e Cookie se resumia apenas aos treinamentos de fim de semana, pelo visto, estava redondamente enganada. Não sou a única a passar por diversas mudanças na vida. Estamos os três: Otávio, Cookie e eu.

— Por conta disto, Cookie e eu não temos contato há mais de uma semana — ele continua. — Diferente de você, ele sente minha falta. Esse certamente é um dos motivos de ele estar tendo uma crise de ansiedade.

— Tem certeza absoluta disto? — questiono, não vou permitir que ele afirme o que não sabe.

— Pode consultar a opinião de outro profissional se não confia nos meus conhecimentos — rebate. — Não há necessidade de me insultar.

— De maneira nenhuma estou duvidando de sua competência, pelo contrário, se é saudades de você que Cookie sente — dou de ombros —, isso é muito fácil de resolver. Podemos voltar com os treinamentos nos fins de semana e...

— Uau! Nem foi preciso te convencer. Isso certamente é um progresso. —
Corta meu raciocínio, zombando de mim.

Torço o nariz.

— Um progresso que você ainda precisa aprender a interpretar — digo e espero que ele perceba o sarcasmo presente nas minhas palavras. — Não é exatamente sobre o cachorro que eu estou falando.

Otávio franze a testa. Estuda-me por tanto tempo que nem percebo quando prendo a respiração. Perco-me em cada um de seus belos traços, olhos, nariz e boca, vagando por lembranças que me levam a recordar a sensação de ter seus lábios macios sobre os meus. Até que a falta de ar traz o fio do pensamento viajante de volta.

Resfolego quando ele deixa escapar a mais clichê das perguntas, mesmo já tendo compreendido o que eu quero dizer.

— E sobre o que é então?

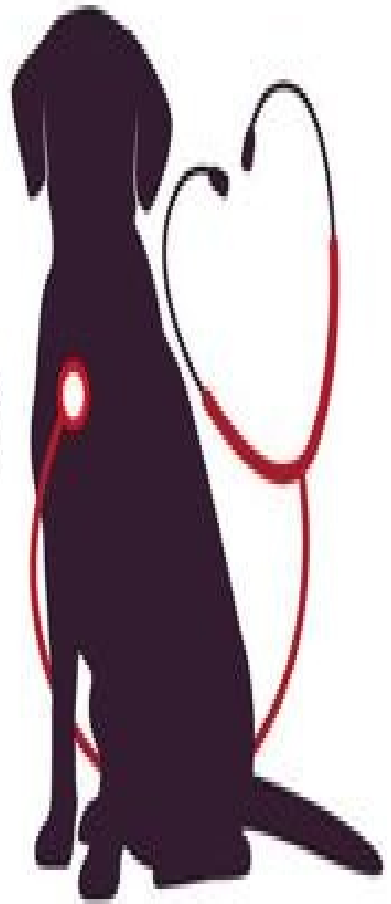
Calor irradia meu rosto. Ele me fita meio perturbado, meio esperançoso. Há em sua expressão uma rigidez que parece que todos os seus músculos da face estão paralisados.

Por essa ele não esperava. Para falar a verdade, nem eu. Mas aqui e agora, o latejar do meu coração em meus ouvidos é o que me impulsiona a não sabotar mais minhas vontades.

Nunca tive muitas certezas na vida. Mas sei que eu o quero, o desejo em minha vida com uma intensidade que nunca senti antes. E não por impulso físico e irracional, mas por um sentimento real e específico, sólido e verdadeiro.

Algo mais profundo e mais forte do que qualquer dor.

Capítulo 34



OTÁVIO

LUTO CONTRA TODOS OS MEUS INSTINTOS NATURAIS. Chego a dar um passo na direção de Cecília, mas estaco. Penso que talvez não tenha entendido direito. Meu semblante tampouco esconde, porém sou cauteloso.

Estou inclinado a não cometer novos erros e a não me precipitar.

Cecília é semelhante a uma granada, cuja sua força destrutiva vem de qualquer reação espontânea e inconsciente que eu tenha. Diante da minha passividade, seu rosto assume um tom levemente corado. Ela bloqueia o sorriso enquanto me encara, um Otávio admirado, sem saber direito como reagir diante da mulher transparente em sentimentos que ela em pouco tempo se transformou. Uma versão excêntrica que faz meu coração disparar no peito, como faíscas de

fogos de artifício.

Como a noite que cai lá fora, os olhos escuros, brilhantes e de uma sinceridade impressionante estão inquietos. Uma ponta de nervosismo a domina e derrete o *iceberg* de desassossego que escondo desde que falei com ela ao telefone.

Cecília se aproxima e pega minha mão, enroscando seus dedos nos meus. Nossa proximidade é tanta que preciso inclinar a cabeça para trás para vê-la.

— Sinto sua falta — confessa. — Até mais do que eu imaginei que pudesse sentir.

Levo um tempo para compreender que as palavras se referem a minha pergunta. O cheiro e o calor do toque de Cecília são uma combinação que me deixa tonto de um jeito quase bobo. E por ainda estar calado e para me livrar de qualquer dúvida, ela completa: — Sei bem o que sinto. Na verdade, sempre soube. Precisava apenas admitir para mim mesma.

A profundidade do sentimento em sua declaração é implícita, mas sinto o gosto característico em suas palavras. Amor é um sentimento intenso e difícil de se traduzir, e quando misturado a saudade torna tudo mais complexo, remete ao medo e a solidão. Tudo o que Cecília tem batalhado para superar.

Algumas pessoas precisam ouvir o sentimento expressamente declarado, mas não eu. Não com Cecília. Simplesmente porque suas emoções revelam-se a mim em nuances e paladar.

— É o melhor que consegue fazer? — provoco com um sorriso travesso. Toda a rispidez que usava para me proteger se desfaz como fumaça. — Lembre-se que a falta de comunicação entre nós é um problema desde o começo.

— E eu não sei? — Ela balança a cabeça e abre um sorriso que ilumina todo seu rosto. Mas então volta a ficar séria quando responde minha provocação. — Possuo muitas maneiras de te mostrar o que você me faz sentir.

Arqueio as sobrancelhas.

— Com seu pai em casa? — digo apenas para incentivar um novo sorriso.

— Não desse jeito. — Ela soca meu ombro, o rosto em chamas. — Quis dizer que sei muito bem quais as cores para te prender. — Pisca.

Quando suas mãos repousam em minha cintura, puxo-a para junto de mim. Inclino meu rosto em sua direção e ela, engraçadinha, recua. Solto um gemido de protesto por Cecília me fazer saborear o momento de expectativa, bem quando estou mais do que pronto para receber seu gosto e calor.

As mãos dela trilham a extensão do meu peito e agarram minha nuca. Um sussurro no meu ouvido e estou condenado as garras da paixão.

Fiiii...! Pum! Pum!!

A ascensão dos foguetes explode com as cores do arco-íris acima de nossas

cabeças.

Não sei bem quem de nós dois pressionou mais o corpo um no outro, extinguindo cada mínimo espaço a ponto de perdermos a estabilidade de nossas pernas e cairmos no sofá, mas o baque mudo reflete em Cecília como uma onda de choque racional que a faz impulsionar o tronco para trás.

— Existe uma grande chance do meu pai estar nos observado — diz preocupada.

Levo as mãos até seu rosto e o guio de volta para mim. Beijo a ponta do seu nariz, um lado de cada vez da sua bochecha, seus lábios, seus olhos e cada pedacinho do seu rosto. Mesmo contrariada, ela me empurra para longe e volta a sondar o corredor por cima do encosto do sofá.

— Ele não vai nos interromper — asseguro.

— Você não conhece sr. Cézar dominado pelo ciúme da filhinha que ele, às vezes, ainda pensa ser uma criança.

— Mas tenho a palavra dele.

Ela me olha abismada.

— Uau! — É tudo o que diz.

— Conquistei primeiro a confiança dos homens da casa. Sou o máximo.

Ela solta uma gargalhada curta e se põe de pé, acenando para que eu faça o mesmo.

— E tem se mostrado um belo de um convencido. — Segura meu queixo e sela-me os lábios com um estalo. — Quero saber tudo sobre essa camaradagem de vocês.

Rio com a menção da palavra quase arcaica.

— Não revelo meus segredos de conquista.

Ela revira os olhos.

— Vem! — Cecília me puxa pela mão em direção ao quarto. — Você ainda tem um paciente para tratar nesta casa, doutor. Nada de distrações no ambiente de trabalho.

Sigo Cecília com a sensação de que o que partilhamos não me parece ocorrer agora, mas em algum lugar no futuro. Como se fosse apenas uma noite comum entre tantas outras que passaríamos juntos.

Sei que teremos tempos difíceis e confusos, que nem sempre as coisas acontecerão como desejarmos. Sei que vamos nos deparar, na maioria das vezes, com sentimentos e incertezas que vão nos assustar e parecerem impossíveis de lidar.

Vamos nos sentir as pessoas mais despreparadas do universo, até descobrir que todo mundo já passou por momentos assim.

Ao lado de Cecília, experimento uma verdade já vivida. Apenas quando

abandonamos a mágoa e o rancor é que descobrimos que o amor é nossa verdadeira essência. A resposta para tudo. Sou privilegiado em poder apreciar bem de perto essa liberdade recém-descoberta por ela.

Se existe alguém responsável por isso, eu o denominaria como um animal completamente domesticado, que com suas inúmeras travessuras e amor incondicional foi capaz de unir duas vidas que precisavam apenas da sua como uma terceira para se sentirem completas.

Afinal, somos um trio agora. E assim seguiremos daqui para frente.



CECÍLIA

OTÁVIO ME AGUARDA NA FRENTE DA MINHA CASA quando saio para uma corrida matinal, em busca do ar fresco de outono. Eu nem imaginava que ele pudesse estar ali. Não havíamos combinado. Na verdade, é para ele estar no trabalho, mas adorei saber que hoje não está.

Quando o vejo é inevitável ser afetada pelo seu jeito tão inconscientemente sedutor, com o quadril e uma das pernas apoiados no muro, o sorriso travesso e preguiçoso pregado nos lábios. Vê-lo vestido de modo casual, usando um moletom justo acentuando os ombros largos e uma bermuda que deixa à mostra parte das longas pernas bronzeadas, ainda me deixa sem fôlego.

Recordo a primeira vez que eu o vi vestindo trajes esportivos. Ele usava óculos escuros naquele dia e eu não o reconheci logo de cara. Levei uns bons

minutos apreciando o que o conjunto de belos traços e feições marcantes é capaz de causar em uma reles mortal, até me dar conta de que era o maluco do ônibus a pessoa que eu paquerava tão descaradamente. Naquele momento senti o desejo de me teletransportar para qualquer lugar do mundo onde ele não pudesse me ver.

O restante da história nos conduziu aos dias de hoje, e mesmo após tanto tempo, a lembrança ainda me faz sorrir.

Passamos por mudanças radicais e adoro nossa transformação. Porque já não sou a mesma Cecília do ano anterior e, segundo Otávio, ele também não. Amo o quanto me sinto leve apenas por estar em sua companhia e como, quando o vejo, uma alegria repentina inunda todos os meus sentidos a ponto do meu coração perder a cadência.

Otávio me faz bem.

— Achei que seria interessante você ter uma figura masculina como companhia. Apenas por conta do hábito — ele fala, a voz profunda ainda rouca de sono.

Não digo nada, apenas assinto. Meu sorriso vacila diante das suas palavras e meu peito gela. A referência sem dúvidas é à figura de Cookie, o que faz o medo me invadir e roubar toda a minha euforia por vê-lo. E Otávio percebe. Estuda-me por um tempo com os olhos de um verde intenso e firmes, e quando indico a pista de corrida do outro lado da avenida com a cabeça felizmente partimos sem qualquer questionamento.

Será uma manhã de ritmos preguiçosos e sabemos disso. Corremos em silêncio, apenas apreciando a agradável companhia um do outro enquanto o ar fresco da estação invade nossos pulmões.

O ar de outono sempre me parece ser o mais limpo para respirar, e o cheiro de grama e terra úmida é o aroma que completa a paisagem do céu de um azul único, denso e etéreo. Embora, na maioria dos meses, Curitiba nos abrigue a uma temperatura amena, a presença do verão sempre me faz desejar que ele logo bata em retirada e devolva o clima característico da cidade. O clima de uma estação que vive aprisionada entre a extravagância de uma temporada calorosa e a mãos pesadas do inverno, mas que se sustenta com suas delicadezas e nuances.

Otávio exige mais de mim, exibindo sua excelente forma física enquanto acelera, e eu correspondo a cada exigência com uma preparação física digna de maratonas. Melhorei consideravelmente depois de intercalar as corridas com outros exercícios físicos em minha rotina diária.

Batemos a marca de quinze quilômetros quando completamos nossas voltas na pista do parque Bacacheri, e quando reduzimos a velocidade para uma caminhada meus músculos das pernas reclamam um pouco devido o esforço.

Consciente do ritmo intenso que havia me submetido, Otávio se aproxima e me dá suporte enquanto alongo as pernas. Sua respiração ofegante e quente faz cócegas no meu pescoço quando comenta: — Está muito calada.

— Apenas mantendo o foco — respondo e me afasto dele para esticar os braços acima da cabeça. Seus olhos estão focados em mim, então encurvo o tronco de um lado a outro a fim de evitar seu olhar avaliador.

— E a quem você quer enganar com essa mentira? — Otto debocha e inicia os próprios alongamentos. — Cogitei estar sonhando acordado quando mais cedo você abriu um sorriso ao me ver.

Controlo o impulso de um gesto infantil que seria mostrar-lhe a língua, mas ele está certo em estar desapontado com meu comportamento.

— Desculpa. Não consigo relaxar enquanto penso nele — digo de forma sincera.

— Então não pense. Desvie o pensamento. Cookie está bem, Cecília! Muito melhor do que eu e você.

Meu batimento cardíaco novamente acelera e antes que eu me dê conta estou corando.

— Caramba, mulher! Você vai de um extremo a outro com esses pensamentos na velocidade de um raio. — De olhos exageradamente arregalados meu namorado caçoa enquanto elimina a pouca distância até mim.

— Sai já da minha cabeça — o censuro e seguro seu rosto entre minhas mãos o impedindo de me beijar. Odeio a visita da sua familiar habilidade em ler meus pensamentos, e ele odeia que eu o impeça de experimentar, de uma maneira mais interessante, o gosto que minha voz lhe provoca. Sendo assim ele é obrigado a engolir a saliva “doce” enquanto tento impedir de qualquer maneira que ele se aproxime, desviando o rosto do dele a cada nova investida que ele dá.

Como Otávio é muito mais forte do que eu, nem insisto em lutar quando seus dedos agarram meus pulsos e me puxa para si. Comprimo os lábios durante uns cinco segundos, mas ele é irresistível demais para que eu consiga sustentar a brincadeira por muito mais tempo.

Rendemo-nos a um beijo que me direciona aos mesmos pensamentos impróprios de minutos atrás. Afasto-me. Ofego. Engulo Seco. Olho ao nosso redor e agradeço por ninguém ter nos visto. Otávio percebe minha rigidez, ri da minha nova neurose e enlaça meu pescoço enquanto caminhamos de volta para a minha casa. Não que seja proibido duas pessoas apaixonadas demonstrarem afeto uma pela outra em público, mas se espera o mínimo de decência. E eu não saberia medir a extensão de tal atitude se me deixasse levar.

— Tem algum compromisso para mais tarde? — Otávio pergunta.

Levanto o rosto para olhá-lo nos olhos.

— Nenhum. Por quê?

— Quero te mostrar uma coisa no trabalho — fala sério. — Pode me encontrar lá por volta das quatro horas? — Seu olhar é esperançoso, mas contém o adicional de algo que não consigo identificar.

— Não achei que ainda fosse trabalhar hoje — comento e de repente meu coração gela novamente por pensar na possibilidade. Paro de caminhar. — Algo errado com Cookie? Sabe que pode me dizer. Eu aguento.

— Já te falei que ele está bem, Lia! — Ele suspira, um pouco consternado, um pouco irritado, o que me deixa em alerta, pois Otávio é um homem que raramente se irrita. — Não tem nada a ver com ele — continua. — É algo relacionado a nós. A mim, na verdade.

Abro a boca, mas antes que eu diga qualquer coisa ele afirma estar bem e me puxa de volta para junto dele. Adivinhou meus pensamentos de novo, mas desta vez não ligo, porque estou preocupada em como seus gestos se tornaram incertos e seu humor, de certa forma, instável.

— Te encontro mais tarde então?

— Sim — Otávio afirma. — E acredito que até lá já teremos o resultado dos exames. — Ele me dá a melhor das notícias sem muita cerimônia.

— Jura? — pergunto, aplacada por uma onda de euforia.

Meu namorado confirma com um meneio de cabeça e seus lábios dançam em um sorriso sobre os meus.

— Isso significa que dependendo do resultado poderemos trazer Cookie para casa?

— Significa que dependendo do resultado, seu status mudará para... Ooohh! — Otávio ri. — Ooohh — fala de novo e cai na gargalhada.

Mesmo após ele me contar sobre seu raciocínio e rirmos da palhaçada não me sinto completamente aliviada. Otávio segue caminho até seu apartamento e eu o observo caminhar não tão confiante quanto de costume. Ele para uma vez e corre uma mão pelos cabelos bagunçados enquanto ameaça olhar para trás, mas não o faz. Segue constante, firme, mas as costas tensas, e eu atravesso o portão de casa com o pressentimento de que o que me aguarda no final da tarde me deixará num estado não muito diferente.



O relógio em meu pulso marca 15h45 quando paro o carro no estacionamento do clube de campo para cães onde Otávio trabalha.

O céu azul da manhã está fechado e a paisagem a minha volta se resume a maioria das árvores desfolhadas ou com algumas folhas ainda resistentes em enfeitar os jardins bem cuidados. Uma beleza da natureza que é impossível não notar, mas que hoje não me prende. Meus olhos não se concentram. Nada captura meu interesse, simplesmente porque não consigo fugir da sensação estranha de que algo que está por aqui vai dar muito errado.

Uma lufada de vento frio me atinge em cheio e estremeço. Encolhida em meu próprio abraço sigo pela estrada de paralelepípedos que leva até a recepção onde o calor do ar-condicionado certamente me trará um pouco de conforto. Uma vez ali, me identifico, e não sou capaz de mascarar o espanto quando sou recepcionada e direcionada a aguardar Otávio em uma sala de projeção, por ninguém menos surpreendente do que Murilo.

— Quando você chegou? E onde Otto está? — questiono confusa ao vê-lo tão confortável e familiarizado com o local de trabalho do melhor amigo.

Ele me oferece um sorriso largo e misterioso, porém não responde a minha pergunta, nem as duas anteriores nem as dezenas que vem logo a seguir. Murilo me leva até uma bancada de madeira posta bem no meio da sala e por alguns minutos se concentra em algo no computador sobre uma mesa ao meu lado. Vez ou outra divide a atenção com um aparelho que segura em mãos.

Percebo que se trata de uma espécie de óculos quando ele o ajusta sobre seus olhos e só o retira quando parece estar convencido de atingir seu objetivo.

— Pode me dizer o que está acontecendo? — peço quando ele finalmente resolve me dar atenção. — Estou ficando nervosa com tanto mistério.

Ele suspira fundo e então quebra o insuportável silêncio.

— Relaxa, Cecília — Murilo me instrui, o que soa mais como uma ordem. — Isso — ele me mostra o objeto em suas mãos — é um óculos de realidade virtual. Vou colocá-lo em você e durante alguns minutos ele será sua única companhia.

Tento protestar, mas ele não permite.

— O que quiser saber depois disso será Otávio que te responderá.

Assinto. Ao que parece, sou parte de uma trama secreta combinada entre eles.

Murilo ajusta o tal óculos sobre os meus olhos e a escuridão então me invade. Fico cega, alheia a qualquer movimento, gesto ou companhia. Tento encontrar o equilíbrio entre a luz e a escuridão enquanto um arrepio macabro me invade após Murilo apoiar meus pulsos sobre a bancada. Suas mãos estão geladas e úmidas e ouço o tilintar de vidro e metal bem à minha frente.

Abro a boca para questioná-lo, mas as primeiras imagens projetadas diante de mim cortam meu raciocínio. Involuntariamente levo uma das mãos a face,

mas sou repreendida pelo amigo do meu namorado que me ordena a nunca, jamais, tocar o objeto sobre meus olhos.

Tenho a sensibilidade de acatar o que ele me diz, não porque lhe obedeco, mas porque de repente estou assistindo o que parece ser ondas sonoras em tom azul sobre um fundo preto, ao mesmo tempo que ouço uma música calma e tranquila.

Sinto meu ritmo cardíaco se estabilizar à medida que a música avança e as ondas começam a dançar se transformando em diversas formas e cores. Estou tão envolvida que não me importo de estar sozinha.

Mas isso não dura muito tempo.

A música por um instante cessa e as formas coloridas se deslocam para as extremidades. O fundo preto dá lugar a imagem de uma praça onde uma jovem bonita aparece andando tranquilamente em sua bicicleta. Ela sorri quando passa por mim, e toca o sino preso ao guidão para chamar minha atenção. Sinto que poderia tocá-la se quisesse.

Um sorriso toma meus lábios quando percebo o que estou vivenciando. Estou completamente imersa em alta tecnologia; não apenas assisto, mas sou parte do cenário de uma fantástica obra que me permite experimentar um ambiente diferente do real, mas tão similar quanto.

A garota da bicicleta está quase fora do meu campo de visão e só então me dou conta de que faixas sinuosas em tom laranja e amarelo a seguem. Um som estridente ressoa e não evito que meu rosto se contorça em uma careta, nem minhas mãos de tapar meus ouvidos. O volume aumenta e desejo gritar, retirar os óculos, mas tão rápido quanto começa ele termina. Sinto pequenos cristais e um gosto ácido na língua. Real demais para o meu gosto.

— A sensação logo passa. — A voz de Otto vem me informar.

O procuro em meu filme, girando o corpo para todo lado. Esbarro em algo concreto, humano, e leva alguns segundos para que Otávio complete a paisagem que me cerca. Seu sorriso é terno, verdadeiro, tão legítimo que me faz replicá-lo em meu rosto.

Ainda o estou admirando quando ele toma uma das minhas mãos e me leva para um passeio pela praça agora cercada por uma diversidade de veículos, pessoas e animais. Buzinas ressoam, celulares tocam, cães latem, e quando volto o olhar novamente para Otávio uma luz contínua emana dele, com cores que variam pelo seu corpo. Sob esse prisma compreendo que parte do cenário é como meu namorado vê o mundo, e o gosto em meu paladar é como ele sente determinado som, embora eu não faça ideia de como é possível, nessa realidade alternativa, que eu possa senti-lo também.

Meu coração aquece e meus olhos pinicam com tal constatação. Com um

pouco de raciocínio todo o mistério está solucionado. Otávio organizou, junto com seu melhor amigo preguiçoso, porém crânio quando se trata de tecnologia, esse momento para que eu pudesse vivenciar da forma mais real possível o mundo que apenas alguém especial como ele tem o privilégio de habitar.

Atiro-me em seus braços e a luz que o envolve passa a me envolver também; se expande como uma enorme esfera de sabão multicolorido, protegendo-nos como se fossemos um precioso e fascinante espetáculo. A complexidade do que experimento é quase impossível de descrever.

Todo o ar que meus pulmões abrigam se extingue quando os lábios de Otávio cobrem os meus. Sinto como se nos beijássemos pela primeira vez e fecho os olhos, me concentrando na nova sensação que atinge meu paladar; um sabor combinado de muitas frutas diferentes.

E, de repente, em seus braços, estou flutuando.

Quando regressamos do beijo, meus olhos procuram se ajustar à luz clara da sala de projeção, e por mais que eu tente, não contendo os soluços. A experiência virtual acabou, mas o gosto ainda é autêntico em minha língua e por isso choro agarrada ao homem que a cada dia mais surpreende e colore meus dias.

Com cuidado, Otávio retira meus óculos de RV e seca as lágrimas que descem incontrolláveis por minhas bochechas. Fungo, respiro fundo, mas a emoção que estou sentindo é praticamente incontrollável.

— Calma, Cecília! — Otto pede com carinho. — Não achei que fosse gostar tanto. — Brinca e sopra a franja que cobre meus olhos.

— Otto — sussurro encarando seus olhos verdes brilhantes. — Otto.

— Hum?

— Aquele é o meu gosto? — questiono em meio a voz entrecortada.

— Não exatamente. — Sorri maroto. — É sabor tutti-frutti da minha goma de mascar — diz ao me apresentar a embalagem vazia.

Sorrio também, mas nas minhas condições não deve ser um sorriso do tipo irresistível.

Enquanto me recupero da onda de choro, Otávio me serve um copo de água fresca de uma jarra sobre a bancada onde antes eu repousava as mãos, e enquanto sorvo um gole do líquido reparo na bandeja recheada de frutas e cristais de açúcar em um recipiente de vidro ao lado. Ali repousam também nossos óculos de realidade virtual e um pequeno embrulho que me deixa levemente desconcertada. Nem quero imaginar o que possa conter lá dentro.

Todo o carinho e cuidado de Otávio são fascinantes, assim como cada um de seus trejeitos e traços. Sou perdidamente apaixonada por ele e nem saberia medir a extensão desse sentimento que me impulsiona a tomar seu rosto em minhas mãos e, entre seus lábios, finalmente declarar: — Eu Amo Você!

Todo o rosto do meu namorado se ilumina e essa sua expressão passa a ser meu propósito de felicidade.

— Obrigado por me roubar esse grandioso feito — ele diz. — Achava que deveria ser eu o primeiro a dizer. Esse seria o desfecho perfeito para a minha surpresa. — Aperta a ponte do meu nariz.

Ignoro seu descontentamento fingido. Agora que comecei, faço questão de terminar.

— Te amo a tanto tempo e não sei por que nunca te disse isso, mas prometo relembrá-lo todas as noites e provar meu amor por você todos os dias. Quero ser capaz de traduzir a matiz de cores que minha voz lhe proporciona, o cheiro do seu sorriso e a luz dos seus olhos em cada gesto meu se for preciso.

— Obrigado — ele agradece e compreende o que dizer tais palavras significa para mim. — Mesmo sabendo e sentindo, de vez em quando é muito bom ouvir.

Otávio passa um dos braços sobre meu ombro e apoia sua mão no meio das minhas costas, antes que eu tenha tempo de adivinhar o que pretende com o gesto sua outra mão sustenta a base da minha coluna e ele me lança para trás. Em reflexo, minhas mãos voam até seu pescoço e basta focar em seu sorriso e olhos pesados de paixão para que todo meu corpo relaxe e eu esteja pronta a vivenciar um sonho romântico bobo.

— Feliz um ano de namoro, vovozinha!

Explodo em uma gargalhada que dura os exatos segundos que a boca de Otávio demora para encontrar a minha, mas todo o encanto do momento se quebra quando Murilo resolve invadir a sala com a batida de uma música pesada tocando no celular. Otto disfarça uma careta e deposita um beijo no meu pescoço antes de me devolver a uma posição confortável, e só então percebo que Cookie está junto do cara que adora estragar os melhores momentos da minha vida.

— Garoto! — Me abaixo para afagar as orelhas do mais novo papai do pedaço. Em resposta à saudade pelas semanas longe de casa, em que ele passou se divertindo em outra companhia canina, Cookie gani, chora e lambe meu rosto.

De soslaio vejo Otávio e Murilo, uma dupla bonita de se admirar, comemorando satisfeitos suas traquinagens. Otávio ri para si mesmo, olhando para mim e Cookie com a cabeça inclinada, em claro sinal de admiração enquanto o amigo tagarela sem parar.

Tentando sustentar a empolgação de Cookie me ajoelho no chão, e em silêncio agradeço aos céus por sua generosidade diária comigo. Sou rodeada do amor que eu sempre quis, sem fazer ideia de que a vida me surpreenderia infinitamente além, com tudo o que eu mais precisava.

Ele não tem asas, mas ainda assim é um anjinho na minha vida; não possui arco e flechas, mas é tão eficiente quanto o cupido em ser capaz de unir

corações. E a prova maior somos Otto e eu.



É enorme a lista de agradecimentos que tenho a fazer e, com a cabecinha avoada que tenho, certamente esqueceria de alguém se fosse citar todos os nomes. Por isso, você que sabe ter feito parte desse projeto, não fique triste se seu nome não for citado, receba meu sincero abraço e carinho e sinta-se prestigiado da mesma forma, pois você foi, e é, peça fundamental e importante na concretização dessa história.

Primeiramente, agradeço a Deus, que inspirou essa história em minha vida e que, em todos os momentos, é o maior mestre que alguém pode ter. Que sempre usa de suas formas surpreendentemente maravilhosas para falar ao meu coração, me provando diariamente que está comigo todo tempo.

Ao meu marido, pelo amor, paciência, incentivo e apoio incondicional. Meu primeiro leitor de todos os capítulos e minha inspiração para construir meus mocinhos.

Às minhas primeiras leitoras dessa obra, Lena Rossi, Debora Marinho, Rebeca Bonetti, Debora Santana e minha xará Janaína Silva, pela paciência de passarem treze meses comigo, com comentários inspiradores e alerta sobre todas as gafes cometidas com tantos assuntos que envolvi em uma única trama.

À Dandara Murad, por me ajudar com o título e me tirar algumas dúvidas sobre sua profissão e sobre a raça linda do Cookie.

À Clys Oliveira, por ser a melhor revisora e amiga em todas as horas.

À Noemi Nicoletti, pela capa maravilhosa que superou todas as minhas expectativas.

À todas as pessoas envolvidas na divulgação de MAC, seja leitores, blogueiros ou bookstagrammers, eu agradeço do fundo do coração a generosidade em doar seu tempo para que o desejo de ajudar uma ONG de proteção animal fosse possível. MAC não chegaria tão longe sem cada um de vocês

E, não menos importante, meu muito obrigada a todos vocês que leram e compartilharam das dores e inseguranças da nossa protagonista, que se emocionaram com ela e que torceram por um final feliz a três. Infelizmente, só posso expressar minha gratidão em palavras, deixar a todos o meu abraço apertadinho de urso e me conformar com a saudade desses personagens que me toma a cada dia.

Obrigada por serem os melhores.

Amo vocês!



Janah Silva é formada em Gestão de Finanças e apaixonada pela arte com as palavras desde a sua adolescência.

Prova viva de que nem só de exatas vive uma pessoa, ela teve sua primeira experiência no mundo literário em 2015, ao escrever seu romance juvenil *Flores Raras*.

Com pouco mais de um ano em sua trajetória como autora, foi uma das vencedoras do The Wattys 2016, o maior concurso online de escrita do mundo, na categoria “Nova Voz”, com o romance “É Tempo de Amor”, que passou por algumas mudanças e ganhou o novo título “Nunca foi sobre nós”.

A autora reside com o marido e seus dois pets felinos em sua cidade natal no interior de São Paulo.

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Biografía](#)